SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

O ORIENTE E A AMERICA

APONTAMENTOS

SOBRE OS

USOS E COSTUMES DOS POVOS DA INDIA PORTUGUEZA
COMPARADOS COM OS DO BRAZIL

MEMORIA APRESENTADA Á X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

A. LOPES MENDES
S. S. G. L.

POR MARES NUNCA D' ANTES NAVEGADOS

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1892

O ORIENTE E A AMERICA

APONTAMENTOS

SOBRE OS

USOS E COSTUMES DOS POVOS DA INDIA PORTUGUEZA
COMPARADOS COM OS DO BRAZIL

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

O ORIENTE E A AMERICA

APONTAMENTOS

SOBRE OS

USOS E COSTUMES DOS POVOS DA INDIA PORTUGUEZA
COMPARADOS COM OS DO BRAZIL

MEMORIA APRESENTADA Á X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

A. LOPES MENDES

S. S. G. L.

POR MARES NUNCA D' ANTES NAVEGADOS

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1892

Convidado pela Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa, em seu officio de 23 de abril ultimo, a fazer parte da Commissão Executiva, que tem de organisar os elementos para a X Sessão do *Congresso Internacional dos Orientalistas* em Lisboa, em fins de setembro d'este anno, sob o patrocinio e presidencia de S. M. El-Rei, e tendo tomado a meu cargo a elaboração de uma Memoria sobre o *Oriente e a America,* julguei que melhor corresponderia ao interesse da Sociedade dando, em tão curto espaço de tempo, não um estudo social, nem a solução de um problema scientifico, mas apenas um ligeiro resumo das impressões recebidas durante as minhas viagens na India e na America do Sul, onde não pude mais que colligir, sem aperfeiçoar, as observações traçadas apressadamente nas paginas do meu Diario.

Está longe de ser completo o trabalho que apresento. Comtudo, não o julgo destituido de interesse, porque pode ser considerado como ponto de partida para trabalhos futuros mais completos, e executados por outros mais competentes nesta ordem de estudos.

Lisboa, junho de 1892.

A. Lopes Mendes.

O ORIENTE E A AMERICA

I

AUTOCHTONES

Os autochtones do Oriente e os da America do Sul, afferrados ás leis tradicionaes e aos seus systemas religiosos, dos quaes derivam os preceitos da vida social e domestica, são ainda hoje o que eram ha milhares de annos, conservando em toda a pureza as suas crenças religiosas, os seus usos, costumes, vestuario, linguagem e tradições historicas.

A sua moral, como a de todos os povos e de todos os tempos, é a mesma planta disposta por Deus no coração de todos os homens, e que firma entre o céu e a terra uma estreita alliança.

As differenças apparentes, que se notam na moral dos diversos povos do nosso planeta, são devidas á diversidade do clima, ao caracter particular das raças, e sobretudo ao regimen alimentar e á educação.

Conforme os elementos que entram na alimentação — poderoso modificador das funcções organicas — assim ella imprime a cada individuo tendencias ethnicas e psychologicas incontestavelmente differentes, e modifica de uma maneira duravel a organisação vital e politica de um povo.

A escola brahmanica, como a pythagorica, admittindo que os alimentos exerciam poderosa influencia sobre as faculdades intellectuaes e moraes, consideravam o regimen

vegetal como o mais favoravel para o desenvolvimento da intelligencia, para a quietação dos sentidos, e para a conservação da vida em commum.

A doçura dos costumes, e a resignação com que os hindús, principalmente os das classes superiores, soffrem qualquer adversidade, é devida á influencia que sobre elles exerce a alimentação vegetal; sendo muito raro ver-se um brahmane possuido de colera, ou entregar-se ao mais ligeiro excesso, tanto em suas palavras, como em suas acções.

Nota-se um facto primitivo na origem da grande familia hindú. É a escravidão. A posse do homem pelo homem, contra o direito natural, que todo o individuo tem á conservação da sua existencia livre, como o mais sagrado de todos os direitos, e que hoje revolta as nossas ideas de justiça, tem suas raizes na desigualdade natural das raças e dos individuos.

Um hediondo sentimento de orgulho e de propriedade impelliu os primeiros habitantes da terra a tornarem-se senhores de seus irmãos, fazendo pezar sobre elles o horrivel dominio, que os nossos orgãos predominantes ás vezes exercem sobre a nossa propria vontade. Este predominio dos fortes é ainda hoje exercido sobre os fracos, a despeito de leis as mais humanitarias; e, por desgraça dos que soffrem, assim será em o futuro.

A India, tendo em tempos remotos caminhado na dianteira da civilisação, deixou depois outras nações tomarem-lhe o passo. Aqui vemos ainda a mulher gentia submersa numa tal inferioridade social, que apenas é tida como um instrumento de prazer, um agente da procreação.

No Oriente como na America, as relações dos dois sexos aborigenes estão ainda taes quaes as exigiam as primeiras precauções para a propagação da especie.

Estas relações assim continuarão de futuro; porque, como a anthropologia debalde tem investigado os segredos da estructura humana; a physiologia indicado em vão as qualidades affectivas; a psychologia a acção incontestavel da mentalidade; e a mesologia deixado de explicar pela in-

fluencia do mundo exterior a causa determinante dos actos, paixões e ideias; assim tambem os sociologistas não podem affirmar a razão porque os homens, desde o selvagem da America e Africa até ás grandes raças da India, da China e da Europa se unem e casam, sem que até hoje fôsse possivel evitar as aberrações psychico-genitas dos conjuges, — a loucura humana — a despeito das mais severas leis civis, moraes e da educação religiosa.

Se exceptuarmos um numero relativamente pequeno de indigenas, que forçados pelas circumstancias ou por conveniencia propria se converteram ao christianismo, a grande massa da população indiana nunca quiz acceitar dos conquistadores europeus mais do que o dinheiro nas suas transacções commerciaes e a protecção nas suas enredadas contendas.

Hoje, como em 1498, quando Vasco da Gama aportou a Calecut, e Pedro Alvares Cabral, em 1500, a Porto Seguro, a população gentia está, como dissemos, no mesmo estado social, o que ao deante demonstraremos com factos por nós observados, depois de historiarmos como é que os portugueses foram á India através de *mares nunca d'antes navegados,* para ali aniquilarem a preponderancia do poder mahometano, que aspirava a dominar em todo o occidente europeu.

II

DESCOBERTA DA INDIA ORIENTAL

D. João II seguindo um plano formado desde muito tempo; e dirigindo um golpe decisivo aos mercadores de Veneza e de Genova, preparava-se para ir direito ao imperio das riquezas e especiarias do Oriente, annullando, no commercio d'aquella parte do mundo, a interferencia dos mahometanos, cujas armas ameaçavam a independencia das potencias christãs da Europa.

Os turcos seguiam o caminho das nações ferozes, que vieram do Arctico subjugar as romanas, para a seu exemplo fazerem o mesmo em todo o occidente europeu. Ás instituições barbaras, que nos opprimiam, succederia jugo mais pesado, se aos vencedores do Egypto não se oppuzesse a gente portuguesa.

Os thesouros da Asia asseguravam aos mussulmanos os da Europa; senhores do commercio, formariam com elle poderosa marinha; com essa vantagem quem poderia obstar á sua entrada em terras europeas? Quem embaraçaria a marcha d'esse povo conquistador pela natureza da sua politica e da sua religião?

«A Inglaterra — diz o illustre abbade Raynal — despedaçava-se pela liberdade; a França pelo interesse dos reis; a Allemanha pela utilidade do clero; a Italia pelas reciprocas pretensões da tyrania e da impostura; a Europa

achava-se coberta de fanaticos em conflicto. Assim exhaurida, que resistencia opporia aos mahometanos? Que seria da liberdade? Morreria, se os portuguezes não embaraçassem o progresso do fanatismo musulmano, fazendo-o parar na impetuosa carreira de suas conquistas, cortando-lhe o nervo das riquezas orientaes no proprio Oriente.»

Constantinopla tinha caido em poder dos mahometanos; a Grecia assim como muitas outras nações haviam-se curvado ao jugo que o audacioso Mahomet II lhes lançára; e a Allemanha e a Italia principiavam a temer uma invasão por parte d'aquelles inimigos. Era, pois, do maior alcance politico, para salvaguardar a Europa de vir a ser invadida pelos mussulmanos, o distrahir-lhes o commercio, e entreter-lhes as hordas aguerridas para o Oriente

Para tal fim já havia meio caminho andado no rumo do sul, faltava comtudo navegar para alem do famoso Cabo da Boa-Esperança; mas ao tempo, já o rumo d'esta navegação era quasi todo sabido no reino, pelas muitas informações que El-Rei obtivera de pessoas competentes, confirmadas mais tarde pelas relações de Affonso de Paiva e de João Peres da Covilhã sobre o Mar Vermelho, o Preste João da Abyssinia e outros reis do Oriente.

Os descobrimentos portugueses, que aproveitaram ao mundo inteiro, iniciados pelo infante D. Henrique com a tomada de Ceuta em 1412, continuaram depois da morte d'este principe e durante o reinado de D. Affonso V, senão com ardor ao menos com perseverança.

D. João II, dando novo e vigoroso impulso a essas arrojadas navegações, começou a dispôr tudo para uma expedição á India, mas a morte não lhe permittiu realisar esse projecto que veiu a ser posto em pratica por El-Rei D. Manuel.

Escolhido Vasco da Gama para chefe, determinou-se que a esquadra se compuzesse de quatro naus: *S. Gabriel,* cujo mando foi entregue a Vasco da Gama, levando Pero de Alemquer por piloto; *S. Raphael* cuja capitania foi dada a Paulo da Gama, tendo por piloto João da Cunha; o *Ber-*

raio que tinha por commandante Nicolau Coelho e por piloto Pero Escobar; e finalmente a *S. Miguel,* que era a nau dos mantimentos, governada por Gonçalo Nunes. Esta pequena esquadra foi tripulada por cerca de 160 ho mens, entre militares e mareantes.

Na sexta-feira 7 de julho de 1497 foram Vasco da Gama, seu irmão Paulo, e Nicolau Coelho velar a noite na pequena ermida do Rastello, que existia onde vemos hoje o templo dos Jeronymos em Belem; e no dia 8, acompanhados de uma devota procissão, se encaminharam os ousados marinheiros para os escaleres que os conduziram ás suas naus.

D'ahi a pouco seguia pelo Tejo abaixo a esquadra que realisou a empreza gigante de que ainda hoje, aniquilado o nosso imperio Indo-Oriental, e perdido para nós o sceptro dos mares, nos resta um monumento immortal — *Os Lusiadas* — e os pequenos territorios de Goa, Damão, Praganã Nagar-Avely, Diu, Angediva, Macau e Timor.

Depois de superar immensas difficuldades, afim de descobrir o caminho maritimo para a India pelo occidente da Africa, aportou Vasco da Gama a Calecut em 20 de maio de 1498, onde reinava o Samorim, um dos maiores senhores da costa occidental do Industão. No seu reino residiam naquella época, como actualmente residem, conservando os mesmos usos e costumes, consoante observámos durante os 9 annos que estivemos na India desde 1862 até 1871, muitos dos mais abastados mercadores musulmanos, os quaes monopolisando o commercio dos mares e paizes orientaes, iam ao mesmo tempo fazendo a propaganda tacita das doutrinas do Álcorão.

A população nobre de Calecut era a dos nayres; uma outra raça, a dos pariás, era ali tão vilmente desprezada que, qualquer nayre podia matar um pariá só porque o encontrasse no caminho sem se ter feito annunciar por meio de certos gritos. Esta condição fatal, peor que a da escravidão, levou muitos pariás a abraçarem o islamismo, e mais tarde o christianismo, com o fim de se igualarem em di-

reitos aos mouros e aos christãos, como mais adeante exporemos.

Affonso d'Albuquerque, conquistador de Goa e fundador do imperio Portuguez-Oriental, debellou os turcos no Malabar, e destruiu no mar Roxo os portos, onde os arabes armavam esquadras, para disputar aos portuguezes o imperio do Oriente.

Collocado no centro das colonias portuguesas, este vulto mais proeminente da nossa epopea maritima e colonial, reprimiu a licença, e firmou a ordem em todas ellas, sempre activo, sabio, justo e desinteressado.

«Que direito não tem — diz o citado Raynal — á nossa admiração os seus illustres companheiros? Que nação tem havido que fizesse tanto com tão poucos meios? Consistia a sua força em quarenta mil homens: com elles fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos do Egypto, os arabes, e todo o oriente de Ormuz, até ás fronteiras da China! Não tocava um a cada cem, no ataque das tropas inimigas, que em geral usavam armas iguaes, na defeza da sua fortuna e da vida. Que homens! Que principios formariam uma nação de heroes?»

Aos portugueses succederam os hollandezes, que em pouco tempo foram substituidos pelos inglezes. Estas duas nações jámais tiveram a grandeza romanesca, que tanto distinguiu os portugueses. Estes mostraram sempre, em qualquer parte, a mesma elegancia e denodo. Os habitantes da India, assombrados de respeito, cederam ao predominio d'esta nação singular.

Mais duas gerações de homens iguaes aos Gamas, Almeidas, Albuquerques, Pachecos e Castros e o nosso imperio Oriental teria ficado inabalavel, como ficou o imperio Occidental que fundámos na America do Sul. Este imperio, hoje *Republica dos Estados Unidos do Brazil,* tem sido e será o continuador da nossa existencia historica no Novo Mundo.

III

GOA—CAPITAL DA INDIA PORTUGUESA

Goa — terra das vaccas — ou *Goe-moat,* que significa terra fresca e fertil, foi a antiga capital do imperio portuguez no Oriente. Situada na orla maritima occidental do Industão, está a NE. da ilha de *Tissuary* ou das trinta aldeias, na margem esquerda do rio Mandovy, 10 kilometros a leste de Pangim ou Nova-Goa, moderna capital da India portuguesa.

É a terra indiana mais favorecida pelo Creador, que offerece paizagens mais encantadoras, e, na opinião de todos os viajantes, o mais esplendido e ameno paiz da costa do Malabar onde se encontra abundante, boa e barata alimentação; sendo os seus indigenas intelligentes e benevolos. Está a 15° 29′ 17″ de lat. N. e 73° 45′ 46″ de longit. E. de Greenwich.

O seu clima é benigno apesar de ser quente e humido. A maior média mensal da temperatura em maio é de 29,4; a menor em dezembro 24°; a média do anno 26°,5 centigrados.

Até os fins do seculo XIV os povos de Goa estiveram sujeitos ao dominio dos soberanos hindús da dynastia Cadame, tributarios dos imperadores de Bisnagar.

Mais tarde (não se sabe precisamente o anno) os arabes, que em 1053 se haviam estabelecido em Goa, convidados

por Zaquexy Cadame, senhorearam-se d'ella, e tornaram-se independentes. Foi este o primeiro governo que tiveram os goanezes, apesar das muitas invasões que já havia soffrido o Industão.

Em 1404 foram os arabes expulsos, e Goa passou outra vez para os hindús, sob o poder de *Vir-Ari-Har Rajah,* chefe de Bisnagar, que a uniu aos seus estados. Assim continuou até que em 1470, sublevando-se os povos de Onor contra os mahometanos ali residentes, e expulsando-os, um grande numero de mouros expulsos, capitaneados por Melique Oum, senhoriaram-se de Goa, e ali fundaram um novo estado e governo.

Em 1491, Issuf-Idalxa, de nação Patane, e rei de Visiapur, estendeu os seus dominios até Goa, e deu-lhe por governador seu filho o principe Xahajad, mais conhecido por Sabayo Dal-Kan.

Tinham decorrido dezenove annos desde a conquista do Concão pelo Idalxá, quando o preclaro Affonso de Albuquerque foi conquistar Goa no anno de 1510, substituindo então o dominio portuguez ao dos mouros.

O insigne conquistador tratou benevolamente os *gãocares* ou senhores da terra, que lhe prestaram homenagem; garantiu-lhes as immunidades e regalias das suas *gaumponas* ou communidades agricolas, ficando elles contribuindo para o Estado sómente com dois terços dos foros e tributos, que pagavam ao Sabayo Dal-Kan.

Quando no seculo XII Portugal fundava a sua nacionalidade na costa occidental da Peninsula Hispanica, com tão numerosos elementos franceses que, modificando profundamente os caracteres ethnicos e psychicos dos Luzitanos, os distanciaram consideravelmente dos Hespanhoes, já os goanezes gosavam de uma alta civilisação, que só mais tarde foi dado possuir aos portugueses.

Assim, o soberano hindú Zaquexy Cadame, que tinha a sua séde do governo em *Gopacpour, Goai, Goam* ou *Goe,* a que os portugueses chamam *Goa Velha* (como denominam *Velha Goa* á cidade fundada pelos mouros) situada

na margem direita do rio *Zuary,* que pelo sul banha a ilha de Tissuary, publicava um *Formão* datado de 975 da era gentilica, ou de 1054 da era christã, exarado no *Liv. das Mon.,* n.º 93, fl. 1396, lançando diversos impostos sobre as embarcações nacionaes e estrangeiras, *que entrarem por caminho de mar nos rios encorporados ao rio nascente da villa de Gopacpour, para com o seu producto se continuar a casa misericordiosa;* terminando nos termos seguintes:

«Quaesquer mercadores de quaesquer partes ou cidades, cada um pagará a cada viagem duas moedas chamadas *Gadiannacas.*

«O *parangue,* que vier carregado de mantimentos, dará um *curó* da marca grande da medição da casa mizericordiosa; e o mesmo dará *manchua,* que carregada vier de mantimentos, e sendo embarcação pequena dará duas medidas ou oitavas da dita medição, o mais genero, que vier pagará com consideração da embarcação.

«Um *gúne* de mantimento pagará um *mané* que é duas medidas ordinarias, e o mesmo dará sendo de especiarias, e o genero que trouxer de summo *dangiddi* dará uma *manuá.*

«De todo o metal, quer seja ouro e prata dará de cada *bhar,* que importa trinta e quatro mãos e meia e algumas *xeras,* um quarto de mão quem o vender, e outro quarto dará o comprador.

«Pagará o vendedor de barco uma moeda de *Gadiannaca,* e outra uma o comprador.

«Pagará o vendedor do *parangue* cinco moedas de *dramos,* e o comprador outras cinco.

«*Mané* uma, e barca, quem vender, pagará dous *dramos,* e o comprador dous *dramos.*

«Casa, palmar, e escrava quem vender, de cada um pagará um *dramo,* e o comprador outro um.

«De todo o genero acima dito, de peso, medida, fructo, e summo será cobrado os direitos desta dita pensão pela medida que serve na casa misericordiosa, da qual medida

não poderão usar os mercadores destas terras, para comprarem qualquer genero, que vier por caminho de mar; e todo aquelle genero de mantimento, fructo, summo, e especie de metal, que acima fica declarado, pessoas que trouxerem, e constrangerem da pensão, em não quererem pagar os seus devidos direitos serão condemnados por auctoridade da real ordem, visto todos os mercadores naturaes destas terras, e muitos estrangeiros dos portos ultramarinos, que de presente estão por sua livre e boa vontade offerecerem, como data voluntaria, para obra de caridade, que se continuará na casa mizericordiosa por serviço de Deus. E outrosim fica determinado que qualquer pessoa rica natural d'estas terras, ou estrangeira que estiver achado, e succedendo fallecer sem ter filho, não pertencerá sua riqueza a el-rei, senão que ao depois de solemnisar sua morte, com grande demonstração de que é devido, o mais que restar pertencerá ao thesouro da casa mizericordiosa; para que succedendo morrer qualquer pobre ou desamparado sem ter posse para despeza da solemnidade de sua morte, se despenderá do thesouro da casa mizericordiosa.»

O sêllo d'este *Formão*, escripto em nome de el-rei Zaquexy pelo brahmane Vissuá Rupo, representa *Naraxium Avatar*, 4.ª encarnação de Vishnú.

Esta casa de beneficiencia gentilica foi, como acabamos de ver, fundada 432 annos antes de frei Miguel Mendes de Contreiras, natural da casa da Anta de Andrães, da comarca de Villa Real de Trás-os-Montes, religioso trinitario e confessor da rainha D. Leonor de Lencastre, esposa de El-Rei D. João II, haver inspirado a esta excelsa rainha a fundação das mizericordias em Portugal.

IV

DIVISÃO DA POPULAÇÃO INDIGENA

Os habitantes da India portuguesa dividem-se em duas grandes classes. A primeira é composta de ranes, dessays e bottos ou sacerdotes hindús; e a segunda comprehende quasi todas as castas de gentios, mas é principalmente formada pelos *gãocares* de raça maratha, *maneis, begarins, roytes* ou trabalhadores agricolas, e pelos *gôlys, gopallas* ou vaqueiros. Estes, vivem nas montanhas das Novas Conquistas inteiramente separados do convivio dos mais hindús, e só entregues á pastoria dos seus gados de raça tão pura e selvatica como elles.

Os marathas, da casta guerreira, ranes, dessays e outros, dedicam-se mais ao serviço das armas e em caçar, que aos lavores da terra.

Os bottos, de casta brahmanica, além das suas funcções religiosas, empregam-se em agricultar os *arecaes* e *deussuns,* usando ainda hoje, como ha seculos, os mesmos instrumentos agrarios, e os mesmos processos de cultura e de industria manufactureira.

Todos elles fallam a lingua maratha, a concany e alguns bottos o sanskrito; raras vezes fallam portuguez, embora Portugal domine naquellas paragens ha 394 annos. Invariavelmente afferrados aos seus usos e costumes, nunca censuram os dos outros povos, por mais estranhos que lhes pareçam. São prudentes, cortezes e obsequiadores,

tanto quanto lh'o permitte a sua religião, que lhes prohibe toda a communicação intima não só com os estrangeiros, mas até com os compatriotas de casta differente.

Os traços ethnicos dos dois sexos gentilícos não differem, em geral, dos americanos e europeus, ou para melhor dizer, da unidade typica da especie humana. Os seus canticos e as festividades populares tambem não divergem das lendas e manifestações religiosas dos aborigenes da *India Occidental* ou America do Sul. Entretanto as diversas castas indianas e as tribus selvaticas brazileiras têem uma physionomia particular; e ainda que ella não seja muito facil de indicar, nem por isso deixa de ser notada pelo observador intelligente.

A estatura dos indios não é inferior á dos povos do occidente da Europa; mas o seu corpo, mais esbelto, mais agil e mais bem disposto, é comtudo menos robusto e menos musculoso, o que se attribue communmente á elevada temperatura do clima, á imperfeição do seu regimen alimentar, ao uso prematuro dos prazeres do amor e ao pouco exercicio. Mas os que trabalham, e que se nutrem de alimentos substanciaes, nem são menos vigorosos, nem a sua força de resistencia é inferior á dos europeus.

«Nos indigenas do Brazil — diz o dr. J. B. de Lacerda — a correlação, geralmente estabelecida, entre o desenvolvimento, dos musculos e a energia da contracção muscular, não existe.»

Este facto foi verificado pelo sr. Lacerda em tres individuos adultos, do sexo masculino, bem constituidos, pertencentes á tríbu dos Xerentes e em dois Botocudos. O dynamometro de Mathieu foi o instrumento empregado para apreciar a força muscular, e fazer-se a comparação entre as indicações fornecidas pelo instrumento applicado áquelles indigenas e a individuos civilisados da raça branca, de musculatura mediocre, e que jámais se tinham entregado a trabalhos braçaes.

A differença foi sempre para mais nos individuos civilisados. Emquanto o maior esforço empregado pelos indi-

genas levava a agulha apenas até o algarismo 120 ou 130 da escala dynamometrica, com o individuo civilisado ella attingia 140 e 160.

A identidade dos resultados em experiencias repetidas não podia deixar duvida de que a força muscular do braço do indigena era inferior á do homem branco civilisado.

Entretanto, facto curioso — accrescenta o sr. Lacerda — aquelles tinham os braços mais musculosos do que estes.

Estudos physiologicos recentes mostram que a contracção muscular é um acto complexo, em que se podem distinguir differentes phases, sendo a primeira a da *excitação latente*. No Alto-Amazonas vimos um selvagem da tribu Jauhar, de grande musculatura, que durante muitas horas manifestou prodigiosa energia muscular, o que está em contradição com as experiencias acima indicadas. D'este facto fallamos na nossa viagem á *America Austral*, notando quam mais energico se mostrou o selvagem, do que o branco civilisado e tapuyo empregados na conducção de lenha para bordo do vapor em que navegávamos, dando-nos em espectaculo a rijeza dos seus musculos e a agilidade de seus movimentos.

A sociedade da India portuguesa é composta de classes heterogeneas: europeus, asiaticos-christãos, gentios, mouros, africanos e descendentes d'aquella primeira e d'esta ultima raça.

Os asiaticos christãos e os gentios dividem-se em castas nobres e plebeas. As nobres compõem-se de brahmanes e *kchatryás* ou quetrys tambem chamados charodós; e as plebeas de vaixás ou *vesías* e súdrás. Além d'estas quatro castas — sacerdotal, militar, industrial e servil — ha tambem a dos pariás ou *farazes*, fructo produzido pelo commercio illegitimo das differentes castas entre si. Estes, que no antigo regimen nem mesmo eram homens, mas sim entes abjectos e impuros que, no tempo em que Vasco da Gama chegou a Calecut, qualquer nayre podia matar, ainda hoje são objecto de repugnancia e desprezo publico, tor-

nando-se bastante a sua presença para inspirar horror a todo o gentio de pura casta.

Os brahmanes, derivados da cabeça de Brahmá, symbolo da sciencia, são considerados superiores a todos os demais homens, e destinados ao sacerdocio, ao estudo e ao ensino.

Os kchatryás ou charodós, produzidos dos braços, indicativo da força, nasceram para governar e combater.

Os vaixás tiram a sua origem do estomago, emblema da alimentação, e por isso têem por obrigação prover ás necessidades materiaes da vida, por meio da agricultura, da industria e do commercio.

Os súdrás, emfim, nascidos dos pés de Brahmá, symbolo da escravidão e dependencia, são destinados a servir as outras castas, e a desempenhar os mais rudes trabalhos.

Consoante os puranas, o arroz forma a base da alimentação gentilica, e é commum a todas as castas. Além do arroz, os brahmanes sustentam-se de laticinios e vegetaes; os kchatryás de vegetaes e ainda de carne, menos a de vacca; os vaixás de fructos, lacticinios, peixes e carnes brancas; e os súdrás, além dos alimentos concedidos ás castas superiores, podem comer de toda a especie de vegetaes e animaes, menos a carne dos bovideos e dos suinos, que é defeza a todos os gentios.

O *caril* é o condimento mais usual. As castas, que devem abster-se de toda a nutrição animal, usam do caril feito simplesmente de fructos ou de legumes, e com elle comem o arroz cosido em agua.

A alimentação está distribuida pelas castas conforme os seus misteres dependem das faculdades intellectuaes ou das forças physicas. É assim que os brahmanes, precisando de maior desenvolvimento intellectual, como dirigentes da sociedade hindú, se sustentam unicamente de lacticinios e vegetaes, e não fazem uso de bebidas espirituosas.

Os mouros — que fallam a lingua chamada *industanica* — e os africanos são actualmente poucos, e sem importancia politica.

Os gentios são mais numerosos, e exercem a industria agricola, a manufactureira e o grande e pequeno commercio; mas aferrados ás leis tradicionaes do brahmanismo, são tambem mais propensos á obediencia que á resistencia.

Os nativos-christãos seguem em grande numero as profissões liberaes: são proprietarios, commerciantes, padres, advogados, medicos, deputados ás côrtes, e entram nos cargos parochiaes, municipaes, da magistratura e das repartições do Estado. Fallam em familia o concany, e nas relações officiaes e civis o portuguez, o inglez, o francez e outras linguas vivas; sabendo melhor o latim que o portuguez, e consideram-se os legitimos senhores da terra.

Os descendentes dos europeus, em tudo parecidos com os descendentes brazileiros, são muito intelligentes e instruidos, poucos em numero, mas de bastante influencia moral. Dispondo outr'ora de grandes cabedaes, raros são hoje ricos; e a maior parte vive dos empregos publicos, e occupa principalmente os postos de officiaes do exercito, o magisterio de ensino superior e altos cargos da administração do paiz.

Europeus são sómente os poucos empregados superiores enviados pelo governo da metropole, e alguns officiaes do exercito do reino para administrar o minguado territorio que nos resta do grande imperio Indo-Oriental-portuguez.

A divisão dos homens pelas castas é ainda hoje, como vimos, a principal forma do estado social dos gentios.

O filho succedendo invariavelmente ao pae; o homem continuando de seculo em seculo com seus habitos e gostos; todas as existencias limitadas a um circulo que se não transpõe; alguma cousa de antigo e tradicional, que lhe rouba mesmo a idea do nascimento; instituições petrificadas como os seus idolos, traçando á creança, ainda no claustro materno, o limite das suas occupações e dos seus deveres, e até das suas ideas; eis o estado de oppressão sob que gemem os autochtones da India, que não têem recebido o influxo da civilisação europea. Agrilhoados á

historia pelos despotismos de uma religião absorvente, não vinga ali o progresso, não raiam ali auroras de liberdade.

Assim na individuação, e na consubstanciação d'este povo, causas innumeras foram intervindo sobre a sua psychica evolução, as quaes ou o ergueram ao mais alto grau de aperfeiçoamento moral, ou o aviltaram ao nivel somenos do bruto, ou ainda, contrabalançadas as acções de progredimento e de retrogadação, deixaram-n'o estacionado nesta asthenia moral em que se ficou, — asthenia mil vezes peor que a morte.

Comparaveis aos povos da India Oriental ou asiatica encontrámos os aborigenes da India Occidental ou americana. Neste continente, ao tempo da descoberta e da conquista hespanhola, havia ali, tanto no Mexico como no Perú, uma organisação social muito semelhante á indiana.

E, com effeito, ali foi encontrado um imperio com o seu governo hierarchico, e uma sociedade com o seu regimen patriarchal. Havia um culto official — o do sol — pendulo do relogio dos seculos, na linguagem epica do poeta dos *Nacher*. Era ali que, nos templos magnificos de prata e oiro, o symbolo rutilante da divindade, e a sua imagem mais fiel nessas regiões ardentes do Equador, tinha o seu esplendido throno.

O imperio foi sepultado com o cadaver de Atahualpa, o ultimo dos Incas. O culto desappareceu com os ornatos dos templos; mas a tradição e a raça indigena ficaram. Os indios do Perú e da Bolivia, e estes principalmente, dedicados ao trabalho, não inuteis e nomadas como a maior parte das tribus brazileiras e dos gôlys indianos, attestam o passado da forte e despotica organisação sob que viviam.

Os Incas successores de Manco Capae, fundador do imperio de Cuzco derrubado por Pizarro, governavam como conquistadores os indios aborigenes, principaes habitantes dos campos, das montanhas e das pequenas povoações do Perú e da Bolivia.

Estes conquistadores penetraram successivamente no solo do antigo Anahuæ; e, — como relata o sr. dr. La-

dislau Netto, distincto escriptor e nosso amigo, na *Revista da Exposição Anthropologica Brazileira*, publicada em 1882, e da qual extrahimos informações valiosas — sabiam de cór a historia de sua peregrinação; mas se d'essas narrativas reunidas nada se tem podido ao certo colher, quanto á origem e á patria dos Toltecas, dos Chichimecas, dos Acolhuas, dos Tlascaltécas e dos Azetécas, sabe-se que professavam o mesmo culto, fallavam a mesma lingua; pertenciam á mesma raça e construiam os mesmos templos pyramidaes como os industanis, a que chamavam *teocallis*. É, portanto, evidente que haviam habitado, senão as mesmas paragens, ao menos, paizes vizinhos, e pois que davam á sua patria os nomes de Aztlan, de Teocolhuau, de Gopalla, de Huchuetlapallau e de Amaquemecau, facil seria o achar-lhes a origem — diz o sr. L. Netto — se possivel fosse descobrir, através do espesso manto dos seculos decorridos, um paiz ao noroeste da America, ou no oriente da Asia, que houvesse sido assim chamado.

Não será Gopalla fundada por algum ascendente dos gopallas indianos? Se assim é, ahi tem o illustre escriptor brazileiro a origem dos seus autochtones.

Quanto a nós, continuamos sem saber se foram os orientaes que primeiro passaram para a America, ou se os americanos para o Oriente asiatico; porque a respeito dos povos da peninsula iberica tambem ainda hoje estão sem resposta acceitavel ás seguintes interrogações: Serão elles os ultimos restos dos autochtones da Europa, vencidos pelas emigrações asiaticas da raça aryana? Teriam elles vindo da America gradualmente por estações intermediarias, passando de umas para outras ilhas actualmente desapparecidas, mas vagamente conhecidas dos antigos sob o nome de Atlantide?

Todos os povos do orbe terraqueo se attribuem origem imaginaria; por isso é justissimo que os indigenas brazileiros tenham tambem a sua, dizendo que os Atlantides, povos do occidente da Africa, se passaram para a America, e fundaram o imperio Mexicano, e mais tarde o Peruano.

Os indios do Brazil, sendo os mais ignorantes, não conheciam as suas tradições, e apenas diziam que escaparam ao diluvio universal; no entanto os *Tabayaras* de Pernambuco, se suppunham os primittivos habitantes do Brazil e senhores de toda a região da America do Sul.

Para os justificar refere Mr. Ferdinand Dénis, que o principe de Nassau, enviando um hollandez ao interior da capitania de Pernambuco, encontrou duas pedras perfeitamente redondas e sobrepostas: a maior tinha desesseis pés de diametro, e havia sido collocada sobre a menor. O mesmo explorador hollandez, encontrou tambem grande numero de marouços ou montes de pedregulho, evidentemente feitos pelas mãos dos homens, e os comparou com os dolmans, monumentos toscos — *antas* e *antinhas,* como ha muitas em Portugal — que vira em Dzenthe e na Belgica, sem dizer se estas pedras são monumentos mégalithicos, o que parece serem, a dar credito á narração feita por Koster que, viajando no Parahyba do Norte, diz ter visto um padre occupado em desenhar uma pedra, em que havia figuras desconhecidas.

Como em Portugal as *antas,* e na India os *houris* dos Pandáos, tambem em Minas Geraes e principalmente no Piauhy, se encontram d'esses monumentos préhistoricos e muitas inscripções.

Não obstante as crenças dos *Tabayaras,* a tradição entre elles é confusa sobre a raça primitiva dos autochtones brazileiros.

Os monumentos de Cuzco, o templo do sol, o palacio dos Incas, a fortaleza do cerro Saesahuaman e outras, attestam o immenso trabalho dos indios sob o governo dos Incas. Garcilasso de la Vega, descendente dos soberanos de Cuzco, pretende que 20:000 trabalhadores fossem empregados durante 50 annos na construcção d'aquella fortaleza. O indio, tanto asiatico como americano, é com effeito dotado de uma paciencia inexcedivel. As missões correntinas e paraguayas ao sul do Brazil revelam o mesmo.

O indio, escreve Grandidier, trabalha lentamente, sem

desaminar deante das difficuldades, nem com a duração da obra que começára. «Eu vi na Paz — accrescenta elle — um operario boliviano que, trabalhando todos os dias, não tinha gasto menos de um anno na esculptura apenas de um capitel para a cathedral». Tal é o caracter d'esse povo.

Demais sabe-se que o governo dos Incas era já baseado sobre o trabalho constante e forçado da classe baixa como na India Oriental. Os impostos que cada cidadão tributado devia ao Estado, pagavam-se em prestações de objectos em ser; cada indio devia cultivar os campos pertencentes quer á divindade protectora, quer ao monarcha. É assim que se explica a incrivel perseverança dos bolivianos que fazem a navegação dos rios e particularmente a penosa travessia das cachoeiras do Madeira, e a não menos custosa travessia dos Andes, que elles passam tomando sobriamente a *chica*, e mastigando a *cóca*, como os *roytes* indianos atravessam a cordilheira dos Gattes, comendo apenas a *ápa de nachinim* e mastigando bétle (*chavica betle*).

Estes desgraçados indigenas vivem numa extrema penuria; e vivem assim, porque quanto produzem é para pagar a renda ao Estado, e contribuições ás auctoridades locaes que, muitas vezes, depois da colheita dos fructos da terra, não lhes deixam o necessario para a sua parca alimentação, não podendo reservar um fundo sufficiente, para bemfeitorias, custeamento das terras que cultivam, gados e trem de serviço, necessario a uma boa cultura.

V

GAUMPONAS OU COMMUNIDADES AGRICOLAS

Na India portuguesa a propriedade territorial, que data de remota antiguidade, foi distribuida mais entre communidades, que entre individuos. Os mais antigos documentos descrevem a população agricola como aggregada em grupos denominados *gãos* ou aldeias, tendo ligada á parte em que residiam, um trato de terra cuja porção cultivavel fosse sufficiente para seu sustento e que era cultivada em commum. A administração interna dos negocio da aldeia foi deixada em grande parte aos proprios habitantes, sob a geral superintendencia de um official nomeado pelo Rajah, a cujo cargo estava o regimen policial, a cobrança das rendas do Estado e a administração da justiça, sob consulta das principaes pessoas da aldeia.

Estas *gaumpónas* têem sobrevivido ás dynastias, invasões e a todas as commoções politicas.

«Pode uma aldeia por effeito de pilhagem e matança, — diz J. Talboys Wheeler — ter ficado despovoada por annos que, quando volverem tempos tranquillos, e a posse do terreno for ainda possivel, os aldeãos dispersos tornarão ás suas antigas habitações. Pode ter passado uma geração, mas succederá que se os seus filhos voltarem a restabelecer-se na aldeia em seu antigo sitio, reedifiquem as casas que seus paes occupavam, e novamente cultivem os cam-

pos que suas familias possuiram desde tempo immemorial.

As communidades agricolas —escrevia o nosso saudoso amigo conselheiro Cunha Rivara, secretario do governo geral da India portugueza— são corporações de ordem publica com um extenso poder municipal, e jurisdição administrativa, fiscal, judicial e eleitoral, e se bem que com os tempos tenha havido em alguns d'estes pontos tal ou qual alteração, que não infringe, nem contradiz os principios. Provam-no as leis, referiu-o a historia, e vemo-lo por nossos olhos.»

Da maneira como primeiramente se organisaram as gaumpónas, nada sabemos. A tal distancia, os individuos confundem-se nas familias, as familias nas raças, as raças na nação, e a nação nos principios da humanidade.

O que sabemos é que os seus primeiros povoadores, ou pelos menos aquelles de que temos memoria, se dividiram em familias chamadas *vangôres*, e que estes foram classificados conforme a importancia dos elementos de producção por elles prestados a favor da communidade, em 1.º, 2.º e 3.º vangôr, e assim por deante.

A area territorial foi dividida em *málos* ou provincias, e estas em *gãos* ou aldeias. Cada *gão* formou uma communidade agricola, que tinha e ainda tem o seu regimen interno, achando-se ao mesmo tempo confederadas, principalmente nas Novas Conquistas, sendo cada uma d'ellas representada por um *vangôr* nas deliberações de commum interesse, que é discutido num corpo central chamado *Gaumpón* ou camara agraria, que tem a sua séde na capital da provincia onde se reunem os principaes *gãocares* ou aldeãos, representantes de cada aldeia.

As *gãocarias* compõem-se de *vaddós* ou bairros; e os terrenos adjacentes a estes pequenos aldeamentos dividem-se em terras de primeira e segunda qualidade.

Das terras de primeira qualidade —solos proprios para os arrozaes— destinaram uma parte para o seu producto ser applicado ao culto religioso e manutenção da adminis-

tração; outra, maior, foi reservada para conservação e progresso da communidade; e uma terceira com a designação de *nellis* e *namoxins,* é destinado para sustentação dos servidores da gaumpóna.

As terras de segunda qualidade chamadas *moródas*, solos appropriados á cultura do coqueiro ou *maddo (côcos nucifera),* arequeira *(areca catechu),* cafeeiro *(coffea arabica),* canna saccharina ou *ússe (saccharum officinarum),* gengibre ou *allem (A. zingiber),* mangueira ou *ambó (mangifera indica),* jaqueira ou *ponôsso (artocarpos integrifolia),* cajueiro ou cár *(anocardium occidentale),* tamarindeiro *(tamarindus indica)* e outras arvores fructiferas; para o cultivo do nachinim *(delichos biflorus),* urida *(phaseolus max.),* múgo *(phaseolus radiatus),* pacôl *(panicum italicum),* tory *(cajanus indicus),* colita *(dolichos uniflorus)* e outras plantas gramineas e leguminosas, foram igualmente divididas em tres partes. Uma com o fim de ser o seu rendimento applicado á construcção e conservação dos *devalens* ou templos gentilicos nas Novas Conquistas, e nas Velhas — Gôa, Bardez e Salcete — dos templos christãos, e á sustentação dos individuos encarregados do culto e do ensino; outras á construcção e conservação das estradas publicas; emfim, subdividiram a terceira em aforamentos: uns com o fôro de *cotubana* ou permanente; outros, com o fôro de *seristó* ou da contagem das arvores fructiferas; e os terceiros com o fôro de *alvidração* ou avaliação annual dos productos dos cereaes e legumes.

Feita a divisão das terras de cada communidade, os *múlys,* primeiros gãocares ou senhores d'ellas, ajustaram cultivadores denominados *culacharins* e *jonoeiros,* para as cultivarem, e diversos servidores e artifices, para exercerem os differentes misteres agricolas, industriaes e domesticos. Estes servidores chamados *kulumbys, begarins* ou *roytes* e artifices pertencem todos ás castas inferiores da sociedade indiana.

Depois crearam *jónos* e *fateosins, tangas, arequeiras* e *melgas,* que são especies de acções, cujo numero é inalte-

ravel. Estas rendas variam consoante os primitivos estatutos.

Mais tarde promulgaram impostos, contribuições, exclusivos e fizeram o cadastro das propriedades. Semelhantemente estabeleceram entre si o *mandavoly* ou regras fixas para o cultivo das terras em commum, e das particulares; crearam a policia rural, a vigía das varzeas e palmares, e, finalmente, fundaram a instrucção publica obrigatoria para as classes superiores, e as funcções dos colonos e dos servidores.

Estes variados assumptos careciam todos de ser regulados; e d'este modo a agricultura occasionou a promulgação de grande numero de leis peculiares sobre a gerencia economica de cada uma das gaumpónas em especial, assim como de todas as gãocarias em geral, no que diz respeito á administração criminal e civil, conforme os interesses moraes e materiaes d'estas importantissimas e singulares sociedades agricolas indianas.

Estas venerandas associações bem podem um dia ser riscadas do livro da existencia social; mas quem tal fizer, em breve se arrependerá da sua imprudencia, como os inglezes que, já uma vez as desorganisaram, para pouco depois as restabelecerem sobre as bases primitivas. Em algumas d'estas sociedades o que ha a censurar são os maus administradores, motivo por que o decreto de 15 de setembro de 1880, reorganisou a sua administração, introduzindo na sua legislação todos os principios liberaes compativeis com as condições especiaes do paiz e com a segurança dos creditos d'ellas.

Se o socialismo moderno pudesse tirar do mundo os peccados contra o sexto e o setimo mandamentos do Decalogo, o seu problema de igualdade e fraternidade social ficaria immediatamente resolvido. Não podendo isto ser, porque é que os novos socialistas não tomam por modelo as communidades agricolas indianas, onde cada individuo colhe o producto do seu trabalho na proporção das energias que emprega em favor do corpo social?

No mundo houve, ha e ha de haver sempre pobres e ricos, tolos e avisados, interesseiros e desinteressados, exploradores e explorados, sentimentos estes devidos ao temperamento, á indole e educação individual. Ora, se é nisto que consiste a grande harmonia do orbe terraqueo organisada por Deus, como é que o socialismo moderno a poderá alterar sem fazer com que a terra produza muito alimento e barato?

Com fome é que nenhum povo se pode manter unido e disciplinado.

«É ao corajoso esforço e constante trabalho empregado pelo brahmane desde a *Kali-yuga*, idade do ferro ou da mizeria — diz um escriptor indiano — que se deve a maravilhosa organisação das communidades agricolas. A terra abandonada e inculta é um logar de maldição e horror: sendo, porém, cuidadosamente tratada desata-se em fructos e alegrias para o homem. Prestamos, portanto, honrosa homenagem á santa divindade agricola — *Laximiny* — que nos nutre, não estando nunca ociosos e praticando sempre boas obras em beneficio da humanidade. Quem lança á terra sementes bem desenvolvidas e fortes é tão grande como se fizesse dez mil sacrificios á divindade».

A agricultura no territorio goanez, apezar da sua magnifica organisação primitiva, longe de se ter desenvolvido com a conquista portuguesa, permaneceu estacionaria durante dois seculos e meio sob o dominio da rotina, achando-se ainda hoje como que envolvida nas faxas da infancia, não obstante os cuidados que lhe foram dedicados pelos frades, e mórmente pelos jesuitas — um dos quaes chegou a escrever uma *Arte de cultivar o coqueiro,* — e a despeito ainda do impulso que o marquez de Pombal lhe deu em 1771 e em 1776, com a creação da intendencia de agricultura e outras providencias, taes como a isenção de dizimos, durante dez annos, para as novas culturas, e a formação de uma junta agricola, composta do governador geral do estado, chanceller, secretario do governo, intendente de agricultura, e de um proprietario-lavrador de

cada comarca e provincia, providencias estas, que vigoraram até 1834.

Entretanto, é innegavel que a cultura do arroz e do côco tem augmentado nestes ultimos tempos, posto que ainda seja o arroz produzido insufficiente para assegurar a base da alimentação dos quinhentos mil habitantes de toda a India portuguesa, pelo seu terreno não possuir hoje a uberdade da virgem terra brazileira, onde o arroz, cultivado principalmente nos terrenos alagadiços das provincias do Maranhão e de Santa Catharina, produz 1:000 sementes por uma!

VI

ARROZ

O arroz — *oryza sativa* — é a graminea que o agricultor indiano cultiva com mais esmero, e um dos mais importantes productos alimentares da India. Usa-se d'este cereal em tudo: na alimentação ordinaria, preparado de diversos modos; em massas e doces; nos preparados pharmacologicos; em alguns juramentos, e nas cerimonias do rito gentilico.

Os gregos e os romanos recebiam-no do Oriente, mas em pequena quantidade, para empregar na medicina. Depois d'isso, a sua cultura estendeu-se até á Europa, sendo o Piemonte a região mais septentrional em que se cultiva, e á America onde, como dissemos, produz 1:000 sementes por uma.

A relação da producção com a semente empregada, na India portugueza, varia segundo a natureza e qualidade do terreno. Nas margens dos esteiros é, no *serodio* ou primeira cultura annual, termo médio, 18 : 1, variando conforme as localidades de 6 a 25; nas *vanganas* ou segunda cultura, que leva de mais um quarto de semente, a relação é de 1 para 15 a 20; e nos terrenos de sequeiro, de 1 : 8. Esta pequena producção é devida ao esgotamento da terra, ao mau amanho do solo, e á falta dos indispensaveis adubos, inteiramente desnecessarios no Brazil onde a virgin-

dade do seu terreno contribue para o resultado maravi lhoso das colheitas.

O arroz ou *batt,* como se denomina en concany, possue uma pequenissima percentagem da verdadeira materia nutritiva; e o seu valor, segundo Fromberg, comparado com o de 100 de ervilha é sómente 35, emquanto que o do centeio é 73, do trigo 75, e de feijão, que nasce expontaneo em algumas localidades brazileiras, produzindo oitenta sementes, é de 80.

Contém, portanto, grande porção de materia carbonacea, de que pouco se carece nos climas quentes, e pouca materia nitrogenia, que é necessaria para se fazerem os tecidos animaes, especialmente nos tropicos, onde a perda é mais rapida do que nas zonas temperadas.

A quantidade de materia carbonacea tem uma notavel influencia nas doenças, especialmente nas febres indianas; mostrando a experiencia que os que vivem exclusivamente d'esse mantimento têem mais curta longevidade. Se os europeus estivessem sujeitos a uma alimentação de arroz, tornar-se iam tão languidos e degenerados como são geralmente os brahmanes e os hindús de castas superiores.

Sem embargo de não estarem exclusivamente sujeitos á alimentação de arroz, diz mr. Ewart, o vigor dos europeus tem desapparecido na presidencia de Bengala em dez annos e meio; na de Bombaim em treze annos e tres mezes; na de Madrasta em dezasete annos. Termo médio, em toda a India, treze annos e meio.

Deve-se á grande quantidade de materia amylacea, que contém, o poder fornecer muito alcool, a que os chins chamam *arach,* obtido pela fermentação. Suas propriedades medicamentosas são manifestas. É empregado com vantagem nas inflammações de todas as mucosas e sobretudo das intestinaes. Seus bons effeitos são devidos mais ás suas qualidades adoçantes, do que á acção adstringente que lhe suppunham os antigos.

Durante muito tempo considerou-se o arroz como não contendo senão ligeiros traços de gluten; hoje, porém, as

analyses, feitas nestes ultimos tempos, têem provado que nelle se contém uma notavel quantidade d'aquella substancia. Assim, segundo Braconot, a farinha do arroz encerra:

Amido	85,0
Parenchyma	4,8
Gluten	3,6
Assucar incrystallisavel	2,9
Gomma	0,7
Oleo, saes e enxofre.	

Conforme M. M. Payen e Boussingault, a farinha de arroz contém, média, 7,5 de gluten e albumina.

O arroz indispensavel para alimentação diaria de uma familia composta de quatro pessoas é calculado, pelo menos, em *3 medidas* ou *pôris*. Uma medida é menor do que um litro. O litro está para o *pôri* como 1 : 099825.

Na India portugueza dá-se o nome de *batt* ao arroz com casca, e o de *tandul* ao descascado.

Originaria da India oriental, esta interessante graminea é conhecida de quasi todos os povos. Como todas as plantas cultivadas de longa data, apresenta grande numero de variedades. No Estado da India portugueza divide-se em dois grupos: arroz com pragana e arroz sem pragana. O primeiro chama-se *cumsachembatt;* e o segundo denomina-se *mottembatt.*

As variedades mais cultivadas são as seguintes:—*asgó, asguy, babry, belló, beily, bilaré, calaqui, calló, caró-asgó, caró-quendaló, calassó, carguntó, cotombarsal, dangó, dongorem, dovem-bim, dovi-patny, girisal, normaré, conchoró, conchery, savó-quendaló, sirto, sirty, suncoly* e *tambaipatny.*

Os *bhuins* ou terrenos destinados á cultura do *batt* são quasi horisontaes, ou de um declive suave para facilitar as regas ou innundações, condição indispensavel á prosperidade dos arrozaes.

A *ompon* ou sementeira é feita para o *serodio* em fins de maio, época em que começam as chuvas de *Rohiny;* e para a *vangana,* em principios do mez *cartico* ou novembro.

Quando o arrozal adquire uma côr amarella carregada, signal de que o grão está maduro, o que de ordinario acontece tres mezes depois da *ompon*, procede-se á *lunvitá* ou colheita.

Terminada a *molny* ou debulha, limpam o grão e juntam-no em um lado da *qhal* ou eira para ser avaliada a sua quantidade.

Depois, o *múly* colloca um côco no centro do *qhal*, e com um *dal* ou cesto de bambú, vae medindo e lançando o *batt* sobre o côco, e ao mesmo tempo avaliando em voz alta o numero de *curós* que produziu o arrozal.

Nas provincias das Novas Conquistas, o arroz não se pode levantar da eira sem que differentes individuos venham receber certa quantidade da producção. O primeiro é o empregado da fazenda publica, que recebe a parte pertencente ao Estado; segue-se o *nacornim* ou escrivão administrativo, que recebe um *curó* ou 7,986 litros; depois o *taxilidar* ou cabo de policia, que lhe compete um *paili*, igual a 4 *pôris*, sendo o *pôri* pouco menos de um litro; seguidamente o brahmane sacerdote, que leva um *curó*, e a *bavina* ou servidora do pagode, que recebe um *paili*. Nas Velhas Conquistas —Ilhas, Bardez e Salcete— procede-se de igual maneira, com a differença, porém, de que, em vez do brahmane é o padre catholico, em logar da bavina, é o sacristão, o dizimeiro, ou empregado da fazenda publica, o medico, o advogado, os artifices e outros servidores da communidade agricola.

Satisfeitas estas contribuições estabelecidas pelos antigos usos e costumes hindús, o arroz que fica na eira é dividido proporcionalmente em tantos quinhões, quantas foram as pessoas, ou *vangôres* que concorreram com o seu trabalho e capitaes para o produzirem.

O arroz é encelleirado em *cuddos* ou esteiras organisadas de verga de bambú, e em *muddys* ou fardos feitos de palha do mesmo arroz.

A palha retraçada fica na eira formando o *cuddem* ou palheiro de forma conica, onde os bois e os bufalos vão

procurar mantimento, quando a secura do terreno tem feito desapparecer de todo as hervagens.

Para ser consumido é, o arroz, primeiramente cozido, e, depois de secco, descascado mediante o *mussó* ou pilão. Esta operação denomina-se, em linguagem do paíz, *sólitá*.

Chama-se *sitó* ao arroz cozido em agua e sal. Assim preparado, usam d'elle nas refeições, misturando-lhe o *caril*, que é uma especie de molho semiliquido, composto de especiarias, summo de tamarindo, côco, carne ou peixe misturado, sendo a parte radical a pimenta longa, a malagueta e a pimenta redonda *(Piper nigrum)*. Os hygienistas indianos consideram estes e outros condimentos excitantes, tomados com moderação, como indispensaveis para manter boa saude e prophylaticos dos excessos de transpiração. Com o caril usam tambem do *papari* ou ápa mui delgada feita de farinha de nachinim, amassada com especiarias e frita numa frigideira de barro. No Brazil, e principalmente na Bahia, é o *matapá* que, como o caril na India, serve de condimento em quasi todas as operações culinarias.

O arroz é tam importante para os indios do Oriente como a mandioca para os do Occidente, a qual é não só o pão do selvagem americano, mas a substancia donde extrahem diversos vinhos espirituosos, como o *kauim*, a *maniquera*, o *puchirum* e outros.

VII

PORTUGAL E COLONIAS

Portugal, dominado pela ambição desmesurada de tudo querer possuir, nunca lhe foi possivel constituir solida e proficuamente as suas possessões ultramarinas.

Não se dilatou pelas costas da Barbaria, que tinha de porta aberta; senhoreou, mas não poude completar a civilisação da Africa occidental e oriental, que em breve perderemos se os nossos governos não curarem devidamente do muito que ainda ali possuimos; não se estabeleceu de um modo perduravel na India, China e Oceania; emfim, soube fazer mas não conservar o Brazil, a quem nos ligam poderosas tradições de familia e interesses moraes, sendo de todas as conquistas do ultramar a unica destinada, como já escrevemos, a perpetuar a nossa existencia historica.

O marquez de Pombal, prevendo a possibilidade de perdermos a nossa autonomia na Europa num futuro mais ou menos proximo, se não tivermos mais abnegação e juizo para nos governarmos, pretendeu remediar os erros de nossos maiores e os desastres soffridos com o dominio dos Filippes de Castella, formando um grande imperio colonial na America do Sul, por se achar mais perto da metropole. Para isto abandonou a India aos seus proprios recursos, e principalmente a Africa, onde até aos fins do seculo XVIII, em Rios de Sena, Zambezia e S. Thomé se cultivavam em larga escala os productos coloniaes, que passaram a ser

cultivados no Brazil, deixando definhar as colonias africanas numa apathia proxima do aniquillamento.

De Africa começaram então os negreiros a levar numerosos braços escravos que deviam substituir o nostalgico indio na grande lavoura, como hoje o nosso desgraçado trabalhador agricola é levado com falsas promessas, deixando ermas povoações inteiras e sendo uma das maiores causas da ruina de Portugal, para substituir o preto emancipado em virtude da lei brazileira que, completando a obra iniciada pelo visconde de Rio Branco em 28 de setembro de 1871, deu a liberdade a todos os escravos do Brazil. Esta lei, levada ao parlamento pelo illustre estadista sr. João Alfredo, foi decretada pela excelsa princeza regente, D. Isabel, em 13 de maio de 1888.

Dezenove annos antes, egual medida libertadora foi promulgada pelo marquez de Sá da Bandeira, que a firmou com o seu nome e com o de todos os seus collegas de gabinete, em 25 de fevereiro de 1869, abolindo a escravatura em todo o reino de Portugal e nos seus dominios, o que em virtude da lei de 1858, só vinte annos depois devia terminar; ficando comtudo até 1878 os escravos, que passavam a libertos, a dever serviços aos seus senhores. Mais tarde, e antes do praso marcado, completava João de Andrade Corvo, que tão notavel se tornou na nossa historia ultramarina, a obra do seu predecessor. Este estadista, por decreto de 20 de dezembro de 1873, prohibiu tambem a emigração dos *coolis* chinezes, que por Macau se fazia para a America. Todavia, semelhante acto administrativo, embora dictado por generosos sentimentos humanitarios, ia arruinando a nossa colonia macaense, sendo aliás muito proveitosa para Hong-Kong, por onde actualmente se faz, agora sem escrupulo da consciencia ingleza! O mesmo succedeu com a exportação do opio indiano para a China que, *sendo nocivo aos chinezes,* quando feita por portuguezes, passou a ser *altamente salutar*... quando exercida em mais larga escala, e com vantajosos proventos, pelo commercio inglez!...

D. João III, desejando oppor combatentes valorosos e desinteressados á tenacidade pagã nas suas conquistas do Oriente, pediu ao papa Paulo III missionarios para a conversão dos infieis. Em consequencia d'este pedido, chegou a Goa no dia 6 de maio de 1542, em companhia do vice-rei Martim Affonso de Sousa, o mais distincto missionario, um reformador poderoso que ao temor de Deus e á santidade de costumes alliava uma perseverança proverbial e uma inspirada dedicação evangelica. Este reformador era o mestre Francisco de Jasso e Xavier, que hoje se venera na egreja do Bom Jesus em Goa e em todo o orbe catholico, como glorioso apostolo das Indias, S. Francisco Xavier.

Sete annos depois, em 1549, o mesmo rei D. João III, com igual intuito, mandou para as suas conquistas do Occidente, com o primeiro governador geral, Thomé de Sousa, o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que chegou ás *Terras de Santa Cruz* acompanhado por uma missão de jesuitas, entre os quaes foi o preclarissimo padre José de Anchieta, cognominado o S. Francisco Xavier do Brazil, que, sendo mais tarde seguido dos missionarios Ignacio de Azevedo, depois martyrisado, Antonio Vieira e outros, prestou grandes serviços aos indios americanos e excellentes subsidios á nossa Historia patria.

As ordens monasticas distinguiram-se pelas suas luzes no meio da tenebrosa ignorancia da época em que tiveram origem; prestaram ás nossas Indias oriental e occidental, ou asiatica e americana, como ao mundo, extraordinarios serviços; mas, havendo esquecido o primeiro voto da vida do claustro que é o da pobreza, trahindo a santidade da sua missão, trocando a singeleza da vida e a paz da consciencia, que as distinguiram, pelas intrigas da politica e pela ambição de riquezas e do poder, converteram os mosteiros, outr'ora melancholicos logares de isolamento e de paz, em focos de corrupção.

Pervertido o espirito dos conventos, que tinha sido o socialismo christão aconselhado aos que queriam viver de um

modo mais perfeito, e foi a principio altamente civilisador, porque nasceu do desinteresse e não da cobiça; tendo-se depois estabelecido a intolerancia dos catholicos, em virtude do espirito da época, para com hereticos e idolatras mais abastados, guerreados a todo o transe pelo tribunal da Inquisição, tristemente celebrado na historia de Goa, pela longa serie de infamias e de crimes, resultou d'aqui o primeiro passo para a manifesta decadencia do glorioso imperio do Oriente portuguez que, com espanto do mundo, dominava uma extensão de 20:000 kilometros, estando actualmente reduzido aos pequenos e dispersos territorios de Goa, Damão, Praganã Nagar-Avely, Diu, Angediva, Macau e Timor.

Contra estes males sociaes, só muito tarde e quando já eram incuraveis, por haverem fugido os maiores capitalistas para a India ingleza, onde a tolerancia religiosa lhes garantia as suas pessoas e bens, se procurou dar remedio com a carta regia de 15 de janeiro de 1774, que garantiu aos habitantes não catholicos os seus usos e costumes religiosos e civis.

Com relação aos gentios das Novas Conquistas, Damão e Diu, foram esses usos e costumes mandados codificar em 1851, e o respectivo codigo posto em vigor por portaria provincial de 14 de outubro de 1853 e portaria regia de 4 de dezembro de 1865, e decreto de 18 de novembro de 1869.

Por decreto de 14 de setembro de 1880 mandou-se proceder á desamortisação dos bens das corporações administrativas, ecclesiasticas, irmandades e confrarias.

Por decreto de 15 do mesmo mez e anno foram reorganisadas as associações agricolas denominadas communidades, regulando a sua composição e administração.

Ordenou-se igualmente a desamortisação dos bens da fazenda publica em Goa, Diu e Damão, por decreto de 15 do mesmo mez e anno.

Foi reformada a circumscripção administrativa e militar das Novas Conquistas, organisada a policia nellas, creadas

novas parochias, escolas, e augmentado o numero de facultativos civis por decreto de 14 de dezembro de 1880.

Por decreto de 15 do mesmo mez e anno foi regulada a propriedade dos dessayados, que se manteve aos respectivos mercenarios, permittindo-se a remissão dos foros, declarando-se alienaveis, partiveis e transmissiveis por successão todos os bens dos dessayados.

E finalmente, por decreto de 16 de dezembro de 1880 foram regulados e mantidos os usos e costumes dos hindús das Velhas e Novas Conquistas, com relação á constituição das familias, casamentos, successões, contratos e outros assumptos concernentes á vida social dos mesmos hindús.

Nos primeiros trinta annos depois da conquista da India pelos portuguezes, coubera exclusivamente aos religiosos franciscanos a gloria da conversão de numerosos proselytos indianos; não se circumscrevendo sómente a sua missão aos dominios de Portugal, mas abrangendo tambem muitas paragens do Industão.

Assim foi que Fr. Antonio do Casal pregou a fé de Christo em Damão, Baçaim e suas jurisdições.

Fr. Antonio do Porto converteu os infieis nas terras do norte, onde derruiu os pagodes para em seu logar erigir igrejas, deteriorando as seculares esculpturas monolithicas da Elephanta em Bombaim (hoje tão consideradas pelos inglezes) e cathechisando muitos joguys e fakirs.

Fr. João Loria e fr. Antonio de S. Francisco internaram-se na provincia do Decan, para evangelisar os povos do reino de Nisamaluco.

Fr. Pedro e fr. Clemente apostolaram no reino de Hidalkan com incontestavel proveito para a christandade.

Fr. Henrique cimentou a crença em Meliapor, onde se achavam depositadas as reliquias do corpo do apostolo S. Thomé que, depois de pregar em Edessa junto com S. Thadeu a doutrina do Divino Mestre, fôra no anno 35 da era christã evangelisar na India, onde convertera não só o povo, mas muitos reis e dominantes.

Fr. Xisto e fr. Francisco Gallego sacrificaram em Cochim suas vidas a favor da exaltação do nome de Christo.

Fr. Martinho da Guarda, fr. Estevão e fr. João de Elvas regaram com o seu sangue a arvore da fé em Cananor, onde fr. Vicente de Lagos conseguiu á força de suas grandes virtudes, soffrimentos e fervorosas predicas, a conversão da familia real de Tanor, que foi a Goa receber do primeiro bispo D. João de Albuquerque o baptismo.

Fr. Pedro de Amarante pregou contra os infieis em Chandegary, Malandre e Cochim. Fr. Manuel de S. Mathias pastoreou no reino de Porcá, Coulão, Travancôr e outras regiões.

Dos grandes luminares franciscanos e jesuitas que propagaram o evangelho na India Occidental ou americana, d'essa brilhante pleiade de missionarios que ali se extinguiram, depois de deslumbrar os seus contemporaneos com o brilho intenso da mais alta intelligencia, foram seus ultimos representantes: — Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, franciscano da provincia de Santo Antonio do Brazil; fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho; fr. Antonio do Coração de Maria e Almeida; fr. Francisco de S. Carlos, orador e poeta; fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio; padre Simão de Vasconcellos; padre Claudio de Abville; padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, o cantor do *Homem-selvagem;* e o grande Mont'Alverne, cujo orgulho tanto contrastava com a humildade da sua roupeta, mas que sabia arrebatar o mais illustrado auditorio com a sua hypnotica eloquencia.

No intuito de propagar as doutrinas do christianismo em tantas, tão dilatadas e longinquas zonas, onde as grandes difficuldades a vencer enfraqueceriam as forças dos mais audaciosos conquistadores, jámais aquelles religiosos portuguezes trepidaram, antes proseguiam com animo calmo e alegre nos seus trabalhos apostolicos, confiando menos nas forças physicas que nas da Providencia, que fortalecia e retemperava os seus espiritos.

São dos sorrisos companheiras as lagrimas; por isso não

tardaram, depois dos primeiros evangelisadores, a apparecer as luctas occasionadas pela intolerancia religiosa, iniciando as violencias praticadas contra os indigenas. Estas não se estenderam sómente á destruição dos templos consagrados aos deuses dos povos conquistados, mas abrangeram tambem as suas crenças e superstições idolatras, a lingua vernacula e os usos e costumes peculiares que, mais ou menos remotamente, pudessem conservar alguma reminiscencia da sociedade indiana anterior á conquista.

Na India Oriental foram no anno de 1540 arrasados os pagodes das ilhas de Goa, e os seus bens applicados á sustentação das igrejas e do clero christão.

Demolidos os pagodes das ilhas e os de Bardez, o jesuita padre Francisco Rodrigues — cognominado o Manquinho — obteve em 1566 um decreto do vice-rei D. Antão de Noronha, que prohibia a construcção de novos templos hindús, e o concerto dos existentes em Salcete.

Os gentios reclamaram contra este decreto, e como não pudessem alcançar a revogação d'elle, foram transferindo para as provincias de Antruz e Zambaulim, dos dominios do rei de Sundem, os idolos mais valiosos e venerados dos seus pagodes ou *diulás*.

Laet, um dos mais graves e antigos historiadores da America, diz-nos na sua *India-Occidental,* l. II, cap. 12, ediç. de 1640 — que *Manco Capac,* fundou a dynastia dos Incas, 400 annos antes da descoberta do Novo Continente pelos hespanhoes; havendo d'isso noticia escripta. Porém, muitos escriptores têem estranhado que se pudesse conservar até aos nossos dias uma chronica completa dos reis do Perú, pondo em duvida a exactidão das datas.

Entretanto, é facto hoje averiguado que os *Quichuas,* nome da nação sobre que reinavam os Incas, podiam formar e effectivamente formaram verdadeiros livros, por um methodo de escripta chamado *Quipo,* e inventada pelos *Tahuantinuyanos,* o qual consistia na combinação de fios de diversas côres, com os quaes perpetuavam o pensamento e factos historicos mais notaveis.

O fanatismo mahometano destruiu a bibliotheca de Alexandria. O fanatismo christão tambem não só destruiu as bibliothecas dos hindús da India Oriental, obrigando-os a que só fallassem a lingua portugueza, mas a bibliotheca dos Incas, como claramente o demonstra o dr. J. F. Nodal, citando um notavel documento descoberto em Lima, em 1871, na sua *Grammatica da lingua Quichua,* publicada na cidade de Cuzco, em 1872, pag. 95. Este documento, escripto em latim, é do *Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em setembro de 1653,* no qual se diz: — posto que sejam permittidos, pela elegancia e pureza da dicção, os livros que nos foram legados pelos gentios, comtudo não se consentirá que elles sejam lidos pelas creanças. E porque entre os indios, que ignoram as nossas lettras, os livros são substituidos por signaes a que os mesmos denominam *Quipos,* dos quaes resaltam os monumentos da superstição antiga, nos em que está conservada a memoria de seus ritos, cerimonias, e leis iniquas, por isso, os bispos devem cuidar de que todos esses instrumentos perniciosos sejam exterminados. O citado documento é o seguinte:

Antiqui vero ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur, nulla tamen ratione pueris prælegendi erunt. Et quoniam apud Indos litterarum ignaros pro libris signa quaedam ex variis funiculis erant, quas ipsi Quipas *vocant, atque ex eis non parva superstitionis antiquæ monumenta extant, quibus rituum suorum et ceremoniarum et legum iniquarum memoriam conservant,* curent Episcopi hœc omnia perniciosa instrumenta penitus aboleri. (*Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em setembro de 1653,* cap. 37, secção 3.ª).

Assim os homens dirigentes d'aquella epocha pretenderam matar o que é imperecivel — o *Pensamento* da humanidade que busca erguer se ás alturas do céu.

VIII

THEOGONIA DOS INDIOS

Os theogonistas da India Oriental portugueza dão ao Todo Poderoso diversas denominações, mas principalmente a de *Anant, Zeus* ou Omnipotente. Reconhecem-no como substancia unica, e crêem que nada existe fora d'elle, nem distincto d'elle. O que não é elle, não é realidade, é mera illusão, ou um sonho. Dão-lhe os attributos de *Mahaballa, Ispará* ou Deus forte, *Anadside* ou Eterno, e *Narayana* ou Ente supremo e incorporeo.

Aquelles para quem a ideia de Deus é mais confusa, como são os *gôlys* ou *gopallas,* adoram-no com multiplicidades de nomes e sob diversas formas, julgando que ha muitos seres distinctos, predominando uns sobre os outros. Estes não tẽem templos; mas adoram o seu *Pármacer*—Deus—na figura de uma pedra informe, de granito, ou basalto, de uma arvore, especialmente a chamada *óre* ou dos banianes *(ficus indica)*, o pimpôl *(ficus religiosa)*, o kinsuco *(butea frondosa)* e outros.

O amor, o respeito por todos os seres é de tal ordem que, nem mesmo os carnivoros malevolos e os reptis venenosos são perseguidos, reconhecendo intuitivamente o hindú os beneficios enormes, que lhes prestam essas existencias mysteriosas, tão injustamente votadas á execração e ao despreso por outros povos.

E, com effeito, o hindú sem os reptis que devoram os insectos, sem as aves de rapina e os animaes carnivoros, que se nutrem dos cadaveres, seria victima das exhalações deleterias nesses climas quentes e humidos, onde a vida e a morte tão rapidamente se succedem.

Nos antigos e admiraveis poemas, no Ramayana, a gigantesca *camalassaná* ou nymphea alba da litteratura indiana, e no Mahabharata, a encyclopedia poetica dos brahmanes, revela-se perfeitamente esse culto dulcissimo e puro, que affectuosamente se rende a toda a natureza, e que, abraçando com sympathia o Universo, transforma toda a sua religião em sentimento de amor.

Os brahmanes dizem que o homem, como a mais perfeita das creaturas, tem a imagem á semelhança de Deus, principio e termo de todas as cousas, acção e paixão, ou antes unidade simplicissima e identica, da qual sahem essas apparencias de ser, e a ella e nella se perdem como as gotas do orvalho na immensidade dos mares.

O Deus que nós adoramos, affirmam os bottos sinceros e illustrados, é o mesmo que adora o *pacló* ou europeu christão. A crença nos deuses, principalmente no que reina sobre todos, é commum a todo o genero humano. A suprema intelligencia que regula o mundo não é o proprio mundo, conforme a concepção dos pantheistas, é puramente intuitiva, vê do mesmo modo tudo o que é, e tudo o que pode ser; para ella todas as verdades se representam numa só ideia, todos os logares num só ponto, e todos os tempos em um só momento.

Os brahmanes capciosos, como depositarios da ideia divina, sacrificando os interesses do povo ás conveniencias particulares da sua casta, substituiram o elevado culto da sua religião pelo fanatismo, fazendo que *Anant* apparecesse espalhado por toda a natureza, e aqui e ali em personificações terriveis, sob as diversas designações de *Brahmá, Vishnú,* e *Shiva* ou *Mahés*. Chama-se Brahmá, em quanto cria; Vishnú, em quanto conserva; e Shiva, em quanto destroe e renova as formas da materia.

Fixaram a residencia de Anant em *Moká,* que significa região eterna; a de Brahmá no *Satlóco,* que quer dizer reino da verdade; a de Vishnu, no *Vaikuntá* ou paraizo; e a de Shiva no *Cálás* ou reino pacifico.

A theogonia dos indios occidentaes ou brazileiros assenta sobre a ideia capital de que todas as cousas creadas têem a sua *mãe.*

«É de notar-se — escreve o illustre brazileiro, sr. Couto de Magalhães, general do exercito, e que foi presidente das provincias de Goyáz, Minas, Pará, Matto-Grosso e S. Paulo, onde tivemos a honra de visitar S. Ex.ª — que os indios não empregam a palavra *jí-kan.* Esta palavra que significa *pae* não indica a origem de um homem senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluido a communidade das mulheres; e portanto não podia ser empregada pelos indios brazileiros em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano: *Pater est is quem justae nuptiae demonstrant,* explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra *mãe.*»

Tupá, que significa Deus, compõe-se da interjeição *tú* e da particula *pá,* o que exprime a phrase; *Oh! quem és tu?!* D'este Ente supremo derivam tres deuses superiores, que formam a trimurty indo-brazileira, a saber: *Táo rú-tí-pó* ou Sol, tambem chamado *guaracy, tepó* e *auxi,* conforme as tribus, é o deus creador de todos os animaes; *Táo-rú-maukack* ou *jacy* — Lua — é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá,* deusa do amor, é a encarregada da transformação dos seres creados.

Assim como o nosso *Padre, Filho e Espirito Santo,* e *Brahmá, Vishnu e Shiva* da religião brahmanica, tambem os tres deuses superiores dos *tupis* se confundem num só Deus Todo Poderoso chamado *Tupá.*

Cada um dos tres grandes deuses tupis é servido por tantos outros subalternos, quantos são os genios admittidos pelos indios; estes genios são por sua vez servidos por outros tantos genios secundarios, quantos são os rios, lagos,

especies animaes e vegetaes, tendo cada um d'elles seu genio protector, que consideram sua *mãe*. Esta crença é vulgar entre o povo interior das provincias de Matto-Grosso, Goyáz, e sobretudo do Pará e Amazonas. Não têem templos; mas adoram o seu *Tupá*, como os gôlys o seu *Pármacer*, e os persas seguidores das doutrinas do Zoroastrismo adoram o sol e o fogo, resumindo o seu culto na oração e na palavra.

O sentimento que os tupis tributam a seu pae — o sol, deve ser até certo ponto identico ao que testemunham a sua mãe natural — a *terra*; porque terra e luz são os primordiaes creadores do mundo organico. Estes pobres selvagens tributam a seus deuses sentimentos tão puros de gratidão como os christãos dedicam ao seu Deus. Na oração que nos foi ensinada pelo christianismo, o modo de manifestarmos o nosso profundo reconhecimento de gratidão para com o Senhor das creaturas, pelos immensos beneficios recebidos, empregamos a palavra *pae*, emquanto que elles empregam o nome de *mãe*. Em que é que o selvagem manifesta a ausencia absoluta de ideia de gratidão para com o Creador, como pretenderam os conquistadores portuguezes e sobretudo os hispanhoes?

Como os christãos ao Padre Eterno e os selvagens americanos a Tupá, tambem os indios orientaes nunca erigiram templos a Narayana ou Anant, nem a Brahmá, primeira pessoa da sua *trimurty*.

Os *chitaris* ou pintores hindus representam Brahmá com quatro cabeças para mostrar a amplitude infinita da sua sciencia, com quatro braços que symbolisam os livros sagrados dos Védas: *Rig-Véda, Iadjur-Véda, Sama-Véda,* e *Atharva-Véda.*

Em uma das quatro mãos tem um livro que indica o poder legislativo; na outra o fogo, emblema da força; e tem as outras mãos juntas em acto de adoração. Está sentado sobre a *Camalassana* ou flor de *camál,* tambem nomeada pelos indigenas christãos de Goa *salóc,* cujo pedunculo vermelho deriva do umbigo de Vishnú.

Esta flor é a *Nymphea alba* da familia das Nympheaceas de Salisbury. Serve de throno a Brahmá; representa Horus ou sol, a quem os egypcios a consagram; corôa a fronte Ozyris, e é pelos hindús considerada o emblema do mundo saido das aguas, talvez pela propriedade de fechar as petalas e mergulhar na agua onde vegeta, quando o sol se esconde no occaso, e sair e desabrochar de novo, logo que o astro do dia reapparece na solemne limpidez do horisonte. A *Nymphea alba* é muito parecida com a *Nymphea lothos*, que vegeta nas aguas de quasi todos os lagos e reprezas da India oriental; porém a verdadeira nymphea alba encontra-se unicamente na grande alagoa de Benaulim, em Salcete, do Estado da India portugueza.

Brahmá não tem templos no mundo hindú onde seja adorado, em razão de Shiva ter stigmatisado tal adoração por causa do incesto por elle commettido com sua propria filha Sarasvaty, deusa que preside ás sciencias e ás artes. Entretanto, na aldeia de Caramboly-Brahmá, da provincia de Satary, existe um pequeno pagode aonde se admira e venera uma esplendida *bavalye* ou estatua esculpturada em granito, que desenhámos do natural em 1868.

Esta *bavalye*, que mede $1^{m},50$ de altura sobre $0^{m},5$ de largura, tinha, como nos affirmaram varios ¡ataryenses, em uma das mãos, que estão partidas, um livro e na outra o fogo; na terceira tem o circulo chamado *checrá*, e na quarta sustenta uma amphora contendo *amrute* ou licor da immortalidade.

Aos lados da figura de Brahmá, e ligados a ella, estão Sidy e Ridy suas favoritas, e aos pés duas *calavontes* ou bailadeiras em acto de adoração. Esta esculptura monolithica foi, segundo a tradição, levada em 1541 pelos gentios da ilha de Goa para Satary a fim de não ser destruida, como muitas outras, pelos iconoclastas portuguezes.

Sustentam os sectarios de Vishnú, que este deus, como executor dos pensamentos de Narayana seu pae, creára das suas pestanas a Shiva; que da sua resplendecencia

nascera o *Oté* ou sol; da luz de seus olhos proviera *Sondry* ou lua; dos poros de seu corpo as estrellas e os planetas; das suas lagrimas o mar; da propria respiração os ventos; emfim, da sua excreção a terra. D'esta doutrina pantheista parece ter nascido a ideia exaggerada de que os hindús estão possuidos, crendo que Deus existe consubstanciado em tudo que é material e immaterial, creador e creatura.

Os sectarios de Brahmá dizem que foi este e não Vishnú que, querendo multiplicar-se, creou as aguas; e que estas querendo tambem multiplicar-se, crearam os elementos terrestres e solidos de onde derivam os vegetaes e animaes. Que o homem primitivo teve o nome de *Admir*, que em sanskrito quer dizer o primeiro; que sua mulher se chamava *Pracriti*, e que Narayana formou o primeiro homem de limo da terra. Outros affirmam que o primeiro homem se chamára Brahmá, o qual saira do ventre de Vishnú, e que este procreara da sua mente a Laximiny, para ser sua esposa e servir de modelo ao genero humano.

Mais comprehensivel que a doutrina brahmanica é por certo a do *Génesis*, que nos ensina que Deus, pela sua divina palavra, creou do nada, no espaço de seis dias ou épocas de milhares de annos, o céu, os astros, a luz, as aguas, a terra, as plantas, os animaes, e, finalmente, o homem á sua imagem e semelhança.

Brahmá teve por esposa Savetry, filha de Vishnú e de Laximiny, guardando Vishnú só para si o poder de lhes infundir a alma.

Emquanto *Adão* procreou de sua esposa *Eva* apenas tres filhos: — *Abel*, *Caim* e *Seth*, teve Brahmá dez filhos de sua filha *Sarasvaty*; Marichy, o primogenito, procreou Caxiepo-Brahmá, e este a Cadrú, de que descendeu tal quantidade de filhos, que só dos que se dedicaram ao sacerdocio subiu o numero a oitenta mil! Por este motivo foi Caxiepo considerado o progenitor, patriarcha e legislador dos brahmanes sacerdotes denominados bottos.

A ser isto verdade, podia-se d'aqui inferir quão mais fecundos eram os primitivos homens no *Vaikuntá* ou paraizo brahmanico, que no *Eden* ou biblico paraizo terreal onde Adão e Eva foram collocados e deviam ser immortaes, se porventura não houvessem perdido a sua primitiva innocencia.

Vishnú, segunda pessoa da trimurty, a quem foi dado o poder de conservar, é representado pelos chitaris em forma de menino deitado sobre uma folha de *Veddo (ficus religiosa).* Pintam-no de azul, symbolisando assim a côr com que ficou depois de ter absorvido a peçonha da formidavel serpente chamada *sexa, vassuky* ou *chein* de mil cabeças, para evitar que, derramando-se, contaminasse a terra. Tem uma só cabeça e quatro braços. Numa das mãos sustenta o buzio chamado *xenco,* noutra o circulo denominado *checra* ou *sudorsem,* instrumento que constantemente irradia fogo; na terceira tem o sceptro ou bastão designado *gadá,* symbolo de mando supremo; e finalmente, com a quarta faz o signal appellidado *padmo,* que quer dizer: *não temas nada.* Tem na cabeça uma especie de tiara, na cintura um *múge* ou fino cordão de oiro, e nos braços, joelhos e artelhos *valés* ou braceletes, e *paigons* ou guizos de prata, manilhas, anneis nos dedos das mãos e dos pés, e outros adornos. Do ventre nasce a flor de camál, que serve de throno a Brahmá. Com a sua consorte Laximiny aos pés, está Vishnú no meio do *Quirsagôr* ou mar de leite, deitado sobre a serpente sexa, que lhe serve de leito, e em que parece dormir um somno contemplativo. Shiva, o sol, a lua, as estrellas, a agua e a atmosphera, completam o quadro do principio da creação do universo figurado pelos chitaris indianos.

As estampas d'estes e outros deuses gentilicos que apresentámos na nossa obra, em dois volumes, intitulada a *India Portugueza,* foram por nós copiadas dos idolos, baixos-relevos e quadros que existem em os diversos pagodes que visitámos; sendo as descripções feitas segundo a tradição goaneza, com o fim unico de dar uma nota explicativa das gravuras publicadas.

Shiva, Mahés ou *Mahadeu,* terceira pessoa da trimurty, a quem foi concedido direito de destruir e reformar a materia, é desenhado sobre um *gnú,* com cinco faces, recebendo por este motivo a denominação de *Mahadeu-Panchamuqui.* Quatro faces indicam os quatro pontos cardeaes, e a quinta mostra a atmosphera, donde deriva o rio Ganges.

Tem quatro braços: em uma das mãos segura sua esposa *Parvoty;* em outra o *Ganês* ou *Ganapoty;* na terceira e quarta emblemas de destruição, pendendo-lhe do pescoço, como á deusa *Kaly,* um collar de caveiras.

Nas grandiosas tradições primitivas sobre Narayana, nota-se a ideia da unidade de Deus, ser infinito; na doutrina das emanações de Vishnú acha-se, ainda que muito desfigurada, a ideia da creação, sendo digno de observar-se que a ordem da producção da luz, das aguas e da terra tem certa analogia com a da creação, tal como se refere no primeiro capitulo do Génesis.

Nos tres attributos de Narayana e nas suas transformações em Brahmá, Vishnú e Shiva, será permittido ver um reflexo da ideia da Trindade.

As indicações de Platão, Hesíodo, Homero e Aristophanes sobre o augusto mysterio da Trindade manifestam que esta ideia não era de todo desconhecida dos pagãos; sendo de crer que os gregos a houvessem adquirido em suas viagens pelo Oriente.

A metempsycose ou transmigração das almas é um ponto fundamental das doutrinas dos brahmanes. Consequentemente, prohibem matar e comer animaes. A recompensa dos bons e o castigo dos maus está unida com aquella ideia divulgada por toda a Asía, pelo Egypto, e por muitas tribus americanas; acreditando estas que, depois da decomposição cadaverica, hade sair da morte a vida pelas creações de novas entidades, que serão animadas pelo espirito, que é imperecivel.

Para provar que os indios americanos tambem acreditam na metempsycose, vamos exarar aqui uma lenda que ouvi-

mos contar no Amazonas. É a seguinte: — «Um indio *Tupinamba* perseguiu uma veada que era acompanhada do filhinho que amamentava; depois de havel-a ferido, o indio, podendo agarrar o filho da veada, escondeu-se por detrás de uma arvore, e fel-o gritar; attrahida pelos gritos de agonia do filhinho a veada approximou-se a poucos passos de distancia do caçador; este, flechando-a fel-a caír mal ferida. Quando o indio, satisfeito, foi apanhar a sua presa, reconheceu que havia sido victima de uma illusão do *Anhangá* ou diabo, que o tentou a praticar um acto que não devia, porque todos têem obrigação de respeitar a maternidade, não destruindo sobretudo os animaes que lhes podem ser uteis para a sua alimentação. A veada, que o indio havia perseguido e morto não era uma veada, era sua propria mãe, que jazia morta no chão, varada com a flecha, e toda dilacerada pelos espinhos.»

Eis aqui porque no Oriente os indios não matam animal algum, receando — principalmente os brahmanes — ferir seus parentes extinctos, cujos espiritos presumem andar transmigrando pelos corpos de diversos animaes, até se purificarem no corpo da vacca, donde partem a unificar-se com o supremo espirito de Narayana. É o purgatorio indiano.

Quanto ao segredo da creação do nosso planeta e ao apparecimento do homem sobre a terra, são tão mysteriosos que, por mais que a intelligencia esclarecida tenha querido levantar a ponta do veu dos sigillos da natureza, não tem podido até hoje conseguir penetral-os, por serem altos juizos de Deus.

IX

AVATARES DE VISHNÚ

No Harypurana, terceira parte dos Puranas emanada do Vedão, vem descriptas as dez encarnações de Vishnú chamadas *Avatars,* que os chitarís indianos desenham muitas vezes a capricho, e quasi sempre incorrectamente.

Em quasi todos os templos hindús vê-se em *chitrá,* ou pintura, a imagem de Vishnú assentado sobre a serpente sexa, que lhe serviu de corda para fazer rolar a montanha de oiro denominada *Mandraguy* no *quirsagor,* a fim de se apoderar das quatorze *rotnãs* ou preciosidades descriptas na segunda encarnação.

A *Matsá-Avatar* ou primeira encarnação, representa Vishnú transformado em *matsá* ou peixe, descendo aos abysmos do mar para recuperar os Védas, que o gigante *Sancassur* havia roubado a Brahmá.

Depois de o ter encontrado e vencido, rasga-lhe as entranhas e d'ellas extrae os Védas que Sancassur havia engulido. Seguidamente toma o buzio *Xenco* em que o gigante se tinha metamorphoseado, para mais tarde lhe servir de buzina, quando tiver de convocar os homens a juizo final na dissolução do universo.

Este acontecimento, que é commemorado annualmente na festividade gentilica chamada *Caló,* onde apparecem as figuras de Brahmá, Vishnú e de Sancassur, symbolisa o

diluvio universal, do qual os indigenas brazileiros presumem ter escapado, e os gentios referem do modo seguinte:

— Um dia, tendo adormecido Brahmá, que estava encarregado de velar sobre o equilibrio dos mundos, romperam-se as cataractas do céu. Sancassur, que era um grande ambicioso, aproveitando o ensejo, roubou os Védas que saíam da bôca de Brahmá. Porém, Vishnú, sempre vigilante na conservação da obra de Narayana, dirigiu-se ao piedoso rajah Satiavrata, e disse-lhe: — «Dentro de sete dias os tres mundos perecerão submergidos; mas no meio das devastadoras tempestades surgirá uma grande barca, que eu mesmo dirigirei, e que aportará diante de ti. Introduzirás nella toda a especie de sementes e de plantas, bem como um casal de animaes de cada especie, entrando tu depois com tua mulher e filhos. Quando a ventania açoitar a barca, agarra-te ao meu *chindim* ou madeixa de cabello, e conserva-te nessa posição até que Brahmá desperte.» Assim aconteceu ha milhares de annos. Depois de se retirarem as aguas, deixando a descoberto a cordilheira dos *Gattes*, e de Vishnú haver destruido o *bondavalé* ou salteador Sancassur, voltou para o Vaikuntá, aonde reside; deixando nos Gattes a familia de Satiavrata que continuou a propagar a especie humana, as plantas e animaes que, com o decorrer do tempo, têem soffrido notaveis modificações. Este mytho é similhante ao diluvio da Biblia.

Curmá-Avatar. Symbolisa a segunda vez que Vishnú encarnou, transformando-se em *curmá* ou chelonio.

Na grande revolução do mar, denominada *Samudramantan*, reuniram-se os deuses e os *doits* ou gigantes para se apoderarem das quatorze *rotnãs*, que foram assim distribuidas:

1.ª *Laximiny* ou felicidade, que foi distribuida a Vishnú;

2.ª *Constubh*, pedra preciosa, que tambem coube a Vishnú;

3.ª *Pariatoc*, arvore cujas flores têem as petalas côr de perola e os pedunculos vermelhos, igualmente distribuida a Vishnú;

4.ª *Súra,* licor de palmeira, foi dado aos *doits* que auxiliaram Vishnú nesta empreza;

5.ª *Donmotry,* medico liberto, foi offerecido aos brahmanes;

6.ª *Sondry, chandramá* ou lua, foi dedicada a Shiva;

7.ª *Câmadhênú,* vacca que dá tudo, representada com rosto de mulher e corpo alado de quadrupede, foi distribuida a Angdias ou Vochist;

8.ª *Hoiravoto* ou elephante branco, tambem chamado *Cogé,* coube a Indrá;

9.ª *Devanganá* ou *Rambá,* calavonte ou bailadeira e cantora celeste, ao mesmo Indrá;

10.ª *Uchesrava* ou cavallo de sete cabeças, pertenceu ao *Óte* ou sol;

11.ª *Vic* (veneno), a Shiva;

12.ª *Haridanum* ou arco e flecha, a Vishnú;

13.ª *Xenco* ou buzio, coube em partilha a Vishnú;

14.ª Emfim, *Amrute* ou licor da immortalidade, que foi distribuido aos genios de primeira ordem.

Dizem os mythologistas hindús que, por essa occasião, estando a terra em risco de ser sepultada nos abysmos por causa dos muitos terremotos, Vishnú encarnára em *curmá* ou tartaruga *(podoenimis)* e se mettera no fundo das aguas, sustentando a terra sobre a *carapaça,* para a salvar de tão imminente perigo, á custa da preponderancia da força moral e intellectual sobre a força bruta da materia.

Confrontando os *avatares* indianos, que são a explicação symbolica e poetica dos phenomenos meteorologicos que mais impressionaram a humanidade primitiva, com as lendas que se contam no Brazil, estamos convencidos que ellas são communs aos indios tanto orientaes como brazileiros, constituindo o fundo geral do pensamento humano, quando o homem atravessava a *yuga* ou periodo da idade da pedra.

No Brazil onde não existem templos erigidos aos deuses gentilicos nem monumentos escriptos, a raça aborigene conserva na tradição oral tudo quanto respeita ás suas ideias

religiosas e ás lendas didacticas; observando-se que, muitos dos mythos tupis populares do Brazil são mythos védicos.

Quem viaja, como nós viajámos, pelas provincias brazileiras e republicas do Prata, ouve constantemente historias de genios em que o *Sacicererê*, o *Boitalá* e o *Curupim* representam importante papel na vida do homem. Essas lendas tupis, como acima dissemos, confundem-se ali nas tradições populares com os mythos védicos.

Naquelle immenso cadinho da America, ao passo que se fundem e se amalgamam os sangues dos grandes troncos da humanidade, fundem-se tambem as suas ideias moraes, por uma lei de conservação confiada á memoria e á tradição do povo illitterato.

Ao passo que as pesquizas anthropologicas dos sabios se vão alargando sobre o homem, vae-se descobrindo uma lei que conserva a unidade do typo nas producções do espirito, assim como conserva a unidade de typo physico apesar da variedade das raças. As ideias moraes fizeram sempre o seu caminho pelos mesmos processos, e se notamos entre os povos tão grandes differenças, é porque raras coexistiram no mesmo grau de civilisação, e nas mesmas condições climatericas.

Na raça aryana e suas derivadas os mythos são poemetos didacticos onde, sob a forma de um episodio quasi sempre vestido de dialogos singelos, se ensina uma verdade moral. É corrente hoje a explicação de muitos mythos pela theoria chamada solar.

O mytho é o resultado directo e positivo da transformação dos elementos principalmente astronomicos e meteorologicos em entes sobrenaturaes. É a obra do espirito collectivo espontaneo, expressado pelos poetas. O conto popular é o ultimo echo com as gradações que a transmissão lhe impoz.

O conto popular — diz Reinhold Koeller — é tão importante ou talvez mais do que as inscripções cuneiformes, porque é elle, abaixo do mytho, o vestigio mais antigo do pensamento humano.

As lendas do *Jabuti*, que ouvimos contar no Amazonas, no Rio Negro, e no Solimões, onde este pequeno e fraco *cheloneo* ou tartaruga terrestre é muito apreciada na *matalotagem*, compõem-se de dez episodios mui comparaveis aos dez avatares de Vishnú. Todos elles foram imaginados com o fim de fazer entrar no pensamento do indio boçal a crença na supremacia da força moral sobre a força physica, ou no poder da resignação dos fracos contra os fortes, que por fim ainda mais soffrem do que aquelles a quem fazem soffrer.

Varah-Avatar ou terceira encarnação de Vishnú. Este avatar representa o mythico facto da destruição do gigante *Hiraneakxa* que, depois de infestar a terra com a sua enorme força physica, agarrou no mundo, e, como faz qualquer estudante de lyceu aos seus livros, metteu-o debaixo do braço, e ia-se safando com elle para o *Naracá* ou baratro, quando Vishnú, para evitar os males que deviam resultar de tão ousado atrevimento, tomou a forma de um *varah* ou javali, e, suspendendo o globo nas prezas, matou o *doit*, libertando a humanidade de mais um desses grandes velhacos, que desde o principio do mundo se reproduzem como os cogumelos venenosos, para flagello da humanidade ingenua e imprevidente.

Naraxium-Avatar ou quarta encarnação de Vishnú. Para destruir o *doit Hiraneacassiopa* tomou Vishnú a forma de meio homem e meio leão; contando os mythographos hindús este acontecimento do modo seguinte: — Hiraneacassiopa tendo abusado, como hoje poderia abusar qualquer banqueiro fraudulento, do privilegio que lhe fôra concedido pelos deuses de não poder ser morto senão de uma maneira extraordinaria, impraticavel pela força physica do homem ou de qualquer outro animal e mesmo dos elementos, ensoberbeceu-se de tal modo que, depois de se tornar temido no seu reino, quiz que o adorassem como a Narayana.

Fartos de prepotencias, supplicaram os homens a Vishnú que os livrasse d'aquelle tyranno, privando-o dos altos privilegios de que tanto abusava.

Vishnú, ouvindo as preces de seus sectarios, fez com que a mulher do gigante concebesse *Praladó*, que pouco depois de nascido começou a articular o nome de Narayana. Não queria o pae que seu filho pronunciasse aquella palavra; convencido, porém, da desobediencia, ordena-lhe que tomasse o *vic* que lhe offerece. O filho toma-o, repetindo sempre o nome de Narayana sem que o veneno produzisse o seu effeito mortifero. Então, quasi desenganado da sua impotencia, pergunta-lhe: — Onde é que está o teu deus Narayana?

— Em Moká — responde Paladó — no mundo e em todas as cousas nelle existentes.

Pergunta-lhe sarcasticamente se tambem estava em uma columna de granito que lhe indica; e, obtida resposta affirmativa, Hiraneacassiopa, em signal de despreso, dá um pontapé na columna. Esta, abrindo-se de repente de alto a baixo, deixa apparecer Vishnú transformado em homem-leão, o qual atirando-se ao gigante, abre-lhe com as garras o ventre, arranca-lhe os intestinos, e faz d'elles um collar ou banda, que desde então usa ao tiracolo do hombro esquerdo para o lado direito do tronco em signal de triumpho, como actualmente por imitação os brahmanes usam a *linha* composta de tres a nove fios, denominada *sut* ou *zanvem*, para commemorarem esta victoria.

Em seguida colloca o cadaver do doit sobre a palma da mão esquerda, e ali o queima até ficar reduzido a cinzas, que depois lança aos quatro ventos.

Este avatar symbolisa a angelica força moral da creança prevalecendo sobre a força da teimosia brutal do homem poderoso, mostrando simultaneamente quanto pode a fé em Deus.

Santo Agostinho dizia: — Deus é tão grande nos arcanos de sua providencia, que não permitte o mal senão porque d'elle sabe derivar o bem; isto é, que Deus dá o mal para bem do homem, ou que os systemas e prejuizos humanos, embora perturbem e demorem muitas vezes a acção benefica da natureza, esta, afinal, porque é a lei natural

ou lei de Deus, a despeito de todas as convenções humanas, marcha e tem sempre a sua realisação plena e salutar.

Vâmana Avatar, quinta encarnação. Querendo Vishnú acabar com o poder insupportavel e desmedido orgulho do rei Bally, encarnou em brahmane pigmeu sob o nome de *Vâmana.* Depois, dirigindo-se ao rei, pediu-lhe humildemente que lhe doasse tres pés de terreno para construir um *govol* ou cabana.

O monarcha, em ar de zombaria, concedeu-lhe o terreno pedido, ractificando a concessão por meio da agua lançada sobre as mãos, que é um dos diversos juramentos praticados entre os gentios. De repente, Vishnú, para castigar a insolente hypocrisia do rei, cobre a terra e o céu com um pé, e, collocando o outro sobre o dorso de Bally, precipita-o nos profundos abysmos de naracá.

Os indios, tanto orientaes como americanos, attribuem a cada ordem de creação um deus protector que a defende contra a acção destruidora do homem. Nas lendas que narram, ha sempre um homem ou animal que persegue, e um deus ou genio que pune; é, pois, a esse homem mau, que o deus apparece, castigando-o como desobediente á lei e preceitos da divindade. A má intenção e perversidade que os padres christãos attribuem aos deuses gentilicos não é portanto um mal, mas uma punição justa e merecida, como a praticada na pessoa do mythico Bally.

Os primeiros missionarios portuguezes e hespanhoes, que exerceram o seu sacerdocio no Oriente e na America, diziam que os deuses dos idolatras eram todos maleficos, attribuindo-lhes o poder de só fazerem mal aos homens! Porventura quem ler a Biblia poderá conscienciosamente affirmar que tudo quanto ella attribue a Jehovah dos judeus, que, «*para convencer as impias multidões, tem o incendio, a peste, a fome e os exterminios*» seja santo e honesto? Seria o Deus dos christãos injusto quando mandou expulsar do Eden Adão e Eva pela sua desobediencia? Poder-se-ha dizer que os gregos não tinham ideias de seres divinos, porque attribuiam a Jupiter e aos outros deuses

acções indignas da divindade? Pois se, entre povos tão cultos e com tão elevadas noções do Ente Supremo, se deu isso, como se pretende que os deuses dos selvagens sejam todos maleficos?

Purisseramo-avatar. — Sexta encarnação de Vishnú. Sendo intoleravel o poder do imperador *Soasrarjum* da casta dos kchatryás, que dera a morte ao botto *Jemadaguim* e a muitos dos seus vassallos, Vishnú para libertar a terra d'este tyranno, que tinha numerosos braços, encarnou em *Purisseramo,* prudente guerreiro, matando-o mais por traça que por força. Depois offertou ao brahmane Cassiopa, por lhe parecer mais digno, o imperio conquistado, e retirou-se para as montanhas chamadas *Saiadris* ou *Gattes* onde pretendia viver. Cassiopa, porém, tornando-se mais tarde ingrato, não consentiu que o seu protector continuasse a habitar no seu Estado.

Purisseramo pediu então a *Váron* ou *Somudró,* deus do mar, que retirasse as suas aguas, e deixasse a descoberto a porção de terreno que a sua *banna* ou seta podesse percorrer, para nelle fixar a sua residencia.

Váron consentiu; mas sendo avaro, mudou de resolução com receio de perder uma parte de seus dominios se a *banna* fosse despedida com vigor; e por isso rogou ao Deus da morte que se transformasse em *cariá* ou formiga branca, para corroer o arco, a fim de que, partindo-se no acto da impulsão, este não podesse arremessar longe a seta.

Purisseramo, notando a má vontade de Váron, e para castigar tão insolito proceder, solta immediatamente a seta, que foi cair no sitio hoje chamado Benaulim, em Salcete.

Váron, surprehendido e confuso, afasta-se; deixando a descoberto a faxa de terra que actualmente se denomina Concão. Foi assim — dizem os mythologistas goanezes, — que teve origem a costa occidental da India ou do Malabar, e mormente o Concão, que se estende desde o extremo meridional da peninsula de Guzerathe até o Cabo de Rama. Que esta zona indiatica estava d'antes submersa e o mar indico tocava na alta cordilheira dos Gattes é uma

verdade, como se conhece pela sua formação geologica e existencia de conchas petrificadas que ali se encontram entre as estratificações das rochas metamorphicas.

Os chitaris pintam Purisseramo de côr verde-mar, de aspecto alegre, armado de arco e flecha, só com dois braços em vez de quatro, que têem todas as figuras de Vishnú, exceptuando a de Ramá, que se segue na setima encarnação, e a de Vâmana, que é a quinta precedentemente descripta.

Rama-Avatar ou setima encarnação de Vishnú. Foi em homem, com o nome de Ramá, Ramachondrá ou Raghupaty que Vishnú se transformou para destruir o gigante Ravona, que tinha dez cabeças e muitos braços, e se fazia adorar como se fosse Narayana, sendo rei de Lancá, de que faziam parte a ilha de Ceylão e as costas vizinhas.

Vishnú, em quanto homem e sob o nome de Ramachondrá, nasceu do rei de Aodhyá, Daxaratha e de sua esposa Cauxaliá. Passados annos deixou a casa paterna, e com sua mulher Sytá e seu irmão Loxymoná retirou-se para o deserto a fazer penitencia. Depois livrou a terra dos doits que a infestavam; salvou sua mulher Ahiloá que, estando convertida em pedra, foi por elle restituida á forma humana; chegou ás margens do Ganges, e estabeleceu os seus dogmas até Ceylão onde teve varios debates com Ravona, que lhe raptou sua mulher Sytá. Para a recuperar, alliou-se com Vibhixenna, irmão de Ravona, com promessa de lhe dar o throno occupado pelo raptor de sua consorte. Querendo realisar esta empreza, mandou construir por *Hanuman* e *Sugriva* uma famosa ponte de pedra, para do Cabo Comorim passar a Ceylão com um poderoso exercito de macacos commandados por Hanuman, seu chefe, a fim de anniquillar Ravona, com o qual se mede em renhido combate e o mata com uma seta. Seguidamente recupera Sytá; e, depois de cumprir a promessa feita a Vibhixenna, retira-se para os seus dominios onde succede a seu pae. Aqui, passados onze mil annos de reinado, abdica a corôa em seus dois filhos.

Chrishná-Avatar. Nesta oitava encarnação, Vishnú, com o nome de menino *Chrishná*, que quer dizer preto, nasceu de Dévaky, irmã de Caunso, rei de Maturá, e mulher de Vassudéva.

Tinham os *gaddys*, ou feiticeiros, prophetisado que o oitavo menino de Dévaky havia de matar seu tio Caunso, o qual tinha morto os primeiros sete filhos masculinos que sua irmã dera á luz.

Chrishná a quem os *devantas* ou anjos, e os *gopallas* ou pastores, haviam rodeado o berço, cantando hymnos em seu louvor, salvou-se por meio da troca feita com uma filha de Nondá, rei dos pastores, e de sua mulher Doxumoti ou Exueda.

Apesar da troca que occultamente se effectuou, Caunso, receando ser morto, consoante predisseram os gaddys, foi, á cautella, matando a filha de Nondá. No acto, porém, de executar a morte da recemnascida gopalla, Chrishná, que occulto perto d'ella estava, fugiu para a região atmospherica; e, mostrando-se ali com oito braços, diz a Caunso: que Vishnú d'elle se vingará.

Caunso, aterrorisado com as palavras de Chrishná, e para se livrar do receio que tanto o atormentava, mandou degolar todas as creanças recemnascidas em Maturá. Então, Chrishná, para escapar a esta carnificina, retira-se com sua mãe para os Gattes; faz-se *gopalla*, e declara-se protector dos gôlys ou pastores nomadas, que procreou em seu seio. Depois mata a mulher do doit *Putaná*, que fôra mandada por Caunso para com o seu maligno leite o envenenar, e, suspendendo com o dedo minimo da mão esquerda a montanha denominada *Govardhana*, salva os seus companheiros gopallas do sinistro preparado por Indrá.

Mais tarde, tendo apenas seis annos de idade, mata a monstruosa serpente Caliá, que habitava no lago Dóka, situado nas margens do rio Ememá ou Jumná. Este ophidio venenoso, infestava não só as aguas do lago, mas ainda a atmosphera na circumferencia de muitos kilometros, a ponto de ter morrido todo o ser vivente que ali existia an-

tes, ou que teve a desventura de por lá passar durante a permanencia do terrivel reptil naquellas paragens.

Hercules não praticou maiores proezas.

Protege os cinco filhos de *Panddu* e de Conty — reis descendentes da Sondry conhecidos pelo nome de Pandáos, e assim denominados: — *Dharmá, Bhianá, Arjuna, Naculá* e *Sahadeva,* os quaes auxilia não só contra seus primos Durêodhaus, como tambem contra seus co-irmãos, que foram mortos numa batalha que durou dezoito dias.

Chrishná, depois de matar seu tio Caunso, e de collocar no throno a Dharmá, primogenito dos Pandáos, voltou para os Gattes, onde por muito tempo viveu em obscuridade com os gôlys.

Recomeçando a vida publica, distingue-se pelo valor e pela beneficencia; sacrificava os poderosos soberbos, e protegia os humildes; lavava os pés aos brahmanes, e prégava a mais perfeita doutrina; mas prevalecendo por fim o poderío de seus inimigos, foi amarrado a uma arvore e trespassado por setas; predizendo, antes de expirar, os males que sobreviriam á humanidade na *kaly-yuga,* que começaria trinta e seis annos depois do seu passamento.

Este avatar é objecto do grande poema heroico, o *Mahabharata,* do qual Chrisná é o principal heroe.

Budha-Avatar.—Vishnú appareceu nesta encarnação, unicamente aos seus primitivos devotos. Diz a lenda gentilica que se ignora o logar aonde reside Budha, que quer dizer encoberto ou Vishnú invisivel, mas que ha de apparecer no fim da presente época do mundo, sob a denominação de *Calunquy,* para julgar os homens pelo bem e mal que fizeram na terra.

Os chitaris indianos representam Vishnú, nesta nona encarnação, deitado e em completa nudez, observando o que se passa no orbe terraqueo; mas os que assim o desenham são unicamente os *joinas* da seita de Budha.

Não existindo na India portugueza a seita dos joinas, que está quasi extincta no Industão, por se haver concentrado na Indo-China, os gentios do Concão figuram-no con-

forme se vê na estampa por nós desenhada do original e que está publicada no vol. II da *India Portugueza*, pag. 89, com as pernas encruzadas, de aspecto alegre, e com emblemas nas mãos correspondentes aos quatro braços. As figuras que se notam aos lados, são dois *joguys* ou santões chamados — *Dentás*, seus adoradores.

Referem os mythologistas goanezes que Budha era filho de um poderoso rajah; que fôra educado no luxo e opulencia oriental; mas que na idade de vinte e oito annos, operando-se grande mudança nos seus sentimentos, viu as dores moraes, as enfermidades physicas e a morte a aguar todos os prazeres d'esta vida transitoria. Commovendo-o a miseria dos homens humildes, resolveu desprezar as riquezas e a gloria da dignidade real, abandonar a sociedade dos homens poderosos, e ir procurar a solidão para melhor meditar sobre os meios de libertar as creaturas de suas acerbas dores. Depois, convivendo por algum tempo com os brahmanes solitarios, mas não se conformando com as doutrinas do brahmanismo, concentrou-se em si, e, á força de profundas meditações, adquiriu a suprema sciencia e a qualidade de Budha.

Alguns hindus, porém, affirmam que não despresou tão inteiramente as honras da realeza, como seus sectarios pretendem; mas que intentando arrebatar o poderio brahmanico e proclamar-se representante de Narayana, como sua emanação celeste, poder absoluto e irresponsavel, guarda da verdade civil e religiosa, foi então perseguido pelos defensores da religião brahmanica, indo refugiar-se com seus discipulos em Ceylão. D'aqui passando ao Thibet, á Tartaria e á China, estabeleceu em cada uma d'estas regiões o seu culto, que não é mais do que uma forma do brahmanismo, que tentou aniquilar, arvorando-se em chefe religioso.

Calunquy-Avatar. É a decima e ultima encarnação de Vishnú. Este avatar ha de succeder — dizem os hindus — no fim da presente idade do nosso planeta, consoante o systema cosmographico indiano e as nossas previsões biblicas.

Calunquy ou *caluyuga* é assim denominada a epoca em que vivemos, a qual os gentios computam em quatrocentos e trinta e dois mil annos, achando-se volvidos na presente data, quatro mil novecentos e noventa e dois. Passados que sejam os restantes quatrocentos vinte e sete mil e oito annos, em que a geração presente como as extinctas e as proximas vindouras, podem dormir descançadas no seu tumulo, o mundo passará a ser um montão de vapores, uma força espalhada, vaga e tenebrosa, como aquella d'onde saiu o germen da humanidade, voltando ao estado de *pralaya* ou cahos. Esta acção será executada por Shiva.

Seguidamente apparecerá Vishnú montado em um cavallo branco-alado. Em uma das mãos trará a espada de fogo, na outra o *checrá* ou circulo incendiario, e na terceira o buzio *xenco*. Nesta terrivel figura, e ao clangôr do xenco chamará a juizo final os homens que tomarão a forma de seus corpos, e depois de separar os bons, que recolherá em seu seio, destruirá os perversos. O sol e a lua se obscurecerão, a terra tremerá, as estrellas cairão, a serpente vassuky, vomitando fogo, queimará todos os mundos, e todas as creaturas perecerão para deixar o logar a outros systemas de mundos, a outros soes, outros astros, outros mares, terras, plantas e animaes que serão novamente reorganisados por Shiva e conservados por Vishnú, para continuarem a historia universal e eterna. Emfim, no dia fatal da terminação da presente época, no *dies irae* das vinganças de Narayana, haverá o grande desequilibrio de todos os mundos, a machina do universo ficará toda desconjuntada, mas dará logar a outro systema planetario mais aperfeiçoado para consolação das futuras gerações. *Amen.*

Os mythographos hindús approximam-se de uma maneira admiravel, não só das doutrinas anthropologicas modernas, mas do que o nosso cathecismo nos ensina quando nos falla da resurreição da carne no dia de juizo final, que, felizmente, ainda está milhares de annos distante de nós.

A sciencia ainda não descobriu meio preciso de converter em calculo de tempo os periodos geologicos. John Phi-

lips diz-nos que, tomando por base do calculo o tempo em que um rio dos periodos modernos gastaria para accumular sedimentos, os do carvão de pedra de South Wales na Inglaterra teriam exigido o enorme espaço de quinhentos mil annos.

Contando-se o tempo pela vida dos patriarchas segundo a interpretação vulgar dos antigos, Adão e Eva não existiram ha mais de seis mil annos. Os textos do Velho Testamento hebraico carecem de ser interpretados á luz da sciencia moderna, porque, pela forma em que estão traduzidos, envolvem um erro que destroe pelos fundamentos toda a theoria da revelação immediata, do peccado original, e da redempção; a qual baseando-se no facto da creação do homem ha seis mil annos, fica a revelação destruida com a existencia de gerações humanas que povoavam ha muitos milhares de annos antes de Adão e Eva, toda a terra das cinco partes do mundo, como testemunha a existencia do homem fossil encontrado por toda a parte em que se procura; provando-se presentemente que o homem vivia não só com o urso das cavernas, e com o mammouth, mas que foi tambem contemporaneo do Mastodonte, do Dinotherium e do Halitherium.

A verdade é que Deus creou o primeiro homem; agora aonde e quando, é que Elle não tem permittido descobrir.

X

TEMPLOS HINDUS

Os templos gentilicos na India Oriental portugueza, onde os idolos estão expostos á adoração dos devotos, são ordinariamente de forma quadrada ou quadrilonga, e os maiores divididos em tres naves.

A constituição geologica do territorio, a sua formação em planicies arborisadas, o estado social e os principios religiosos dos povos explicam o caracter da architectura, tanto no seu estylo como nos materiaes empregados. Os pagodes e outras edificações gentilicas apresentam mais magnificencia do que solidez; não sendo ainda hoje possivel empregar grande numero de operarios em trabalhos mechanicos, porque só as castas inferiores do povo são dedicadas a este serviço.

Ha dezenas de templos hindús, mórmente nas Novas Conquistas; nas Velhas apenas vimos um, de acanhadas dimensões, na cidade de Pangim e outro em Mapuçá.

Os principaes, como o de *Quiolá,* consagrado a Kaly ou Xanta-drugá, na provincia de Pondá; o de *Véthôldeu* ou *Panduranga* em Sanquelim; o de *Bhagaváty* em Poriem; o de *Malsá* em Mardol; o de *Camaxadeu* em Sirodá; o de *Chandrenate,* o de *Zambaulim,* o de *Cassabé* e de *Dargaly* em Pernem; o *Agursal* em Partagal onde reside o *Suamy* ou bispo gentio, e outros, têem deante da porta principal

um largo perystilo coberto de um telhado pyramidal, sustentado por muitos arcos de pedra, ou por grossas columnas de madeira lavrada.

No interior, e ao fundo do templo, está o santuario onde se venera o idolo. Neste logar, que é solidamente construido de pedra e nos mais notaveis sob um grande zimborio, e que está quasi sempre fechado por uma porta de madeira, tendo ao centro uma pequena grade por onde se pode ver a gentilica divindade, não é permittida a entrada senão aos bottos.

O estrangeiro, no interior do templo, não pode passar além do logar em que se acham collocadas duas ou tres sinetas, e que, nos principaes, não excede a cerca de dois metros, passada a porta do perystilo. Todavia, em alguns foi-nos consentido approximar do santuario por uma das naves lateraes e algumas vezes pela central, com a condição de nos descalçarmos e de termos a cabeça coberta com o nosso chapeu, como preceitua a religião gentilica.

Não deixando nunca de respeitar as crenças religiosas de todos os povos, nem a Divindade por elles manifestada, por mais estranha que pareça a sua forma, temos por isso tido a ventura de jámais soffrer dissabores, e de poder observar de perto o que muitos viajantes, por pensarem de differente modo, não podem lograr.

A architectura entre os gentios parece não estar sujeita a regras de qualidade alguma. As elevadas *stambas,* especie de torre obeliscal, situadas em frente da fachada dos pagodes, são as que nos podem dar uma ideia de seus talentos artisticos e do seu systema architectonico. Formadas de andares, são uns ás vezes muito baixos e acanhados, outros altamente desproporcionaes. As columnas, que decoram o interior dos templos, tambem não têem proporções fixas: umas são muito grossas na base e diminuem sensivelmente no vertice; outras, pelo contrario, são delgadas na base, e volumosas na parte superior, figurando pyramides invertidas. Entretanto, estes templos, a que os gentios chamam *devalens* e os europeus denominam *pagodes,*

têem alguma cousa de sublime, que bem mostra que seus architectos estavam possuidos da ideia da Divindade. As imagens dos idolos nelles venerados, são de pedra, barro, madeira, cobre, prata e oiro, como os idolos encontrados no Perú; sendo alguns d'elles ornamentados de ricos estofos e pedras preciosas.

Todos os templos hindus, de certa importancia, têem aos lados do terreiro que os circunda, vastas arcarias e outros edificios destinados a alojar os peregrinos gentios, os estrangeiros, e as familias dos seus instituidores, que periodicamente os visitam e nelles ficam residindo por alguns mezes, quando de grandes distancias concorrem a visitar o seu Deus protector. Por essas occasiões offerecem-lhe valiosas oblatas em dinheiro, joias e ricas peças de vestuario em cumprimento das suas promessas.

Além d'estes hospicios, existe quasi sempre, em plano inferior, fronteiro ao templo, os *fallens* ou largos tanques rectangulares, construidos de pedra, com escadarias de um ou mais lados, onde os gentios tomam diariamente banho, e os bottos, de cocoras ou em pé nos ultimos degraus, fazem as suas rezas denominadas *sandhiá*.

Existe igualmente em todo o terreiro que defronta com o templo, a planta chamada Tulôssy *(Occimum sanctum)* disposta em canteiros de pedra rebocada com cimento feito de *jagra* e outros ingredientes, elegantemente construidos. Os hindus, pela sua supersticiosa credulidade, prestam grande veneração e respeito ao *tulôssy*, como os indios brazileiros á mandioca, por acreditarem que nesta planta arbustiva se metamorphoseou *Rocuminy*, mulher de Chrishná.

Contam os mythographos hindus que, tendo perecido Rocuminy na ausencia de seu esposo, os parentes deixaram de queimar o seu cadaver como era costume entre elles, e o enterraram solemnemente.

Voltando Chrishná ao domicilio conjugal, e informado do triste successo, dirigiu-se á sepultura da sua estremosa consorte. Não a achando, porém, ali, e vendo em seu logar

a planta tulôssy, declarou que Rocuminy se havia transformado nesse arbusto, e ordenou aos seus sectarios que o collocassem em frente dos templos e da porta principal das suas habitações, e que o adorassem diariamente. Por isso, assim como a maior parte dos indigenas christãos têem defronte dos seus *garás* ou casas de habitação, uma cruz, e os mouros um pé de mangericão, têem os gentios o seu tulôssy.

Cumprindo religiosamente os preceitos de Chrishná, o hindú, antes de se banhar, dirige todos os dias as saudações prescriptas pela tradição a este arbusto, e volteando em torno d'elle, termina a sua sandhiá ou oração, fazendo uma profunda reverencia, com as mãos cruzadas sobre a cabeça, indo depois tomar os alimentos.

Das folhas e flores do tulôssy fazem collares que põem ao pescoço dos moribundos, e instigam-nos a invocar os *rixis* ou *maharixis* (santos) Ramá, Chrishná e Rocuminy. Do caule formam uma especie de rosario, e em rezas igualmente invocam os rixis acima indicados. Celebram annualmente, no mez de novembro, o casamento do tulôssy; e não podem desposar-se sem que previamente se proceda á cerimonia esponsalicia desta planta, a qual consiste em o botto recitar algumas orações, engrinaldar o arbusto e em collocar uma luz nas ultimas ramificações d'elle.

Depois do *puzá* ou lavagem dos idolos, collocam algumas folhas e flores de tulôssy sobre elles; servindo-se tambem das mesmas partes do vegetal, no sacrificio chamado *amó*, que fazem nos actos do casamento.

Este mytho oriental tem muita similhança com o mytho da *Mani* que, no Baixo-Amazonas ouvimos contar a respeito da origem da planta *mandioca*, e que é como se segue: — «Um dia — contam os mythographos amazonenses — appareceu gravida a filha de um chefe indio que residia nas proximidades do local onde actualmente se encontra edificada a cidade de Santarem. O tucháua quiz punir, no auctor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrera em seu orgulho e, para saber quem elle era, em-

pregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Despresando os rogos e os maus tratos, a india gentil permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tivera relações com homem algum. O chefe da tribu concebera então o sinistro pensamento de matar a filha, quando lhe appareceu um homem branco, que lhe disse a não matasse, porque ella estava effectivamente innocente, e não tinha tido copula com homem. Passado o periodo da gestação deu á luz uma formosa e branca menina, causando este facto grande surpreza, não só na sua tribu, como nas vizinhas, que vieram visitar a recemnascida para admirar aquella nova e desconhecida raça.

A creança, que recebeu o nome de *Mani,* e que andava e fallava precocemente, falleceu ao cabo de um anno, sem ter adoecido e sem dar mostras de dôr. Enterrada dentro da propria casa em que fallecera, como é costume entre os indios, era a sepultura diariamente regada. Passados dias brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, a deixaram desenvolver até florecer e dar fructos que os passaros comiam e com elles se embriagavam. Este phenomeno augmentou a superstição dos indios pelo novo vegetal. Cavando a terra, pozeram a descoberto a raiz da planta na qual julgaram ver o corpo de Mani; comeram-na; e assim aprenderam a usar instinctivamente da mandioca, que desde então passou a ser a base da alimentação dos indios brazileiros.»

Este producto alimentar, revelado ao homem por um modo sobrenatural, recebeu o nome de *Mani-oca,* que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que os brazileiros conservam corrompido na palavra mandioca. O que se infere d'estas lendas é que os cultores da mythographia se deixam seduzir e arrastar pela imaginação em quasi todas as suas interpretações mythicas.

No pagode de *Vithôl, Vithobá* ou deus da castidade situado na aldeia de Carapur de Bicholim, não se fazem romarias, mas celebram-se algumas festividades annuaes, que são feitas a expensas dos ranes de Satary, concorrendo

tambem os bazareiros de Sanquelim com a sua quota, mórmente para o *Cheitriponan* ou procissão do Rôto, que é feita de noite, como todas as procissões gentilicas. Não possue este templo hindú donativos em dinheiro, como os principaes da India portugueza, e é o unico que não tem por sua conta *bazanterys* ou musicos, nem *calavontes* ou bailadeiras; mas em compensação conta um grande numero de *bavinas*, que são uma especie de vestaes consagradas desde a infancia por seus parentes ao serviço da Divindade, e pela qual juram dedicar-se unicamente ao serviço religioso, tendo a seu cargo o conservarem constantemente a illuminação do santuario, que nunca se apaga, a limpeza, lavagem e vestuario dos idolos, e outros misteres no interior do templo, onde as calavontes não tẽem ingresso por falta de castidade.

O grande carro denominado *Rôto, Rotti* ou *Jatrá,* debaixo do qual os penitentes se mettem, que vimos e desenhamos no pagode de Vithobá, é igual, guardadas as devidas proporções, aos carros de *Jaggathnata* ou *Djagharnat* na cidade de Pury. É, como estes, de madeira cheia de lavores caprichosos, e repugnantes esculpturas.

Os carros que vimos em Quiolá, Chandernate e Partagal são inteiramente semelhantes.

Cada pagode tem um determinado numero de bottos empregados no serviço do culto, que é feito a horas estabelecidas, tanto de manhã como á noite. Os brahmanes bottos, em paga do seu sacerdocio, possuem terras denominadas *deussuns,* ou recebem certas rendas á custa dos fundos do pagode, ou dos instituidores, se este não tẽem rendimento proprio. Os bottos de Sanquelim são os que mais se distinguem pelos seus conhecimentos em theologia hindú, e que mais se consideram versados em assumptos védicos.

O pagode de *Bhagaváty,* especie de fortaleza gentilica em Poriem, é celebre entre os hindús por causa do juramento do ferro em braza, que outr'ora nelle se fazia, e ainda hoje se usa em occasiões solemnes. Consiste este ju-

ramento em applicar um ferro candente sobre a palma da mão direita da pessoa ajuramentada, tendo por intermedio uma folha de bétle ou *caumchempan (Chavica bétle)*. O botto faz previamente uma sandhiá á deusa Kaly para que o ferro queime a mão do individuo se elle for culpado ou jurar falso, e esfrie e não queime se estiver innocente e disser a verdade. Este juramento, denominado *Ravô*, dizem que fôra inspirado pela convicção de que Narayana altera sempre a ordem da natureza, quando isso é mister para proteger a innocencia ultrajada, não deixando nunca de punir a desobediencia e o crime. Não ha na India portugueza nenhum outro pagode onde se preste juramento de semelhante natureza, exceptuando o pagode de *Malsá* em que se pode fazer, não sendo para declarar a guerra, como no de Poriem.

Os pagodes são em geral edificados em terrenos outr'ora concedidos por mercê dos dominantes gentios aos respectivos *mazanes*, como os terrenos em que assentam os de *Xantadrugá* em Quiola Grande, e o de *Malsá* em Mardol. Alguns, porém, são construidos em terrenos das aldeias por diversos gãocares d'ellas ou por toda a communidade agricola.

As dotações são dadivas particulares ou doações das gãocarias; sendo as despezas com o culto feitas a expensas das mesmas dotações, não tendo nada com ellas o dominante ou senhor da terra.

Os templos gentilicos da India portugueza não se admiram pela extensão do seu volume, pelas figuras gigantescas, hieroglyphos, baixos-relevos, pinturas monochromas e polychromas que adornam os principaes monumentos do Industão. São todos de construcção mais simples, e podem ser classificados em duas épocas:

A primeira, da architectura monolithica ou época dos monumentos talhados em plena montanha, como os *houris dos Pandáos* em Arvalem, Lamagão e Aquem, semelhantes ás cavernas dos *troglodytas;*

A segunda, comprehende a architectura hindú moderna

e as architecturas rivaes devidas aos marathas, aos mouros, e aos portuguezes depois do marquez de Alorna encetar em 1746, a campanha contra os ranes e dessays, tributarios do Bounsoló, cujos territorios, passaram nos fins do seculo XVIII e principio do XIX a fazer parte dos dominios de Portugal sob a denominação de Novas Conquistas.

Os templos gentilicos, a que os primeiros portuguezes aportados á India chamaram *pagodes*, talvez por verem a grande balburdia que nelles vae nas grandes festividades, e os idolatras chama *diulás*, são por elles ainda designados com os dois seguintes nomes, segundo a sua fundação: Se o diulá é fundado por uma pessoa ou familia particular, chamam-lhe *devallá;* se foi mandado construir por uma corporação ou communidade agricola, dão-lhe o nome de *mathá* ou *devalem.*

Os portuguezes no primeiro fogo da conquista derrubaram todos os pagodes das Ilhas de Goa, Bardez e Salcete, chamadas Velhas Conquistas, esmigalharam todos os emblemas do culto gentilico, e queimaram todos os livros escriptos em lingua indigena, como convictos ou suspeitos de conterem os preceitos e doutrinas da idolatria. O desejo era exterminar tambem toda a parte da população, que se não convertesse logo; e não só era este o desejo de então, mas ainda passados dois seculos frei Caetano de S. Joseph, religioso dominicano, em 10 de janeiro de 1728, aconselhava ao governo esta providencia.

A India, porém, não era a America. Se nesta puderam os conquistadores europeus exterminar em breve, no littoral, as raças indigenas, simples ou totalmente selvagens, e repovoar a terra com moradores importados da Europa, a longa distancia a que a conquista indiana se achava da metropole, e sobretudo a resistencia invencivel, que naturalmente offerecia um povo numeroso, que soffre todos os insultos e se curva resignado a todos os sacrificios, mas que, com a sua passividade tenaz, sabe manter a sua crença religiosa, e a sua confiança na realisação do seu destino;

um povo entre o qual as classes principaes haviam chegado a elevado grau de civilisação, fez evitar aos conquistadores a violencia ostensiva, e preferir os meios indirectos, posto que não suaves, para alcançar o mesmo fim.

Mas o proprio empenho da propagação da fé christã, as necessidades do governo politico dos territorios conquistados ou feudatarios, e as conveniencias do tracto commercial, demonstraram logo aos conquistadores quanto convinha auxiliar-se dos indigenas illustrados.

Em 1541, depois do demolidos os pagodes das Ilhas de Goa, e quando já na cidade havia igrejas, mosteiros e freguezias, e fora d'ella varias ermidas, Fernão Rodrigues Castello Branco, vedor da fazenda e governador na ausencia do governador D. Estevão da Gama, tomou assento com os gãocares gentios das mesmas ilhas sobre a cessão dos bens, que haviam sido dos pagodes, a el-rei, para serem applicados á sustentação das igrejas e clero christão.

XI

GOPALLAS E GAUCHOS

Habituados a uma vida errante, independente e selvagem, são os gopallas ou gôlys no Oriente, e os gaúchos ou vaqueiros na America, membros da mesma familia e os restos vivos do periodo pastoril ou do segundo estado porque passou a humanidade na sua origem.

— «Quem observa as grandes *tropas* (conductores de generos no Brazil) de S. Paulo, do Paraná, do Rio Grande do Sul, do Uruguay e de outras republicas do Prata, ficará surprezo da estranha conformidade que hade notar no typo do vaqueiro. Aquelles homens, de longos cabellos pretos, tez cobreada, cara quasi sem barba, ampla caixa thoraxica, cabeça, pés e mãos pequenas, parecem todos irmãos, ou antes membros da mesma familia, do que povos de regiões e ás vezes até de lingua diversa.» Esta observação feita pelo illustre escriptor brazileiro, sr. Couto de Magalhães, fizemol-a tambem nós, quando observámos os mesmos individuos tanto no Brazil, como nas republicas do Prata, onde vimos typos inteiramente semelhantes e comparaveis na configuração physica aos *gopallas, lamânos* e *boilecares* ou conductores de boiadas, na India Oriental. Para melhor ideia se fazer d'elles, bastará confrontar os desenhos de uns e outros que possuimos, os quaes não vão aqui estampados por falta de tempo mas sel-o-hão em a

nossa *Viagem á America Austral.* O *caipira* de S. Paulo e do Pará, o *cabué* de Matto Grosso e de Goyaz, o *gaúcho* de S. Paulo e das republicas do Prata, têem os mesmos traços physionomicos que os gopallas e boilecares indo-asiaticos, e estes tão caracteristicos que é impossivel aos olhos menos exercitados fixal-os com alguma attenção sem reconhecer nelles a mesma raça.

O descendente do indio, ou o mestiço do indio e do branco, são o vaqueiro por excellencia em toda a America do Sul. Como o gopalla, está habituado á vida nomada e errante, sempre em contacto com a natureza, vivendo isolado do convivio social, e por isso mantem tanto mais a sua superioridade e pureza de raça, quanto mais se isola e vive com os animaes selvagens, seus unicos companheiros e affeiçoados.

No Oriente, além das tribus dispersas por entre as florestas das Novas Conquistas, encontram-se outras em numero mais consideravel, vivendo em miseraveis *govoles,* proximo dos *Parses* ou taberneiros da maurá (*bassia latifolia*) que os exploram, na *Praganã de Nagar-Avely* do districto portuguez de Damão. Os habitantes d'esta *praganã* ou provincia, que é opulentamente arborisada, em numero de 27:462, distribuidos por 5:011 fogos, segundo o recenseamento de 1881, são quasi todos gentios de raça gopalla ou gôlyna e observam as doutrinas do paganismo. Não têem templos, como já dissémos, mas adoram o *Pármacer* — Deus — na figura de uma pedra informe, de granito, ou basalto, e nas arvores chamadas: *ôres* ou dos banianes (*ficus indica*) na qual veneram seu pae Chrishná; pimpol (*ficus religiosa*); e *Varâme-deu* ou a deusa *Varâme,* sua mãe, na arvore denominada kinsuco (*butea frondosa*).

Os parses, que entre elles residem na qualidade de negociantes estrangeiros, tambem não têem templos; resumindo-se o seu culto na adoração do sol e do fogo, na oração e na palavra. Estes observam as doutrinas do zoroastrismo, e possuem em Damão Pequeno um templo de exiguas dimensões, mas simples e elegante, aonde conservam o fogo sagrado que ha muitos annos trouxeram da

Persia, quando as perseguições dos musulmanos os constrangeram a emigrar para o Guzerathe. São hospitaleiros, beneficentes, bondosos e inoffensivos, quando se não trata de commercio; e, como os brahmanes, não comem senão lacticinios e vegetaes. A sua religião conserva alguma cousa da elevação e pureza de Zoroastro, a quem os guébres attribuem a redacção de seus livros sagrados.

O gôly, e em geral o hindú, influenciado pelo clima e a alimentação, é indolente e ao mesmo tempo astuto e desconfiado. Consome dias inteiros antes de deliberar sobre qualquer negocio, e raro succede que se não perca a paciencia antes de terminada qualquer transacção em que tome parte. Encobrindo artificiosamente os seus intentos, offerecendo mil pretextos e escusas das suas delongas, apresenta-se ao mesmo tempo com ares ingenuos e sinceros, de molde a captar a confiança dos que com elle tratam franca e lealmente, e por isso frequentemente os logram, burlam ou enganam.

A quasi totalidade da população de Nagar-Avely divide-se em quatro *jates* ou castas, conhecidas pelos nomes de *Rajahputros, Daryás, Dublás* e *Varlys*. Esta ultima, que é a predominante, constitue a grande tribu dos gôlys propriamente dita, os quaes são todos da seita de Vishnú e da casta dos sudrás.

Posto que tisnados por um sol abrazador, nem por isso deixam de ter delicadas e regulares proporções de corpo e de rosto, que é rematado por uma barba pouco densa, preta e curta. Têem a tez côr de cobre, cabellos longos e pretos, o nariz regular e bem disposto; os olhos algum tanto encovados, mas vivos, penetrantes e cheios de fogo; os dentes bellos e alvos. São de mediana estatura e de um natural benevolo; têem nas maneiras gravidade e circumspecção, mas com certa reserva e retrahimento, que parece nascer da solidão em que vivem e do mau trato que muitas vezes recebem das raças superiores e dos dominantes europeus. A sua linguagem é a guzerathe e a marathi, tendo além d'isso um calão, que lhes é peculiar.

Os gôlys do sexo masculino andam quasi nús; um bocado de panno de algodão, que lhes cobre imperfeitamente os orgãos genitaes, é o unico vestuario; além d'este panno chamado *langotim,* usam de um *cambolim,* especie de manta que trazem ao hombro e lhes serve para no *terral* se resguardarem do frio. Na cabeça usam uma trunfa feita de uma tira de panno de algodão branco ou azul denominada *rumal.*

Andam descalços; trazem argolas de metal nas orelhas, manilhas nos braços, e pendente do pescoço, encastoada em prata, a pedra chamada *lingá,* que é a jadeite de côr verde, a que dão alta valía, suppondo-a uma individuação de Ispará e symbolo da propagação. Iguaes ornatos vimos usar aos indios amazonenses, que trazem tambem pendente do pescoço ou atada ao braço a nephrite e outras pedras de côr verde, como a orthosia, mais conhecida por *amazonstone.*

Esta crença, que tão naturalmente se allia ao *totemismo,* que teve a pedra por objectivo, pode igualmente radicar-se na theogenia da antiga Syria, e mais particularmente do Libano, onde em tamanha porção appareciam os machados de pedra, que o povo os tomava por amuletos provindos do céu, por isso que, no dizer de Damascius, e de accordo com a crença popular, fora *Uranus,* o deus mais antigo de entre os deuses, que primeiro os havia observado ou introduzido entre os homens.

O culto de pedra, que na America se denomina *Totemismo,* foi observado no antigo continente pelos povos que ao depois mais se adeantaram no estado da civilisação. Os arabes, em epoca anterior á era mahometana, e os phenicios do cyclo aureo dos primeiros descobrimentos, tinham em veneração algumas pedras. Os gregos e os romanos veneravam as pedras erguidas sob o nome de Hermes ou Mercurio. Na Europa occidental, diz Lubbock, durante a idade média, vimos o culto das pedras muitas vezes condemnado, o que prova quanto ella era tambem frequente; sendo ainda hoje em dia muito veneradas em toda a

parte do mundo as pedras preciosas principalmente pelo sexo feminino.

As gôlynas, que tambem veneram as pedras e usam d'ellas como ornato e amuletos, vestem um breve panno de algodão azul, verde, ou vermelho, que apenas as cobre desde a cintura ao baixo ventre, usando algumas vezes de identico panno, que lançam sobre a cabeça e os hombros para se resguardarem das intemperies. São de estatura mais que meã, e de corpo delicado e bem marcado em suas proporções. A cabeça, antes pequena do que grande, é ornada de uma madeixa de cabellos pretos e corredios, que algumas vezes se lhes debruça, em anneis, pelos hombros, e assenta-lhes airosamente em um bem torneado collo, ornado de collares feitos de pedrinhas, de missanga, de conchas ou de dentes de animaes. A tez cobreada condiz melhor com o preto azevichado de seus olhos grandes, rasgados e revellando intelligencia superior. O nariz, em cuja narina esquerda usam uma argola de metal chamada *nôto,* tem a bella forma grega; as orelhas são pequenas, mas furadas no alto, no meio e na parte inferior do lobulo onde trazem arcadas ou *brincos,* que ás vezes attingem largas dimenções; a bôca pequena, graciosa e de labios rosados, é ornada de alvos e bem apostos dentes; e os braços, bem torneados, são igualmente ornados de grande numero de braceletes ou manilhas feitas de bronze fundido, de vidro, e de massa de cajú. Andam tambem descalças, como os homens, tendo as mãos e os pés pequenos e delicados. Fazem todo o serviço domestico; tratam dos filhos com extremado carinho, e auxiliam seus maridos e parentes nos trabalhos agricolas e na pastoria dos gados, sua principal occupação e industria. Quando dão á luz os filhos, vão logo banhar-se e continuam, sem resguardo algum, no seu trabalho domestico. São intelligentes e lêem a sina, como vamos contar: — Um dia de grande calor, andando acompanhado do nosso compatriota e amigo, então coronel e hoje general reformado, sr. João Luiz de Oliveira, e do illustre nativo Filippe Nery Xavier, de sau-

dosa memoria, a levantar a planta florestal de Caranzol em Satary, entramos num govol para descançarmos. Aqui se nos deparou um sublime grupo composto de marido, mulher e uma formosa creança de mezes de idade, representando ao vivo o grupo de Adão, Eva e Abel no biblico paraizo terreal. Tanto o gopalla como a golyna, que não teriam mais de vinte primaveras, eram de formas perfeitissimamente correctas. A creança era divinamente esculpturada.

Depois do *rame-rame,* saudação do estylo, começou Nery Xavier, que nos servia de interprete, a fallar com os gôlys em maratha e concani, pedindo-lhes desculpa da nossa brusca entrada na sua habitação sem nos descalçarmos. Instantes depois, pediu á gentil gôlyna que nos lêsse a nossa sina. E esta, sem se fazer muito rogada, pegou-nos na mão esquerda com a sua direita, fina e delicada, e tendo-a examinado com seria attenção, disse-nos pouco mais ou menos o que ha muito sabiamos; isto é, que o homem, desde o nascimento até á morte, obedece a uma predestinação inflexivel que, por mais que tente desviar-se do caminho traçado pela Providencia, a força das circumstancias lá o vae conduzir fatalmente.

Os gôlys comem duas vezes ao dia; uma pela manhã cedo, e a outra á noite, quando os gados recolhem da pastoria. Na sua alimentação, que é demasiado frugal, não fazem uso do *lôny* ou manteiga, preferindo antes o *daim* e a *tac,* que é uma especie de requeijão muito acidulo, a que addicionam leite coalhado de fresco, algum sal de cozinha e folhas de bétle. Estas substancias alimentares, alguns vegetaes e uma ápa de nachínim é o seu alimento diario, tanto na refeição da manhã, como na da tarde.

Em quanto os homens tratam dos gados, as mulheres, que nunca fazem queijo, occupam-se da fabricação do *lôny, tac* e *daim.*

Á noite, quando as vaccas e as bufalas recolhem das pastagens, ordenham-nas, e fazem em seguida ferver o leite por espaço de uma hora em vasos de barro por elles fabricados.

Os hindús pretendem, com justo motivo, que o leite, não sendo fervido, não é tão saboroso nem saudavel.

Depois da familia gôlyna tomar o leite para a sua alimentação, deixam esfriar o restante, a que juntam uma porção de nata do dia antecedente, para obterem a fermentação acida. Na manhã do dia seguinte, depois de feita a coagulação, deitam o leite coagulado em outro vaso de barro, e batem-no com um instrumento apropriado de pau, chamado *râvi,* até se formar o *lôny* ou manteiga, que vendem nas povoações mais proximas dos seus gôvoles.

O gado gôlynico é muito docil e o melhor e mais bem alimentado que se encontra na India portugueza. Como vive a maior parte do anno nas montanhas deshabitadas pelo homem, quando passa algum individuo perto da manada, principalmente se for vestido, vê-se immediatamante rodeado pelo armentío que manso e manso, e como admirado, se approxima d'elle para reconhecer o estranho objecto.

A manada inteira segue docilmente o gopalla que a pastoreia. Este e o seu armentío não têem cabanas propriamente ditas, durante a quadra estival; mas á noite, para se defenderem da invasão dos animaes carnivoros, ameijoam em *gothós* ou cerrados feitos de estacas, e guarnecidos de arbustos espinhosos. Os gôlys, suas mulheres, filhos e um ou dois cães pecoream junto do gado depois de accenderem uma porção de lenha para afugentar os tigres. Esta precaução não é muitas vezes sufficiente, porque aquelles animaes selvaticos saltando nas malhadas vão ahi fazer preza na melhor e mais bem nutrida rez.

Estes pastores nomadas não usam armas de fogo para não afugentarem o gado com a detonação; e repousam confiados em Chrishná, na sua *funda,* como o gaúcho no seu terrivel *laço,* na *coyti* ou faca de mato, e na guarda do *kutró* ou rafeiro, que, sempre vigilante e fiel a seu dono, os adverte da proximidade do inimigo.

Durante a estação pluviosa os gôlys descem das montanhas e vẽem residir na cercania das povoações ruraes, onde

construem os gôvoles, cabanas ou *ranchos* como lhes chamam os americanos, para si e os seus gados. Aqui ficam vivendo em quanto as pastagens da vizinhança lhes fornece alimento sufficiente para o *pachú* ou armentio. Depois retiram para outra localidade onde o gado encontre boa agua, melhor e mais abundante pastagem.

Todos os animaes novos e os destinados á propagação, assim como as cabras, são pastoreados juntamente em um mesmo rebanho. No gôvole fica apenas o gado doente, as crias e as gôlynas que são dispensadas na pastoria.

De manhã, depois de ordenharem as vaccas e as bufalas, abrem-lhes os gothós, e ellas sem que ninguem as conduza, á excepção das *chócas*, e na America das *madrínhas*, vão reunir-se com os bois, os bufalos e as cabras num ponto determinado da localidade, onde se forma o grande rebanho de todos os gôvoles da tribu, ficando nos gothós os animaes que tẽem de ser empregados no serviço da sua pequena agricultura, e as vaccas e bufalas paridas, afim de lhes aproveitarem o leite. Os animaes femininos raramente são jungidos ao arado.

Cêrca das oito horas, finda a refeição da manhã, e quando o sol já tem evaporado o orvalho das plantas, com o qual o gado adoece, o *garchó-vadil* ou maioral e os gopallas conduzem o grande rebanho ás pastagens. Ao meio dia e ás quatro horas da tarde dirigem os gados aos logares aonde costumam abeberal-os, e ao pôr do sol voltam com elles para ameijoar.

Durante a quadra pluviosa, o gado estabulado come uma porção de herva, e na estação secca e relativamente fresca dão-lhe palha de arroz ou algum feno. Os animaes de trabalho, além do feno, recebem tambem alguma *pináca* ou *penddi*, que é o residuo da extracção do oleo do côco. Ás *gaitris* ou vaccas, e ás *reris* ou bufalas criadeiras dão-lhes a competente ração de palha e uma beberagem, acida e refrigerante, de agua com farinha de nachinim e de outras farinaceas, a que juntam os restos do leite coalhado.

Os serviços ruraes executados quer pelos gôlys, quer por

outros hindús, são feitos pelo vráxabhábоilá *(bos indicus,)* pelo reddó, reró ou bufalo *(bos bubalus)*; e só empregam a *gaitri, gô* ou vacca, á falta de bois e de bufalos, quando os trabalhos da lavoura não são penosos.

Como o *tucháua* americano, assim o *garchó-vadil* asiatico é o rei da familia; e tudo que não está comprehendido na tribu consideram-no inimigo d'ella.

Os gôlys empregam a maior parte dos lucros da sua industria pastoril, no estabelecimento dos filhos, nas cerimonias religiosas, nos casamentos e funeraes. O superfluo costumam ordinariamente enterral-o; de modo que muitas vezes, succedendo morrer o chefe da familia sem declarar onde tem enterrado o seu thesouro, vêem os herdeiros a perder o que os poderia tornar independentes.

O gôly considera-se rico quando possue 200 vaccas, 30 bufalos, 100 cabras, e um numero sufficiente de bois de trabalho, destinado á exploração de um pequeno tracto de terreno junto do gôvol de inverno.

Conhece as armas de fogo, mas ainda não abandonou o arco e as flechas, que meneia dextramente, e lhe serve para a caça. Os costumes do gôly são simples e patriarchaes.

Nos seus folguedos, dansam e cantam ao som da *tarpa*, como os gaúchos ao som da viola e da guitarra. Suas monotonas canções versam ordinariamente sobre os amores e as acções guerreiras dos seus antepassados. Durante os divertimentos bebem espirito de *maurá*, de cajuri *(phœnix silvestris)*, ou de *finim* — espirito do *cocos nucifera* — até ficarem ebrios.

A tarpa é formada pelo conjuncto de tres peças: a 1.ª e superior denomina-se *tamarum*, e é feita de abobora branca; a 2.ª, chamada *dandy*, é de bambú; e a 3.ª, que tem a designação de *caytum*, é composta de palmeira brava *(cariota urens)*. É ao som d'este primitivo instrumento que elles executam as dansas denominadas: *tarpá-xalá, urquiá, jeurá-darum* e outras.

Dos usos e costumes dos *gaúchos* e *vaqueiros* americanos nada diremos, porque na America apenas tivemos tempo

de colligir sem aperfeiçoar as observações traçadas apressadamente na nossa carteira de viagem.

As essencias florestaes dominantes na Praganã de Nagar Avely, á sombra das quaes os gôlys apascentam os seus rebanhos, são:

A *teca (tectona grandis)* denominada em guzerathe *Sag.* Esta arvore é a verdadeira representante do carvalho na India, porém ainda mais apreciada para as construcções navaes. Sua resistencia é decididamente inferior a algumas outras arvores, taes como o Tanasse *(dalbergia oojenensis),* mas nas suas qualidades geraes e especialmente na perfeita conservação por muitos annos, até mesmo exposta ao tempo, superior a muitas outras madeiras da India. A differença em suas qualidades é notavel consoante as latitudes, o solo e situação, de forma que a teca do norte é commumente reputada superior á de Goa, esta de maior duração que a do Canará e a do Malabar, dizendo-se a do Pegú de todas inferior, havendo, comtudo, muitas excepções que destroem em parte uma tal supposição.

As florestas da Praganã Nagar-Avely podem reputar-se compostas de dois terços ou mais de arvores de teca, sendo o restante representado pelas outras especies em mui variada proporção.

São reconhecidas pelos indigenas de quasi todo o Guzerathe quatro variedades de teca, a saber: *aguiá* ou de *fogo*, porque a sua serradura produz erupção de pelle; *telliá* ou de *azeite,* porque tem uma apparencia oleosa; *chicaliá* ou *rija,* porque é mais difficil de trabalhar; finalmente, *govarió* ou *ordinaria,* porque é mais facil de trabalhar e de menos duração.

Sadará (pentaptera glabra e *pentaptera arjuna)* denominada tambem *mirty* e *aynno guzerathe* e *maretta* nas matas de Goa, é ainda a segunda madeira na Praganã, não tanto em relação ás qualidades, mas quanto á sua quantidade, apesar da incalculavel devastação que tem soffrido em epocas differentes.

A madeira d'esta arvore tem grande applicação nas con-

strucções civis pela sua extrema duração, quando abrigada das chuvas, porque não só é inatacavel aos vermes, mas até quasi um antidoto para os afugentar. A casca de *sadará* é empregada pelos pescadores para tingir as suas redes; e a cinza, que tem a apparencia de cal de branquear, e se conserva como esta com a forma do tronco em quanto não exposta á humidade, é de uma soffrivel extracção para curtimento das pelles.

Ha duas especies de *sadará:* A preta *(peutaptera glabra)* tem a apparencia de sissó no tronco, e ramos mais desenvolvidos, e posto que difficil de trabalhar e mui pesada, substitue, sem grande differença ou inconveniente, aquella madeira nos artigos de mobilia. A *sadará branca (peutaptera arjuna),* quasi sempre encontrada junto dos rios e ribeiros, attinge grandes dimensões, e é avaliada da mesma forma que a preta, posto que a rapidez com que se desenvolve não confirme a sua resistencia e duração.

Calicanty (acacia sundra) ou *lalker,* muito semelhante ao *Ker* na folha e flor, e distinguindo-se apenas d'este pelas fendas do involucro cortical do tronco, é sufficientemente abundante nas matas do Estado da India portugueza; e, posto que igualmente muito pesado e de uma côr mais escura, é, comtudo, de muito menor duração e de dimensões, sendo em geral tortuoso, e raro tirar se d'elle pranchas de tamanho regular.

Sissó (dalbergia latifolia) é a arvore de madeira preta bem conhecida na India pela grande procura para a mobilia lavrada, de que tanto uso se faz no Industão, e a que na Europa se dá tão grande apreço; encontra-se geralmente nos logares mais humidos taes como as ravinas dos Gattes; no Guzerathe, porém, nunca attinge as dimensões que se obtem no territorio de Goa e no Malabar, sendo além d'isso mais ou menos tortuosa. Corre, como rifão entre os gentios, que a prata, o ouro e o *sissó* nunca perdem o valor.

Tanasse (dalbergia oojenensis) é a arvore, cuja madeira amarellada como o pau buxo, tem, pela sua riqueza, grande

procura no Guzerathe para as peças de pequenas dimensões da armação dos carros, satisfazendo a grande resistencia que ahi se requer. A numerosa quantidade de carros usados no Guzerathe dá a explicação talvez das menores dimensões em que presentemente se encontra, apesar de ser susceptivel de attingir um grande desenvolvimento como o *sadará*.

Sivane (ginelina arborea) é de grandes dimensões, e a madeira tem grande valor pelo seu pouco peso e muita resistencia para estatuetas, coronhas de armas, caixas de carruagens, e outros trabalhos de marcenaria, sendo comtudo de apparencia menos oleosa e mais branca do que a nogueira.

Damborá (conocarpus latifolia): — é de admirar a resistencia e elasticidade da madeira d'esta arvore que apenas, com dimensões pouco superiores ás que se dariam a qualquer eixo de ferro, é usada em todas as carretas, mesmo das que servem á conducção de grandes madeiras, e que percorrem um paiz sem estradas a distancia de muitos kilometros.

Hedu (nanclea cordifolia), denominada igualmente *aldavane* ou *calame,* segundo é branca ou amarella; é de grandes dimensões, porém pouco duravel exposta ao tempo, mas fornecendo taboas muito largas e limpas, e por isso de grande uso em toda a construcção interior das casas, muito principalmente no forro dos tectos onde adquire um bom branqueamento com a oleação.

Assane (briedelia spinosa), attinge grandes dimensões, e a madeira é forte e facil de trabalhar, sendo além d'isso muito preferida para as grandes armações dos poços, porque tem uma extrema duração quando immergida na agua.

Damni (grevia tiliaefolia), é mais commum que a *Damborá,* a qual substitue, porém, com menos vantagem.

Timbri (diospyrus montana), é sufficientemente commum, porém não attinge grandes dimensões em consequencia do uso que d'ella fazem nos pequenos instrumentos de lavoura; a sua madeira, posto que preta como o ebano, e

de grande resistencia, não soffre, comtudo, muito a acção do tempo.

Jambol (Eugenia caryophyllata), jamboleiro; — muito desenvolvida e frondosa arvore; a sua madeira avermelhada é bastante flexivel, e supporta bem a humidade, e por isso é muito usada para ripamento dos tectos das casas, e grades para os poços. Ha uma outra especie *(Eugenia jambolana)* que dá excellentes traves, porém em consequencia de ser menos corada, tem inferior duração.

Biá ou *biblá (pterocarpus marsupium)* — muito commum e de largas dimensões, servindo a madeira para construcção dos madeiramentos das casas, mas tem pouco valor, porque não resiste bem á humidade.

Quinei ou *quirni (mimusops hxandria)*, muito desenvolvida arvore, e a sua madeira usada tambem exposta ao tempo.

Apteira ou *aptá (banhima parvifolia)*, é de madeira mui forte, mas de inferiores dimensões; a casca é excellente para cordas e as folhas têem uma superior extracção para fazer os *bhiris* ou cigarros do paiz.

Palasse (butea frondosa), arvore mui desenvolvida e frondosa, e a madeira com sufficiente duração; as folhas são de um grande uso não só para cobertura das *govoles* ou choupanas, mas para, cosidas umas ás outras, formando circulos de quatro decimetros de diametro, servirem de pratos a toda a população gentilica.

Babul ou *babaliá (acacia arabica)*, é hoje uma das arvores de tamanho medio, que mais se tem procurado propagar na India ingleza, pela facilidade com que nasce e se desenvolve, e pelo bom resultado que dá como combustivel nas machinas a vapor, e pelo bom alimento que prestam as suas folhas e pequenos troncos, desde fevereiro até ao principio da quadra pluviosa, ao gado lanigero e caprino, cuja carne toma o sabor do gado da Europa.

Cajuri (phoenix silvestris), é o genero de palmeira que mais abunda no Guzerathe, onde constitue, em muitos sitios, importante renda ao proprietario.

Maurá (bassia latifolia), é arvore mui abundante nas florestas do Guzerathe, attingindo o tamanho, muitas vezes, do carvalho; produz uma flor branca e carnosa semelhante ao bago de uva, da qual se extrahe grande quantidade de espirito, sendo por isso, de principal consummo nas tabernas indigenas.

Ker (acacia catechu) ou *pau-ferro.* Arvore, cuja madeira é reputada uma das primeiras em relação ás suas qualidades, porque não é atacada pelos insectos, e tem uma extrema resistencia e duração.

É mui procurada para forquilhas ou pilares para sustentar os tectos e pavimentos das casas, e muito superior será a construcção d'estas para que se dispense este modo de fabrico, julgando-a indispensavel não só para as varandas e balcões, mas ainda funccionando juntamente com as paredes como pontos de apoio das traves de toda a armação.

Não ha nora, cegonha, engenho para canna saccharina ou para azeite, que não requeira, como eixo ou pião, uma ou mais peças desta arvore; e em menores dimensões tem igualmente grandes usos, taes como caixilhos para vãos de portas e janellas, cubos para rodas e outros objectos.

Obtem-se pela decocção do pau-ferro, uma substancia secca e friavel, com sabor fortemente adstringente, denominada *catto, catechu* ou *terra japonica,* de muita applicação (segundo as qualidades) na pintura, na medicina, e na tinturaria; porém o seu principal consummo é misturado em pequenas porções com o *betle* e *areca (pansuppary),* de que na India se faz tão geral e constante uso, como na America do cha-matte *(ilex-paraguayensis)* e das folhas da *cóca,* e na Africa os pretos fazem do tabaco para mascar. Muito pouco abastado será o hindú que não mastigue depois de qualquer das comidas, o betle e areca, e que não seja este, como nas republicas do Prata é o matte, tomado pela *bombilha* (especie de *gurgory* indiano) o indispensavel offerecimento a qualquer dos seus hospedes, ou ao terminar qualquer recepção, cerimonia ou negocio, podendo, por

isso, apreciar-se o grande consumo de *catto,* mesmo nestas tão pequenas quantidades.

Extrahem-se do pau-ferro tres qualidades de *catto:* o branco-rosado pelo preço de prata com applicação na medicina; o vermelho-escuro de $^1/_4$ do valor do primeiro e de grande uso na mastigação, na pintura e outras cousas; e o roxo quasi negro e de baixo preço, usado como mordente na tinturaria, nos cortumes e como presa com a cal nos trabalhos de alvenaria, sendo a maior parte de qualquer das qualidades obtida por importação da China ou de Singapura, onde se fabricam em larga escala.

XII

CASAMENTOS

O casamento entre os gentios é um dever prescripto pela sua religião, e considerado como uma das mais bellas e das mais santas acções da vida do homem.

O celibato, quando não tem por desculpa uma absoluta necessidade, é um estado deshonesto e infame, contrario ás leis da natureza e ás vistas da Providencia. Assim, quando qualquer gentio, por mais pobre que seja, pretende casar-se, acha todos os individuos da sua casta ou tribu dispostos a auxilial-o no seu projecto.

A polygamia é permittida aos gentios ricos; os pobres contentam-se com uma só mulher; e, quando têem filhos masculinos, conservam a esposa ordinariamente por toda a vida.

Os homens no Oriente podem casar-se em toda a idade, mas depois da puberdade; as mulheres, porém, não podem contrahir nupcias depois de puberes.

Conforme a lei gentilica, as nupcias são prohibidas entre os individuos da mesma tribu, *gothrá,* ou entre pessoas que adorem o mesmo deus primitivo e privativo da tribu, deus de *pilguy*. Podem, comtudo, casar com suas sobrinhas, filhas de suas irmãs, mas não com as filhas de seus irmãos, assim como não é permittido a dois irmãos desposar duas irmãs, isto é, um desposar a cunhada do outro.

No Brazil, segundo o testemunho do preclaro Padre José de Anchieta, os gentios americanos tambem não casam com as sobrinhas filhas de seus irmãos — «porque — diz o illustre missionario — lhes chamam filhas, e nessa conta as tēem; e assim *neque fornicarie* as conhecem, porque tēem para si o parentesco verdadeiro: vem pela parte dos paes, que são os agentes; e que as mães não são mais que uns saccos, em respeito dos paes, em que se criam as creanças, e por esta causa os filhos dos paes, posto que sejam havidos de escravas e contrarias captivas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das femeas, se são filhos de captivos, os tēem por escravos e vendem, e ás vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos, filhos de suas filhas, e por isso tambem usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam,* mas não que haja obrigação nem costume universal de as terem por mulheres verdadeiras mais que a outras, como dito é.»

Todas as tribus impedem com grande cautella, e algumas até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher e sobretudo do homem, até á época do casamento, o qual não é tolerado antes de 25 annos, sem que comtudo seja isso o ordinario; o casamento é commum depois dos trinta. A principal razão que dão os selvagens para assim procederem é a força e energia da prole, muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimentar, do que entre povos civilisados.

As solemnidades das nupcias são todas religiosas na India Oriental. Ninguem as pode dispensar; mas conforme as leis de *Manú,* destinam-se unicamente ás virgens. Estas solemnidades são a sancção necessaria do casamento; e o pacto consagrado por estas preces fica completo e irrevogavel ao setimo passo dado pela noiva, de mão ligada com a de seu noivo.

Pelo facto do casamento, a esposa fica entregue ao seu marido sem restricção nem compensação alguma. É como

a escrava, sem consciencia da sua individualidade e sem opinião propria.

A mulher gentia vive em uma perpetua dependencia. Consoante as leis de Manú, depende de seu pae durante a infancia; de seu marido desde que se sujeita ás leis do matrimonio, e de seus filhos masculinos logo que lhe morre o marido. Se não tem filhos, depende dos mais proximos parentes de seu pae, e, finalmente, do governo, á falta de parentes paternos.

O casamento, embora se realise na infancia dos dois esposos, não pode consumar-se senão passados dezeseis dias depois de manifestada a puberdade da mulher; e se o marido morre antes da juncção dos dois sexos, fica a joven consorte condemnada ao celibato e á perpetua virgindade.

As gentias, tanto orientaes como americanas, occupam-se do governo da sua casa, são boas mães e esposas submissas e fieis. A esterilidade entre ellas é considerada como um estado humilhante e uma grande infelicidade, e por isso não poupam as oblatas aos deuses, as esmolas aos pobres, nem as offerendas aos bottos e pagés para obterem os filhos que a sua infecundidade lhes nega.

Os hindús são obrigados a casar suas filhas na idade de sete a nove annos, antes da puberdade; e os filhos, podendo casar em toda a idade, não podem comtudo contrahir nupcias antes da sua manifesta puberdade.

Aquella a quem se declara a puberdade antes do casamento, fica innupta e é excluida da casta, o que é reputado pelos gentios orientaes como a maior das desgraças.

As gôlynas e todas as mulheres de raça maratha, são exceptuadas d'esta lei, e podem casar depois de puberes; ou antes, como as americanas, só depois de mulheres feitas é que podem casar.

«Um pae — diz Manú — é reprehensivel se der sua filha em casamento em tempo improprio; o marido se não cohabitar com sua mulher na sazão propria; isto é, *passados os dezeseis dias depois de se declarar a puberdade, o que tem logar muitas vezes dos nove aos dez annos de idade;*

depois da morte do marido, é reprehensivel o filho que não protege sua mãe.»

«O marido, fecundando o seio de sua mulher, renasce ali na forma de um feto, e a esposa se chama — *Diaya* ou deusa do céu, porque seu marido d'ella nasce segunda vez.»

«A mulher — continúa Manú — dá sempre á luz um filho dotado das mesmas qualidades d'aquelle que o gerou; por isso, para assegurar a pureza da sua familia, o marido deve recatar com cuidado sua consorte, por causa da paixão que as mulheres tẽem pelos homens, pela inconstancia do seu genio e pela natural falta de affecto. Conhecido assim o caracter, que lhes foi dado pelo Senhor das creaturas no momento da creação, é conveniente guardal-as com vigilancia para que não sejam infieis a seu esposo.» — Os gentios brazileiros pensam de igual modo, e cuidadosamente recatam suas mulheres.

As cerimonias, que precedem e acompanham a celebração do casamento, variam segundo as castas e as localidades. Entre as classes elevadas, e ricas, os *pancattys* ou banquetes, e as festividades a que pelo uso estão obrigados, são muito dispendiosas. O nascimento e baptisado dos filhos é tambem acompanhado de cerimonias, banquetes e festividades.

Quando a gentia dá á luz, o chefe da familia, denominado *Daigi* ou *Gotri,* manda offerecer um côco e algum assucar ao seu deus protector, e depois a todos os parentes e amigos, participando-lhes por esta offerta o prospero acontecimento de sua familia.

O pae do recemnascido esparge a casa com excremento de vacca diluido em agua, para a purificar, e todos os habitantes d'ella esfregam a cabeça com oleo de côco. A puerpera toma em seguida ao parto um banho de *douche* ou vae banhar-se em agua corrente, como as indias do Amazonas que, depois de darem á luz e de tomarem banho, continuam, sem resguardo, os seus trabalhos e a crearem os filhos com toda a dedicação e carinho. Na India Oriental,

porém, a puerpera, emquanto não perfizer dez dias depois do parto, conserva-se afastada da familia, ou tem apenas trato com outra mulher, que tambem não pode communicar com outras pessoas. Esta pratica é igualmente observada com as gentias, quando menstruadas.

No undecimo dia, a puerpera e todas as pessoas da familia tomam uma porção de agua benta gentilica chamada *pancha-gavia*. Seguidamente, os paes, parentes e amigos da casa reunem-se para baptisarem a creança; mas antes de lhe darem o nome, que é quasi sempre o de um de seus deuses, o botto, como no Brazil o pagé, ou á falta d'elle o chefe da familia, consulta a *Postóca* ou livro sagrado, tira o horoscopo do recemnascido, e examina se os planetas lhe são favoraveis. Se é o botto quem faz a ceremonia, recebe as offerendas que os paes da creança lhes dão, terminando a solemnidade por um banquete e por divertimento, ao som de *ghumattas* e outros instrumentos musicaes, qual d'elles o mais dissonante. Este estridulo concerto dura até ao romper da aurora da manhã seguinte.

A gentia asiatica, como a india americana, dão á luz no chão. Ali é, durante dez dias, abandonada pelo marido; aqui é o esposo que lhe assiste e serve de parteiro, incumbindo-se de cortar o cordão umbilical á creança, com os dentes ou com duas pedras, batendo uma na outra. Finda esta operação, a mulher vae, como dissemos, banhar-se no rio mais proximo da *malóca*, emquanto o marido corre a deitar-se na rede, onde jejua durante o tempo preciso para cicatrisar o umbigo da creança, o que succede passados seis a oito dias. Depois, como os orientaes, reunem os parentes e amigos para festejarem o nascimento dos filhos, banqueteando-se e folgando alegremente.

As indias amamentam os filhos de ordinario anno e meio, sem lhes ministrarem outro alimento. Amam extremosamente as creanças, que nunca castigam, e trazem-nas ás costas mettidas em pequenas redes, a que chamam *typoias*, ou depois de certa idade, escanchadas nos quadris, como fazem as asiaticas, as africanas e muitas européas a

seus filhos. Supersticiosas, como todas as mães, quer sejam idolatras quer christãs, receando que lhes enfeiticem os filhos, applicam-lhes algodão em rama sobre a cabeça, penduram-lhes ao pescoço reliquias de santos, amuletos, certos paus, pedras ou pennas de passaros, para os preservarem dos espiritos malignos.

A india, tanto americana, como asiatica tem encargos e pensões mais de escrava que de dona de casa.

No dizer de Lery, de Simão de Vasconcellos, Gumilla, Gabriel Soares, Hans Stado, Herrera, Southey e outros, quando o indio americano se aborrecia da mulher dava-a a outrem, ficando ella com o privilegio de ter logar separado no dormitorio e um campo cultivado para seu uso.

O irmão, ou o mais proximo parente do sexo masculino, ficava tendo como sua a esposa do finado.

Quando uma india chega á idade de casar, cortam-lhe o cabello e lançam-lhe ao pescoço um collar de dentes de animaes, que ella conserva até lhe nascerem novas tranças.

No periodo da maternidade, emquanto o marido está deitado na rede representando a puerpera, anda esta, sem dar mostras de soffrimento, a servil-o e aos filhos. A razão d'este facto, escreve Lery, é o pae presumir que o filho é essencialmente seu, e que da mãe apenas recebe a forma plastica que a nutrição desenvolve depois. Este conceito é, como vimos, igual ao dos hindús.

A primeira operação que os indios americanos fazem á creança recemnascida é achatar-lhe o nariz, e depois perfurar-lhe o labio para nelle collocarem a pedra denominada *tembetá*, a que dão alto apreço, desde a mais remota antiguidade.

As indias occupam-se, além da preparação dos alimentos, em fiar e tecer o algodão em fuzos que ellas fazem girar entre os dedos, e em fabricar vasos de barro de todas as dimensões. Fazem igualmente cestos tecidos de junco e palha, bem como as pinturas das *cuias*, que depois cobrem com vernizes formados de diversas gommas. Vão

á pesca, remando nas ygaras e pirogas, sendo-lhe todavia prohibido acompanhar os caçadores na floresta.

Nas viagens são ellas que conduzem os pilões, as redes, as vasilhas e toda a especie de utensilios, emquanto os homens apenas levam as suas armas.

São, como as indias orientaes, excluidas das cerimonias religiosas em que funcciona o *pagé*, podendo comtudo consultar os indios feiticeiros e as mulheres que ellas consideram com o dom da prophecia, e que nós em Portugal denominamos *bruxas* ou *mulheres de virtude*.

No serviço rural, plantam o milho, a mandioca, que raspam, pizam e d'ella fabricam *cauim*, mastigando a raiz da mandioca depois de cozida, e fazendo-a fermentar para novamente ir ao fogo. Pelo mesmo processo da mastigação, preparam outra bebida chamada *chica*, por os indios acreditarem que essas bebidas, sendo preparadas por homens, não têem as mesmas qualidades excitantes que lhes attribuem.

Nas tribus anthropophagas, como a da serra dos Aymorés, onde estivemos em outubro de 1882, tem a india um grande papel a desempenhar nas festas que precedem a morte do prisioneiro e no banquete cannibal. Depois de encherem os vasos do licor destinado ás festividades do sacrificio, tecem ellas a corda denominada *mussurana*, com que amarram a victima; sendo ás velhas que compete entoar os canticos de morte, dirigindo injurias ao prisioneiro em quanto lhe rapam os cabellos. Depois de morto, são ainda ellas que o esfolam e preparam o *moquem*, pertencendo-lhes as visceras na distribuição do despojo da victima. Estes actos de barbaridade, porém, são actualmente rarissimos nas tribus indigenas do Brazil, entre as quaes existe tudo desde as instituições austeras e de uma severidade de costumes que excedem o quanto a historia nos refere, até á communhão das mulheres.

O instincto da conservação, a altivez, o amor da familia e a fidelidade aos seus juramentos sagrados, vem em auxilio do sentimento de honestidade, para fazer do indio um

homem, pelo commum, mais moral do que o ente chamado civilisado, em que os crimes inspirados pela paixão refinam no cadinho das *conveniencias*, sendo a impostura e a ignorancia do verdadeiro dever a causa primordial dos infortunios sociaes que estamos presenceando.

No estado selvagem a familia indiana é o que deve ser: a expressão exacta das necessidades sociaes, que ella sente no grau de civilisação em que se acha; sendo, portanto, tão digna de consideração e respeito como a nossa que, infelizmente, vae desprezando tudo quanto ha de mais levantado e nobre.

XIII

FUNERAES

As *sodotas,* ou cerimonias funebres entre os gentios da India Oriental, variam segundo as castas.

Quando um gentio adoece, a familia manda chamar o *Vaíza* (medico) ou o *vaqhatyá*, assim denominado o hindu que ministra medicamentos, seja ou não medico de profissão. Estes esculapios indianos pertencem todos á casta dos *sudrás;* são ignorantes, e exercem simultaneamente as profissões de cirurgião e de pharmaceutico.

Tẽem um livro de receitas, herdado de seus paes, que lhes serve para auxiliar a memoria, e d'elles colherem os maravilhosos segredos de curar toda a qualidade de doença. Applicam os remedios o mais das vezes sem saberem o *como* e *quando;* e não obstante verem morrer innumeraveis doentes, que lhes caem nas mãos, vivem todavia persuadidos da efficacia dos seus especificos universaes.

Para quasi todas as especies de enfermidades prescrevem rigorosa dieta, as bebidas e os cauterios; e sempre que lhes morre algum enfermo, attribuem a esse facto o ter elle comido alguma cousa de mais, ou deixado de tomar alguma beberagem, ou a não ter sido abundantemente cauterisado.

O gentio doente submette-se com toda a confiança entre as mãos d'estes facultativos improvisados, e nunca recorre

aos medicos *paclós*, *franguins* ou europeus, nem aos seus compatriotas christãos, porque a sua religião lh'o prohibe.

Se os medicamentos não produzem os effeitos desejados, recorre então ao botto, que vae ao pagode consultar o idolo por intermedio do *pórsado* ou adivinhação.

Quando, porém, as preces do botto não são attendidas, e o doente está nos paroxismos da morte, mettem-lhe na mão direita o rabo de uma vacca que, sendo de côr preta e leiteira, tem mais virtude, na persuasão de que a alma do moribundo transmigra para o ventre da vacca, passando d'este directamente para o seio de Narayana.

Logo que morre um gentio rico, os parentes reunem-se para proceder aos funeraes. Apressam-se em prestar-lhe os ultimos deveres, porque as pessoas da familia, e mesmo os vizinhos que moram no caminho por onde deve passar o *pret* ou cadaver para o *mossondy* ou cemiterio, não podem tomar alimento algum emquanto elle não estiver na sua ultima jazida. Por este motivo é que, a auctoridade portugueza, por portaria do governo geral da India, de 18 de agosto de 1838, permittiu aos gentios queimarem os cadaveres antes de vinte e quatro horas, conhecendo-se que não morreram de morte violenta.

Emquanto as pessoas encarregadas do funeral vão construir no mossondy, que demora nas proximidades da povoação, a pyra em que deve ser incinerado o morto, as mulheres da casa e as da vizinhança, que são convidadas para fazer *babaré* (carpir), estão lamentando em altos gritos o passamento do finado.

O botto, ou o maioral da casa, que preside á cerimonia, depois de tomar banho, colloca o defunto no *dorôbo*, que é um terreno bosteado de fresco, fronteiro ao *tulôssy* que estanceia no centro do *chouqui* ou pateo no interior da habitação.

Em seguida liga em torno do dedo annullar do cadaver uma hasteasinha da herva chamada *darbha*, que é reputada sagrada, e purifica a casa com aspersões de *panchagavia*. Depois, o parente mais proximo do extincto, pro-

nuncia uma prece, finda a qual põe em torno do feretro a herva sagrada, e accende num vaso novo de barro o fogo religioso, que é alimentado com bosta de vacca, secca e pulverisada.

Concluida esta cerimonia, recita mysteriosamente ao ouvido do morto as palavras da iniciação. O botto esconjura os astros para afastar as suas influencias funestas; evoca a alma do finado, e observa a constellação sob a influencia da qual elle passou d'este viver transitorio para a vida eterna; roga de novo a *Iama,* deus julgador dos mortos, lhe seja propicio, lhe perdoe as faltas, e se digne impedir as más influencias dos astros que presidiram ao fallecimento, por estarem persuadidos de que as estrellas são as palavras escriptas por Narayana no grande livro do Destino, onde os *zoixys* ou astrologos indianos encontram as verdades reveladas aos homens.

Terminadas as precedentes cerimonias, collocam o cadaver em uma padiola feita de bambu, e, coberto com um panno novo de algodão branco, é transportado para o mossondy por dois ou quatro gentios da classe do fallecido. Aqui, antes de o collocarem sobre a pyra, apertam-lhe o nariz, deitam-lhe agua no rosto, tocam-lhe no estomago e fazem-lhe grande estrepito aos ouvidos para se assegurarem de que não dá signal algum de vida.

Depois de deitarem sobre a meda de lenha aromatica algum batt, nachinim, gengibre, oleo de côco, bétle e areca, introduzem uma moeda de cobre ou de prata debaixo da pyra, ou na cova quando é enterrado, representando o preço da compra do terreno, e nella depositam o cadaver em completa nudez. Se tem de ser incinerado, o parente mais proximo é o primeiro que lança fogo á pyra emquanto os demais parentes vão lamentando a perda do finado, gritando em altas vozes por *Mahadeu,* no momento em que a caixa craneana estoira, como se fosse uma bomba de dynamite.

Quando a incineração do cadaver está concluida, recolhem as cinzas em um cestinho de bambu, o qual, passado o

tempo de luto, que é de dez dias, e depois de se purificarem com a pancha-gavia, vão lançar ao mar, ao rio proximo da localidade, ou as depositam em tumulos construidos para esse fim. Os hindús ricos vão de muitas centenas de kilometros deitar as cinzas de seus maiores ao rio Ganges, na cidade sagrada de Benáres ou Caxy.

As castas inferiores da sociedade hindú não queimam os seus mortos, nem submettem á cremação as mulheres que morrem durante a gravidez, as puerperas, os recemnascidos, e aquelles cujo obito se verifica antes de receber a cerimonia do *zanvem*, sacramento da confirmação ou chrisma, que consiste na collocação da linha de tres e mais fios, que os brahmanes usam ao tirocollo da esquerda para a direita do peito. Tambem não são submettidos á incineração os gentios que perecem de typho, de bexigas ou de cholera-morbus: estes são embrulhados em um grosso panno de algodão branco e enterrados.

Succedendo finar-se alguma gentia na occasião do parto, ou até ao decimo dia depois d'elle, isto é, antes de se ter purificado, é enterrada com repugnantes e selvagens cerimonias, para que o *Xetãn* ou diabo gentilico, que nella julgam habitar, não venha perturbar o repouso da familia. Estas cerimonias praticadas principalmente entre o vulgo hindú, consistem em cortarem as articulações dos membros superiores e inferiores da finada, em lhe cravarem um prego de madeira de cazeró *(Strichnos nux vomica)* no alto da cabeça onde presumem residir a alma indemoninhada, e em lhe taparem todas as aberturas naturaes do corpo com batoques da mesma madeira. Feito isto, abrem um buraco na parede da casa, por onde tiram o cadaver, tapando-o immediatamente para que o espirito maligno da finada não possa voltar a ella; acreditando que elle só pode reentrar na antiga habitação por onde tiver saido para o mossondy. Estas e outras praticas supersticiosas são executadas pelos hindús, conforme as localidades, as castas e o grau de civilisação que possuem.

Acontecendo fallecer em casa o chefe da familia em dia

presidido por constellação de mau agouro, abandonam todos a casa durante certo periodo de tempo.

Os membros da familia real de Sundem, que possue o seu *ravullá,* ou palacio de residencia, na aldeia de Bandorá da provincia de Pondá nas Novas Conquistas, bem como os gôlys, não queimam os seus finados. Em vez de os incinerarem enterram-nos assentados de cocoras, collocando junto d'elles um *pantim* acceso, um *potravoly* ou prato feito de folhas de bananeira e diversas armas de defeza. Esta nobilissima familia hindu tem um soberbo jazigo em Gosguy no centro de um famoso arecal, como mostra o desenho do natural, publicado no nosso livro intitulado — *A India Portugueza* — a pag. 60 do vol. II.

Os gôlys, como observámos algumas vezes, enterram os seus extinctos em profunda cova, e põem, como a familia de Sundem, junto d'elles alimentos e armas; depois mettem-lhe na bôca um tubo de canna, no qual vão diariamente deitar leite durante os dez dias de nojo.

O luto entre os hindús consiste em os homens cortarem o bigode e os cabellos, menos a madeixa chamada *chindin,* que todos usam no alto da cabeça; em não pintarem o corpo com *cucomb,* e em se absterem de alimentos assucarados e do uso do bétle e areca. No ultimo dia de luto toda a familia se purifica, fazendo então um grande banquete em honra do finado, o qual todos os annos se repete pelo anniversario do fallecimento.

As viuvas não são hoje queimadas vivas em holocausto chamado *Satty,* como antigamente nas pyras consumidoras dos restos mortaes de seus maridos; mas todas ellas devem renunciar ao mundo, rapar a cabeça, quebrar as *cancanãs* ou manilhas que usam nos pulsos e nos artelhos, vestir um panno branco, cobrindo com elle a cabeça como as mouras, as ranes, as dessaynas e as gôlynas. Não podem usar o mais insignifiante ornamento, nem comer mais de uma vez por dia; vivendo assim tristemente em perpetua viuvez, sob pena de infamia, e de serem lançadas fora da casta, passando á condição de pariás se infringirem esta lei.

Exceptuam-se as gentias que ficam viuvas antes de consummar o matrimonio, as quaes não podendo mais casar, é-lhes todavia permittido usar cabello, pannos de diversas côres e joias.

Apesar dos esforços humanitarios do governo inglez, ainda hoje se observa em algumas provincias do Industão, mais afastadas da acção civilisadora, o nefando rito da Satty.

Mas não são só os inglezes que se tẽem opposto a este uso. Já nós os portcguezes nos oppozemos a elle ha mais de tres seculos, tanto por meio da auctoridade civil como ecclesiastica. Por provisão de 30 de junho de 1560, o vice-rei D. Constantino de Bragança, mandou que as mulheres gentias se não queimassem vivas por morte de seus maridos ou por outro qualquer caso; e o terceiro concilio provincial de Goa, celebrado em 1585, pediu a sua magestade que repetisse o mandado, e ordenasse tambem que os gentios não obrigassem as viuvas a raparem as cabeças, mas que as deixassem em sua liberdade para se poderem casar, se quizessem.

Neste particular só agora, ha poucos annos, é que o governo inglez promulgou uma lei, permittindo os casamentos das viuvas, o que, todavia, acha grande resistencia nos gentios puritanos; existindo por isso muitos milhões de viuvas, que apenas gosam o direito da triste vida vegetativa, acariciada pelas auras balsamicas que se evolam dos *raens* ou florestas virgens, consagradas aos deuses gentilicos da mysteriosa India Oriental.

A morte para a maior parte dos gentios e dos selvagens americanos parece ser a continuação da vida, pelo motivo de depositarem no tumulo junto do finado as flechas dos combates, os utensilios da paz e as munições da jornada.

Para elles o sol da eternidade não se levanta com seus fogos pallidos por trás das avenidas longinquas, e nem a alma se espande nas glorias increadas. Na aridez de suas crenças fetichistas, depois da decomposição cadaverica, fa-

zem sair da morte a vida pela creação de entidades posthumas, e, com os olhos fitos no sepulchro que esconde o companheiro do lar, accendem a imaginação que o vê tal qual era antes da desapparição da vespera.

Lendas, tradições, usos, ritos, crenças religiosas e politicas revelam taes affinidades entre povos os mais afastados, que conduzem o observador a pensar que, a humanidade, saindo da natureza, sobe a montanha da civilisação; mas que no caminho ascendente, se uns a exploram em busca da verdadeira luz, outros, de perturbado espirito, lá ficam nas cavernas humidas ou nas florestas selvaticas sem pertencerem á historia.

Nas festividades e ritos concernentes aos funeraes, vemos antes de tudo a anthropophagia, seguindo-se após a cremação, usada ha milhares de annos pelos castas indo-orientaes e hoje introduzida na Europa; a exposição dos cadaveres sobre as arvores, ou em madeiros atravessados na bôca de profundos poços, em que os restos mortaes dos persas são devorados pelas aves de rapina; a mumificação mais usada pelos egypcios, e o enterro. Entre algumas nações selvagens, as mutilações e as deformações da pelle são frequentes em signal de pezar. Depois vieram os prantos e lamentações em altas vozes, como ainda se usa entre os povos indiaticos, os selvagens no Brazil e em muitas povoações sertanejas de Portugal; os sacrificios parciaes dos escravos e das viuvas pelo chefe da familia; e mais tarde a hecatombe dos prisioneiros de guerra e de parte de uma população, nos funeraes dos reis e de personagens illustres, como em Dahomé e outras regiões africanas.

Comparados os enterramentos, pode até certo ponto medir-se por elles o desenvolvimento mental de nacionalidades diversas. Assim é que, a primeira forma do tumulo exprimindo uma ideia, devia ser a dos vasos de terra, como a *igaçaba* brazileira e a *samadhí* asiatica em que populações de diversos continentes, posteriormente ao processo da mumificação egypcia, enterram os seus extinctos.

Ao ver entreabertas essas toscas *fonddas* ou sepulturas

na phrase concani, dois pensamentos acodem ao espirito: ou de alguem acocorado em frente de uma fogueira para afugentar o frio de morte, ou de um feto no claustro materno.

A uniformidade da posição, os instrumentos que se acham dispostos em frente do *haddaucho-pauzero* ou esqueleto, a igual configuração d'essas rudes urnas, collocadas quasi sempre á beira dos rios, agrupam-se de modo, que bem manifestam a ideia da contingencia da vida, unica admittida pelas tribus selvagens do Brazil, da Africa, da Oceania, dos Estados-Unidos do Norte Americano, e das castas inferiores do Oriente.

Parece ser a glorificação da materia em todo o seu esplendor, tendo no presente o futuro e o passado, ou para melhor dizer: *possuir o seu Destino na terra.*

O homem verdadeiramente instruido, de todos os tempos e de todas as crenças religiosas, pensa que a existencia não teria nenhum valor, se o fim de tudo fôsse a morte physica; e, invocando a divindade, exclama:

— «Ó Deus! Vós que sois a um tempo a sabedoria e a bondade infinita, não podeis pôr na vossa sabedoria privilegiada esta dolorosa contradição. E já que a necessidade de chegar á plenitude é absolutamente invencivel, e a difficuldade de a encontrar na terra absolutamente insuperavel, em nome d'essa sabedoria e d'essa bondade, que presidiram á creação, eu posso exclamar, sem receio de me enganar: Não, o meu *Destino não é na terra* onde o homem vive entre lagrimas e sorrisos, e mais dores que prazeres!»

Os indigenas brazileiros Mundurucús, os Mauhés e os Muras não depositam seus mortos em jazigos, mas enterram-nos no chão, debaixo da rede, na *malóca* deshabitada no caso de fallecimento. As demais tribus, pelo contrario, collocam os finados em igaçabas, cuja forma é semelhante á do jabuti.

Ás inhumações, á cremação, e á collocação dos cadaveres em *dhupes* ou jazigos, precede sempre, como dis-

semos, a dôr funeraria, manifestada pelo córte dos cabellos, pelos alaridos, a tatuagem e as festividades; avaliando-se a intensidade das expansões de condolencia pela posição que o extincto occupava na sociedade, no seu gará, ou na sua malóca.

Quem poderia curtir a saudade que nos causa o passamento de uma pessoa querida, se acreditasse que com ella tambem perderia a esperança de não mais tornar a vel-a, que havia de sumir-se na terra, sem que, ao menos, o seu espirito deixasse de nos ir esperar nessas regiões sideraes que a nossa crença religiosa nos aponta?

Manifestamente, mais alto é o Destino do homem, mais sublime é a sua funcção na creação.

Elle, que é espirito e, como tal, tem capacidade de conceber, aspirar e procurar o immaterial e o infinito, evidentemente tem uma destinação superior, um destino verdadeiramente transcendental, se é que deve ultrapassar todas as fronteiras do material e do finito.

Eu não posso comprehender como um homem que reflecte ácerca da sua propria condição, pode supportar os pezares e as difficuldades d'esta vida sem uma profunda fé em Deus, unica que conservamos vivida e animadora desde a infancia, porque nunca a discutimos, para que não deixe de illuminar-nos como todas as outras que jazem apagadas na profundidade da nossa consciencia.

XIV

DESCOBERTA DO BRAZIL

Depois da Hespanha é evidentemente Portugal a nação que mais activamente contribuiu para a descoberta e exploração da *India Occidental* ou *Americana,* tanto do sul como do norte.

O segredo da facil acclimatação dos portuguezes e dos hespanhoes em todos os climas, e do seu poder excepcional de colonisação, está inteiramente ligado ao facto da fusão da raça aryana com outras raças e sobretudo com a raça semitica, que subsiste, superior a todos os contratempos e a todas as modalidades sociaes, mostrando uma força de caracter verdadeiramente espantosa.

Como affirmamos na nossa carta XLIX, escripta no Perú em agosto de 1883, a vida historica dos Portuguezes na America correu sempre parallela com a vida historica dos hespanhoes, e tanto uma como outra civilisação politica estão marcadas com o mesmo sinete.

Os nomes de Pedro Alvares Cabral, dos Côrtes Reaes, de João Alvares Fagundes e de Fernão de Magalhães, são padrões immorredouros que se levantam triumphantes, documentalmente evidenciados, no campo da geographia e da historia.

O intuito de encontrar pelo occidente alguma passagem que os conduzisse á India descoberta por Vasco da Gama,

ou para melhor dizer, ás terras do *Cathayo* e *Cypango* — a China e o Japão — indicadas nos escriptos de Marco Polo, Pedro de Ailly e Mandeville, levou Alvares Cabral a descobrir a America do Sul, os Côrtes Reaes e Fagundes a do Norte, e mais tarde o intrepido trasmontano Fernão de Magalhães, ascendente do nosso velho amigo sr. conde de Arriaga, a procurar uma passagem pelo rio da Prata, e depois pelo estreito, a que deixou vinculado o seu nome.

Para a descoberta da *India Occidental,* partiu do Tejo, em 9 de março de 1500, Pedro Alvares Cabral, que, aproando a oeste, avistou pelos fins de abril, terra desconhecida, indo fundear numa pequena bahia que denominou *Porto-Seguro*. Compunha-se a armada deste esforçado marinheiro portuguez de dez naus e tres navios pequenos com mantimentos. Foram por capitães das naus, além de Alvares Cabral, Simão de Miranda, Sancho de Toar, Braz Mattoso, Vasco de Athayde, Nuno Leitão da Cunha, Simão de Pina, Nicolau Coelho, Pedro de Figueiredo, Bartholomeu Dias e Diogo Dias; e por capitães das embarcações que levavam os mantimentos, Luiz Pires, Gaspar de Lemos e André Gonçalves.

P. Alvares Cabral saiu em terra, fez arvorar uma cruz em logar elevado e mandou armar um altar, onde se disse missa, a que assistiu toda a guarnição; sendo em seguida tomada a posse solemne d'aquella terra, sob a denominação de *Santa Cruz* ou *Vera Cruz* em memoria da grande festividade que a egreja catholica celebra no dia 3 de maio.

Aquelle vasto dominio, actualmente chamado — *Republica dos Estados Unidos do Brazil* — estende-se desde 5° 10′ de latitude N. a 33° 46′ 10″ de latitude S. e desde 8° 21′ 24″ de longitude E. a 32° de longitude O. do meridiano que passa pelo observatorio do Rio de Janeiro; e divide-se em quatro largas zonas agrologicas e climatericas a saber:

1.ª — *Zona meridional,* composta das provincios do Rio-Grande-do-Sul, Santa Catharina e Paraná, que é a mais importante zona das sávanas e da creação de gados;

2.ª — *Zona central,* formada pelas provincias do Rio de

Janeiro, S. Paulo, Matto Grosso, Minas Geraes e Espirito Santo, que é a principal região do café;

3.ª — *Zona oriental,* abrangendo a Bahia, Goyaz, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande-do-Norte e Ceará, que é a zona por excellencia do assucar, côco, algodão e tabaco;

4.ª — *Zona septentrional,* comprehendendo Piauhy, Maranhão, Pará e Amazonas, constituindo a zona das materias extractivas.

Além da excellente aptidão para crear os generos principaes da industria agricola acima indicados, são todas as provincias brazileiras mais ou menos aptas para produzirem em larga escala não só as plantas indigenas mas as exoticas dos diversos climas do mundo. Emfim, o Brazil é um paraizo onde simultaneamente encontrámos, como jámais vimos reunidas em outro paiz: *terreno fertilissimo, agua potavel, laranjas* e *hospitalidade.*

Sendo um dos Estados mais amplos depois da Russia e da China, offerece climas mui differentes conforme a latitude dos logares e as condições orographicas, hydrographicas e florestaes.

Entretanto o calor predomina na maxima parte da sua área, sobretudo na zona septentrional em que o thermometro centigrado attinge muitas vezes, no estio, durante o dia, 33°.

Se exceptuarmos alguns pontos do littoral maritimo e fluvial, mórmente a capital da Republica e a cidade de Santos, onde, em certas épocas do anno, reina a febre amarella e outras enfermidades, o clima do Brazil é, em geral, saudavel.

As provincias meridionaes, a partir do tropico de Capricornio, possuem um clima sadio e temperado; o mesmo acontece nos planaltos ou *araxás* das provincias de Matto Grosso, Goyaz, Minas-Geraes, e nas regiões de Petropolis, Theresopolis, Nova Friburgo e Tijuca, da provincia do Rio de Janeiro. Nestas zonas, o thermometro, raramente se eleva a mais de 32°, assim como quasi nunca desce de 16°.

O *minimum* é quasi sempre em julho, e o *maximum* em fevereiro.

A maior média diurna, em fevereiro, é de 27°,13 centigrados. A menor, em julho é de 19°,63; e a média do anno 23°,42.

Na cordilheira do *Itatiaia*, a mais elevada do Brazil, que tem 2:994 metros de cota, bem como nas provincias de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e nas planicies do Rio-Grande-do-Sul, o thermometro desce algumas vezes, no inverno, a 3° centigrados abaixo de 0°.

No Brazil ha apenas duas estações distinctas: a estival e a pluviosa, durante as quaes vem as chuvas com intervallo de seis mezes. Ao norte é em setembro que se dá o periodo chuvoso; e ao sul, é em março.

No valle amazonico a temperatura atmospherica é o mais das vezes de 28° a 29°. Raras vezes desce abaixo de 25°; mas tambem poucas vezes é superior a 33°.

A variação oscilla entre 8° e 12°. Esta uniformidade de temperatura, e a pouca intensidade das variações thermometricas influem muito sobre o caracter dos habitantes, que é bondoso.

O clima quente e humido da zona septentrional é muito mais saudavel do que se poderia suppor, e do que alguns viajantes o tem descripto. Esta notavel condição de salubridade é devida em grande parte, como presenciámos em a nossa viagem, á acção quasi constante da corrente dos ventos geraes, que sopram uniformemente de E. para O. entrando pela larga embocadura do Amazonas.

Nicolau Coelho, que dois annos antes havia estado na India com Vasco da Gama, sendo por Pedro Alvares Cabral encarregado de explorar o paiz em questão, encontrou gente parda de cabello corredio, mansa e muito simples, como a que tinha visto no Oriente, a qual vivia em choças; mas que ninguem da expedição poude entender. Esta gente selvagem, pertencente a uma raça bastante semelhante á indiana, vagueava pelo littoral e pelos sertões cobertos de opulentissimas florestas virgens.

Em duas familias principaes se podem dividir os autochtones brazileiros: a *tapuya,* que habitava de preferencia o norte; e a *tupi* ou *guarany,* que dominava uma grande parte do littoral e o sul. A maior parte d'elles viviam no primitivo estado caçador; andavam nús como os pariás e begarins da India; mas, em vez do *langotim* indiano, usavam garridos enfeites de pennas na cintura e na cabeça, pintavam, tambem como os orientaes, o corpo com côres variegadas, e traziam por ornato nas orelhas e nos beiços, como ainda hoje usam os botocudos, ossos e pedaços de madeira de grandes dimensões. A liberdade era nelles uma natural tendencia, na defesa da qual muitas vezes sustentavam guerras incarniçadas, que terminavam por banquetes, em que os vencidos eram trucidados no meio de ruidosas orgias. O seu culto, como já fica dicto, consistia numa mescla de crenças e superstições. Adoravam como divindade superior o *Tupá,* sacrificando-lhe nas invocações victimas humanas, seus inimigos. As suas armas consistiam, como ainda hoje, no arco e nas flechas, bem como na clava, chamada *tacape,* que manobram com pericia.

Modernamente, os indios brazileiros, foram classificados em tres raças diversas, a saber:

1.ª — O indio escuro grande.

2.ª — O indio mais claro, de estatura mediana.

3.ª — O indio mais claro, de estatura pequena, peculiar á bacia do Amazonas.

O primeiro é considerado um tronco primitivo; os dois ultimos como raças mestiças filhas do cruzamento d'aquelle tronco com o branco. Estes cruzamentos são antigos e deviam dar-se muitos centos de annos antes da descoberta da America por Christovão Colombo, em 1492; isto é, dez ou doze annos depois do piloto portuguez, Affonso Sanches, natural de Cascaes, que casualmente aportou á America, em 1480, como referem alguns escriptores antigos e modernos, e segundo outros em 1484, impellido pela corrente oceanica, que, partindo das regiões polares austraes, vem no Atlantico passar diante do Congo, voltando, depois de

contornar o golpho da Guiné para oeste sobre o Equador, onde se bifurca no meio do Oceano, descendo um dos ramos ao longo da costa do Brazil, como dissemos na nossa 3.ª das 52 cartas sobre a *America Austral,* que tivemos a honra de offerecer á Sociedade de Geographia de Lisboa, as quaes serão a seu tempo publicadas com centenas de desenhos illustrativos tirados do natural pelo auctor destes apontamentos.

Os cruzamentos recentes das raças em todas as povoações americanas vae fazendo surgir uma população nova, esses mestiços tão vigorosos, quanto intelligentes e aptos para os rudes trabalhos d'aquelle clima. A theoria da evolução provará que os elementos não indigenas, o sangue caucasico ou o africano, já predomina nos povoados. O autochtone puro, o indio primitivo, vae desapparecendo, deixando atrás de si uma descendencia mais docil, mais viva, mais inclinada ao influxo da civilisação. É a lei da evolução, interpretada modernamente pelo desenvolvimento da anthropologia, a qual no dizer do sr. dr. Ladislau Neto — nos demonstrará que o organismo do homem, a sua natureza tão complexa, a sua tão complicada linguagem, e ainda mais, a sua assombrosa potencia intellectual, nada mais são que o resultado de um aperfeiçoamento progressivo, tão lento, tão longo, que o não podem computar os calculos da mais elevada intelligencia, nem seria capaz de aprecial-o ou de determinal o o mais perspicaz investigador da natureza.

Os mais illustres doutrinarios das leis da evolução ainda não chegaram a elucidar o lado mais importante d'esta sciencia, o qual é a selecção intellectual do genero humano ou o seu desenvolvimento psychologico, a que mais acertadamente chamariamos evolução social.

Não ha duvida que a intelligencia humana se tem desenvolvido muitissimo desde o homem habitante das cavernas e houris indianos até aos nossos dias; mas seria talvez preciso para mais clareza no ensinamento do transformismo prestabelecer e tornar bem patente uma sub-divisão dis-

tincta para essa selecção psychica, que é a parte mais importante do aperfeiçoamento do homem — esse mais completo e mais adeantado representante da escala zoologica.

Estudados detidamente os organismos na sua ascendencia gradual, e bem apreciadas as qualidades superiores que logrou adquirir a raça indo-germanica, maxima expressão do aperfeiçoamento humano, observa-se segundo os transformistas maior differença entre os mais cultos e mais bellos typos d'esta raça, e os mais imperfeitos e rudes individuos humanos, do que entre estes ultimos e os gorillas e chimpanzés; e assim collocados neste terreno de indagação, — dizem os transformistas — facil seria comprehender a serie ascencional, não em linha recta, mas por essa especie de ramificação genealogica que teve de percorrer a individualidade humana, desde os animaes inferiores, desde os organismos cellulares, até áquelle homem primitivo, entidade anthropomorpha primordial de que não encontraremos tão cedo provavelmente a ossada fossilificada.

Aonde estará a verdade real e positiva a respeito d'esta theoria?

E qual é a verdadeira situação do homem perante as creaturas que o rodeiam?

O homem, confessam-o todos, está no mais alto grau da hierarchia dos seres, que vemos no mundo terrestre.

E não sómente — diz um notavel escriptor — elle occupa o vertice da hierarchia, mas tambem é o centro d'ella; porque tudo converge para elle, e, concentrando-se, vem resumir-se e abreviar-se nelle.

Cada ser, desde o mais distanciado até ao mais proximo do homem, é coordenado em relação a um termo que deve attingir, a uma funcção que deve desempenhar.

Este phenomeno da coordenação universal de todos os seres em relação á sua funcção propria e ao seu fim relativo, é a mais brilhante demonstração da existencia do Ordenador divino.

O mundo visivel é a revelação universal do que os philosophos denominam causas finaes; e, para os que não cer-

ram os olhos á irradiação da evidencia, refulge ahi a finalidade, como a luz do sol.

Se quizessemos penetrar nos abysmos do espaço, para ahi buscar o segredo da harmonia sideral ou do concerto dos mundos, como seria facil demonstrar, em plena luz, como cada astro do firmamento tem sua funcção predestinada neste mechanismo dos mundos, que um sabio denominou com razão a *mechanica celeste*, e como é chamado a desferir a sua nota propria neste concerto vasto e harmonioso!

Como é evidente que a lua tem uma missão providencial a cumprir em relação á terra, uma outra em relação ao sol! e como é mais manifesta ainda a que o sol tem, com relação a todos os satellites, a funcção de lhes enviar a luz, calor e fecundidade!

E quem poderia deixar de ver como, neste mundo inferior, tudo é creado para um fim a attingir, para uma funcção a realisar, como todas as espheras do ser estão coordenadas, umas em relação ás outras, como o reino mineral está para o reino vegetal, como o reino vegetal está para o reino animal, e como estes tres reinos da natureza sobrepostos estão para o homem, que os resume em seu corpo, os abrevia e concentra?

Os cruzamentos modernos no Brazil tomaram diversas denominações consoante os troncos progenitores. O indio e o branco produziram uma raça mestiça, excellente pela sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e privações como a raça semitica: é o *mameluco*, tão justamente celebre na historia colonial da capitania de S. Vicente. O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma famosa raça mestiça, de côr azeitonada, cabellos corredios, intelligente, com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente, e que é conhecida no norte do Brazil com o nome de *cafuz*, e no sul com a denominação de *caboré*.

Os caracteres physicos, que subsistem da raça indigena n'estes dois mestiçamentos, são: a cabeça, que conserva a

depressão da testa, e a estructura approximando-se da do indio; a vellosidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes; as orbitas e o malar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo; o cabello corredio e extremamente negro; a barba preta e mui rara. No corpo, a solida e vasta estructura do tronco, a largura das espaduas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculatura e a delicadeza das extremidades, são traços que resaltam logo á vista do observador.

O cruzamento d'estas raças, ao passo que misturou os sangues, cruzou tambem a lingua portugueza, sobre tudo a linguagem popular.

Assim como muitos seculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanskrito e o quichúa, se encontram nesta ultima lingua os vestigios d'aquella familia; assim tambem d'aqui a dois mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes brazileiros a mais leve apparencia d'essa raça indigena, que ainda hoje predomina talvez em uma quinta parte do solo das *Terras de Santa Cruz,* ahi estarão na lingua por elles modificada os immortaes vestigios de sua coexistencia e communhão com os portuguezes.

XV

LUZO-BRAZILEIROS E HISPANO-AMERICANOS

Entre os mestiços descendentes dos hespanhoes e os brazileiros descendentes dos portuguezes, notam-se em seus costumes, em seu caracter nacional e na estructura da sua linguagem, muitas differenças que explicam perfeitamente, pela constituição ethnographica de portuguezes e hespanhoes, a existencia autonoma e independente da republica brazileira e das republicas hispano-americanas, assim como a de Portugal e Hespanha.

O typo portuguez é tão differente do typo hespanhol, que não é preciso ser dotado de grande espirito de observação para distinguir á primeira vista os individuos dos dois paizes.

Em todo o tempo tem havido uma especie de incompatibilidade entre os habitantes de Portugal e os da parte central e oriental de Hespanha, como entre os brazileiros e os platinos.

Se remontarmos aos tempos préhistoricos — diz o illustre professor, sr. conselheiro Silva Amado: *L'Ethnogénie du Portugal,* Lisboa, 1880 — ás idades da pedra, do cobre e do bronze, acharemos monumentos differentes no leste e oeste de Hespanha, que indicam sem duvida a coexistencia de povos pertencendo a raças e a civilisações diversas.

Em o norte e o oeste da peninsula, e sobretudo na Galliza e em Portugal, os monumentos mégalithicos são muito numerosos, emtanto que a leste elles faltam absolutamente e são substituidos pelas construcções cyclopianas.

Além d'isto, a lingua dos Bascos é tão differente da de todos os povos da raça indo-europea que indica a longa residencia na peninsula de um povo de uma raça não aryana que a transmittiu, com grandes alterações sem duvida, a seus descendentes.

O caracter agglutinativo do basco faz lembrar a lingua turana, bem como a samoyedica, a finneza, a magyar e certos idiomas americanos.

O notavel professor Mr. Max Müller, classificando todas as linguas humanas em tres grandes secções: linguas monosyllabicas, linguas de agglutinação e linguas de flexão, classificou as linguas americanas nas de agglutinação; sendo o seu typo a lingua turana. O portuguez, e, em geral, as linguas europeas, o sanskrito e o hebraico têem o seu typo nas linguas de flexão.

Assim como se sabe que o crystal de rocha não podia ser formado na mesma época em que se geraram os vegetaes e os animaes nossos contemporaneos, assim tambem se ha de conhecer que as linguas neste ou naquelle estado, as ideias religiosas e moraes em maior ou menor grau de perfeição, pertencem a periodos de desenvolvimento intellectual onde tudo se encadeia, se harmonisa, e se filia nos phenomenos physicos e nos grandes periodos geologicos.

O estudo comparado das linguas americanas começou ha poucos annos e tarde se esclarecerá completamente este assumpto. O philologo peruano, dr. J. Fernandes Nodal, publicou em Cuzco (1872) os *Elementos de grammatica quichua ou idioma de los Incas,* facilitando muito a comparação d'essa curiosa lingua americana com o sanskrito, e fazendo ver que, uma raça aryana, estivera largamente em cruzamento com os indios americanos, e os Incas, ou seus progenitores, eram filhos dos planaltos da Asia Central, onde encontrámos os gopallas.

No Brazil ainda se ignora se existe alguma lingua que possa ser classificada como tendo affinidades com o sanskrito; se a ha — dizem notaveis escriptores brazileiros — o *guaicurú* deve ser uma d'ellas. Entretanto, os nossos conhecimentos estão ainda muito atrazados para que se possa, com justa razão, affirmal-o ou negal-o.

A descripção dos caracteres physicos e moraes dos Iberos feita por auctores antigos, representa-os como homens de côr morena, cabellos negros, abundantes e crespos, de pequeno talhe, grande vivacidade, corajosos, resistindo facilmente ás fadigas, ás intemperies, fieis e dedicados a seus chefes; suas mulheres, igualmente energicas como elles, arrostam intrepidamente as dores do parto, e apenas dão á luz, cedem o leito a seus maridos e os servem, como fazem as indias amazonenses. Estas qualidades, porém, são actualmente depreciadas pela ignorancia e pelo fanatismo religioso que predomina na massa do povo.

O sr. E. Castellar diz que os seus compatriotas têem as qualidades dos tempos épicos, audacia, heroismo, fé exaltada, afan nos combates, mas que carecem das qualidades menos esplendidas, sem duvida, porém mais fecundas, dos tempos modernos, a ordem politica, a paciencia, o amor da legalidade, o culto pelo trabalho e pelo direito.

Os hespanhoes desempenharam nos seculos passados um grande papel, que foi o de matar o fanatismo mouro com o seu exaltamento christão.

Os hespanhoes e seus descendentes americanos têem uma exaggeração, que não está na indole dos portuguezes e dos seus descendentes brazileiros.

Os primeiros amam a *revolução* e possuem a impetuosidade, que quasi sempre obsta ao bom exito das emprezas; os segundos preferem a *evolução,* que é a ordem, condição essencial para o desenvolvimento material e moral de um paiz, sejam quaes forem as instituições que o rejam. É com o socego que os brazileiros e portuguezes tudo conseguem, até a mudança das suas instituições politicas sem derramamento de sangue, como ahi estão a *Restauração*

da Independencia de Portugal, em 1 de dezembro de 1640, e a proclamação da *Republica dos Estados Unidos do Brasil,* em 15 de novembro de 1889, a dar testemunho da verdade perante a historia.

O grande segredo do brazileiro, como o dos seus progenitores, consiste em saber esperar a pé firme os acontecimentos sem os recear; passando ás vezes por indolente e insensivel na opinião de injustos ou mal informados escriptores, emquanto que só é corajoso e digno de consideração e dos maiores louvores, porque sabe ser forte e ser benevolente para com os que têem de reconhecer essa força.

O povo portuguez e o brazileiro, possuindo a constancia nos revezes, que foi o santelmo que illuminou os soldados portuguezes no Oriente e os brazileiros no Paraguay, e nas luctas contra francezes, inglezes, hollandezes e hespanhoes, ainda conservam o timbre, a altivez de animo e a fé na paz e no trabalho nacional, que é o unico elemento em que podem repousar inabalaveis a estabilidade e o progresso das duas heroicas nacionalidades.

Emfim, para que a *America do Sul* podesse vir a ser tanto ou mais importante — porque é nova e vigorosa — do que a *India Oriental,* precisava possuir, pelo menos, 100 milhões de habitantes, praticar como esta a alta sabedoria de seus legisladores para os governar, e manter, como mantem, illesas as tradições cavalheirosas de seus maiores, e as crenças em tudo que é grandioso, nobre e patriotico.

Em conclusão diremos: — que, nos autochtones do *Oriente* e *America,* se observa a mesma feição ethnica e sociologica, a mesma simplicidade e bondade, o mesmo retrahimento para com os europeus de quem desconfiam pelos maus tratos que d'elles têem recebido, e, com pequenas differenças, os mesmos usos e costumes;

— que não se sabe ao certo se foram os asiaticos os primeiros a passar para a America, se os americanos a emigrarem para a Asia;

— que os primitivos indigenas asiaticos, representados pela familia gôlyna ou gopallas e os gaúchos e vaqueiros americanos tẽem, no fundo, os mesmos caracteres ethnicos e o mesmo dynamismo psychico;

— que portuguezes e brazileiros tẽem aptidões e sentimentos iguaes áquelles que animam os povos das principaes nações da Europa, e possuem em grau eminente os predicados de trabalho intelligente e perseverante, de grande energia e de parcimonia. O seu systema de vida é como o da formiga;

— que o povo portuguez — onde mais vivamente palpita a alma da nação exigua em territorio, mas livre e independente ha cerca de oitocentos annos e apenas com tres milhões de habitantes — excedeu sempre em audacia a todas as gerações anteriores á sua constituição politica, e nunca até agora foi excedido, não obstante achar-se hoje enfraquecida a cadeia de tradições verdadeiramente épicas;

— que á remota distancia da *pralaya* indiana, os individuos se confundem nas familias, as tribus nas raças, as raças nas nações, e as nações no principio da humanidade, cuja origem será para nós desconhecida, em quanto os homens de talento e os trabalhadores infatigaveis não chegarem a desvendar este segredo, que Deus não tem permittido até hoje descobrir;

— que, finalmente, Portugal pode gloriar-se de ter produzido dois grandes filhos: CAMÕES — auctor da nossa sublime epopea inspirada no *Oriente* — e o BRAZIL, a mais vasta e encantadora região da *America*.

INDICE

I — Autochtones.................................... 1
II — Descoberta da India Oriental...................... 5
III — Goa, capital da India Portugueza................... 9
IV — Divisão da população indigena..................... 13
V — Gaumponas ou communidades agricolas............. 23
VI — Arroz.. 29
VII — Portugal e colonias................................ 35
VIII — Theogonia dos indios............................ 43
IX — Avatares de Vishnú............................... 53
X — Templos hindús.................................... 67
XI — Gopallas e gaúchos.............................. 77
XII — Casamentos.. 93
XIII — Funeraes.. 101
XIV — Descoberta do Brazil............................ 111
XV — Luzo-brazileiros e hispano-americanos............. 121